

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 2 - Número 13 - Agosto de 1997

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura

Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Meceni** e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil

Analy Alvarez

Efrên Colombani

Luiz Amorim

Vera Nunes

Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 2 - número 13 - Agosto de 1997

Supervisão geral: Tatiana Belinky

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S.A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua da Consolação, 2333, 9º andar, São Paulo - SP
CEP 01301-980/ Tel.: (011) 258-7445 - Fax.: 259-9495

EDITORIAL

No jogo do “faz-de-conta”, que permite a entrada da magia na realidade e vice-versa, a essência da sobrevivência humana. O que seria da criança, o futuro adulto, se não houvesse o sonho e a fantasia? O que seria da arte, do teatro principalmente, sem o “faz-de-conta”?

Nesta edição, a Teatro da Juventude o presenteia com o **Teatro de Sombras**, autêntico “faz-de-conta” e uma das mais antigas manifestações de criatividade. Aplicado à pedagogia, o Teatro de Sombras propicia a convivência em grupo, o lazer e, bem orientado, pode transmitir conhecimento e comportamento adequado às crianças.

Quem assina a seção *Como Fazer Teatro de Sombras* é Daisy Nery, atriz, pedagoga, diretora de teatro e artista plástica. Daisy tem se dedicado ao ensino e ao fazer do Teatro de Sombras e de Bonecos. No artigo, além de traçar um breve histórico sobre o assunto, ensina a montar o estrutura do teatro e exemplifica com desenhos de silhuetas. Inclusive sugere figuras para serem utilizadas no texto **Crocodilo do Nilo**, de Zeca Capellini, Cláudia Dalla Verde e Lica Neaime, apresentado nesta edição e que tem por temática a consciência ecológica.

Outro texto infantil, **O Violino Mágico**, de Júlio Fischer, teve mais de cem apresentações no TBC e, na época (1983), foi cotado como um dos melhores espetáculos infantis da temporada. Traz por tema o respeito ao talento e vocação das crianças.

Quanto ao texto para adolescentes, você conhecerá o **Feitiço dos Deuses**, de Marilu Alvarez, uma interessante metalinguagem com adolescentes preparando-se para encenar uma peça no colégio. Abordando situações típicas desta faixa etária, permite a participação de, no mínimo, sete atores, sendo um músico.

Finalmente, para amadores adultos, o texto clássico **Nó de Quatro Pernas**, de Nazareno Coutinho. Tendo obtido o 1º lugar em um Concurso de Dramaturgia (Belém PA), com votação unânime de Pascoal Carlos Magno, Eneida de Moraes e Benedito Nunes, a peça estreou no Rio de Janeiro em 1961, fez carreira nacional com grupos amadores e profissionais e foi traduzida para o alemão. Coutinho é autor ainda de premiada *Severa Romana*, da censurada *Lei é lei e está tudo acabado*, da comédia *A greve do amor*, *O herói do seringal*, *Fogo Cruel em Lua de Mel* e *Amor de louco nunca é pouco*. **Nó De Quatro Pernas** é uma comédia na qual, por meio de uma temática inócua de duplo adultério, consegue, com perspicácia, mostrar conflitos universais entre o poder da igreja e riqueza, aqui representada pelo coronelismo; abordar preconceitos burgueses e trazer à tona comparações entre a velha e a nova igreja, tão em voga na época.

Finalmente, na seção Livros, a utilíssima obra de Maria C. Novelly, **Jogos Teatrais – Exercícios para Grupos e Sala de Aula**, dirigida para educadores que pretendem incorporar as artes cênicas em seu programa de ensino. Bem didático, contém cerca de 50 atividades que visam estimular a criatividade e o desenvolvimento do jovem e não exige, do educador, experiência anterior em teatro.

Erné Vaz Fregni

PARABÉNS À TEATRO DA JUVENTUDE

 *Gostaria de externar minha satisfação em tomar conhecimento de tão brilhante iniciativa em benefício da cultura e, ao mesmo tempo, aproveito para parabenizá-lo (Marcos Mendonça – Secretário do Estado da Cultura) pelo excelente trabalho à frente da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo em um País que tem se caracterizado barbaramente pelo desapego e total abandono às mais simples manifestações de nossa arte. Sou professor de psicomotricidade e teatro na cidade do Crato, sul do estado do Ceará, rincão que tem se destacado, apesar das inúmeras dificuldades, como pólo de fomento das artes para todo o interior do estado. (...) Solicito exemplares já publicados da coleção TEATRO DA JUVENTUDE, como também de publicações similares. (...) Temos várias oficinas de artes, envolvendo teatro, fantoches, recreação etc. ajudando (...) no desenvolvimento cultural e pessoal de inúmeras crianças, principalmente as menos favorecidas.*

*Luiz Benui Taveira – professor
Crato – CE*

 *Infelizmente só tive contato recentemente com um exemplar da revista TEATRO DA JUVENTUDE, através da Delegacia de Ensino de Piraju. Fiquei encantado pois a qualidade do texto me surpreendeu de forma agradável. E, ao mesmo tempo, passou-me uma pontinha de decepção quando vi “ano 2, número 10” – e por*

que só agora a revista me caiu nas mãos? Nossa escola trabalha muito com teatro (...) e a revista poderá nos instrumentalizar com as orientações e dicas. Gostamos e necessitamos muito dela. Solicitamos que nos enviem os próximos números e, se possível a coleção toda. Parabéns à equipe e ao governo Covas. Teatro é instrumento de Educação! E muito mais... é porta aberta para os nossos devaneios e a arena diária para os exercícios de construção de nossa verdadeira liberdade.

*Milton Salto – Vice-diretor
Escola Estadual de 1º e 2º Graus
“Monsenhor José Trombi”
Fartura – SP*

 *Queremos parabenizá-los pelo incrível dinamismo com que vocês vêm trabalhando pela arte de representar. É de suma importância a continuidade do apoio de vocês a nós, grupos amadores sempre em busca de novidades. Não é segredo para ninguém o sufoco que nós, atores amadores enfrentamos pelos caminhos que seguimos. Muitos grupos nascem aleatoriamente, depois buscam apoio... Nem sempre encontram, então desistem. Gostaríamos de continuar a receber esta excelente revista para que, desta forma, possamos cada vez mais, lutar pela imortalidade do teatro. Agradecemos o apoio.*

*Eduardo Duran – diretor
Grupo Acadêmico de Teatro Amador – GATA
Tupã – SP*

Em nome de todos os autores de teatro e gente que vive e ama o teatro, quero agradecer de coração pelo trabalho e divulgação que a TJ vem realizando, divulgando novos autores e aqueles já consagrados. Parabéns pelo trabalho, esperamos que não termine e que o país tome como exemplo essa iniciativa. Obrigado.

*Domigos Charik – ator, autor e técnico de luz.
São Paulo – SP*



A Secretaria do Estado da Cultura, através de seus representantes, está de parabéns por reeditar a obra-prima TEATRO DA JUVENTUDE. Foi pelo Secretário de Cultura de Mogi Mirim, sr. Carlos Alberto Rodrigues de Lima que tivemos a felicidade de ter acesso a esta conceituada revista de teatro. O interior do estado é muito carente de informações, principalmente no que se refere a publicações da área cultural. Para quem trocou os grandes centros pela oportunidade de desenvolvimento de um trabalho de formação de jovens no interior do estado, o recebimento destas revistas é um presente dos “deuses”. Por tudo isto, gostaríamos que nos enviassem a coleção da revista (inclusive os números atrasados). Somos da Companhia Teatro Zelândia, fundada em Mogi Mirim em 1976 e temos como características primordiais a investigação de estéticas e a formação de atores. (...) Nestes 21 anos de atividade produzimos muitos espetáculos (...). Neste ano de 1997 muitos projetos estão sendo elaborados.

*Cilene Reis Lima – presidente
Teatro Zelândia
Mogi Mirim – SP*

CLOWN EM MOGI MIRIM



Sou do Conselho Municipal de Cultura de Mogi Mirim e lendo a matéria “E o Palhaço, o que é?”, publicada na TEATRO DA JUVENTUDE (Nº 8 – outubro/96), fiquei muito interessada no assunto. (...). Gostaria que vocês me fornecessem o telefone/endereço do autor da matéria, HUGO POSSOLO. (...) Pretendo, pela nossa Secretaria de Cultura, estudar a possibilidade de trazê-lo para ministrar uma oficina de Clown em nossa cidade.

*Cilene Reis Lima
conselheira de teatro
Mogi Mirim – SP*

*Resp.: O endereço de Hugo Possolo é:
PARLATÔES. R. Lamartine dos
Santos, 146, V. Maria, São Paulo/ SP.
CEP 02126-060. Tel.: (011)
03061-9799.*

COMO ASSOCIAR-SE À SBAT – SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS



Primeiramente gostaria de parabenizá-los por tão importante iniciativa, que foi a volta das publicações da revista TEATRO DA JUVENTUDE. O conteúdo é maravilhoso e nosso grupo teatral já vem estudando os assuntos nela contidos, sendo de grande utilidade para todos. Recebemos alguns fascículos pela “Casa da Cultura de Amparo”, através da Prefeitura. Aqui em Amparo temos quatro grupos teatrais e as revistas foram distribuídas entre todos. Gostaríamos imensamente de

continuar recebendo as publicações, pois temos até o Nº 7 (agosto/96), porém na nossa Instituição Templo Espírita da Fraternidade. Gostaria também de saber quais os documentos necessários para associar-se à SBAT.

Roseana Gerbi Longo
Teatroesp (Depto. do Templo Espírita
da Fraternidade)
Amparo – SP

Resp.: Para associar-se à SBAT, compareça à sede paulista (Av. Ipiranga, 1.123, conj. 804, São Paulo, 01039-000 – tel.: 229-9011), das 13 às 17h, munida de duas cópias do texto que deseja registrar, RG, CIC, comprovante de endereço e duas fotos 3x4. A taxa de inscrição é de R\$ 60,00.

PUBLICAÇÃO DE TEXTOS NA TEATRO DA JUVENTUDE

 *Sendo leitor assíduo da Revista TEATRO DA JUVENTUDE e acumulando ao longo dos anos a função de educador e diretor teatral, venho através desta elogiar a qualidade desta publicação. Segue um exemplar do meu livro Dionisíacas – Cenas Teatrais, contendo alguns textos voltados para jovens acima de 14 anos, podendo ser apresentados em qualquer ocasião e local. Gostaria muito se algumas destas cenas pudessem ser incluídas nas próximas edições, bem como uma resenha sobre este livro que se encontra nas principais livrarias de arte da cidade.*

Ed Anderson Mascarenhas – ator, diretor,
arte-educador
São Paulo – SP

Resp.: Muito agradecemos sua atenção e o livro. Quanto à publicação na TEATRO DA JUVENTUDE, o livro será apreciado e, se atender os critérios para a publicação, teremos imenso prazer em fazê-lo.

RECEBIMENTO DA REVISTA

 *Acusamos e agradecemos muitíssimo o recebimento de 10 números da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Aproveitamos a oportunidade para parabenizá-los pelo relançamento de tão importante veículo de divulgação do Teatro e para informá-los que já se encontra à disposição dos usuários do Centro de Documentação da FUNARTE.*

Helena Dodd Ferrez – coordenadora de
documentação
Fundação Nacional de Arte –
FUNARTE
Rio de Janeiro – RJ

 *Recebemos os exemplares da Revista TEATRO DA JUVENTUDE e agradecemos*

Cláudia Oliveira – bibliotecária
Universidade do Sagrado Coração –
Biblioteca Central “Cor Jesu”
Bauru – SP

SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE

 *Recanto Primavera é um Centro de Juventude que atende 140 crianças na faixa etária de 7 a 14 anos, moradores da favela de Paraisópolis (Morumbi). A*

entidade é um órgão beneficente, que sobrevive de doações e colaborações. Por isso estamos solicitando as edições do número 5 ao 10 da Revista TEATRO DA JUVENTUDE.

*Maria Aparecida Cezare dos Santos –
administradora
Recanto Primavera
São Paulo – SP*



Solicito a gentileza de me enviar a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Sou professora de educação artística de 1º e 2º graus e uso constantemente a técnica da dramatização com meus alunos, sempre conseguindo ótimos resultados. Sei que esta publicação é destinada a instituições de ensino mas, apesar de trabalhar com classes fixas, também dou aulas eventuais, nas quais o material pedido em muito me auxiliaria no trato com meus jovens alunos.

*Analuci Afonso Lacerda – professora
Sertãozinho – SP*



Gostaríamos de parabenizar os responsáveis pela TEATRO DA JUVENTUDE e pelo belo trabalho de divulgação para a elaboração e montagem de teatro entre jovens. Estamos também escrevendo para ver se há possibilidade de mandar-nos artigos sobre Teatro e informar que nossa Escola abre suas portas para os interessados em trazer um pouco Teatro. Convidamos também para que visitem nossa pequenina Estância Hidromineral onde está localizada nossa Escola e conhecer assim o menor município do Brasil

*Alan Moura Vandenbrande – presidente
Grupo ArteAlegria
Águas de São Pedro – SP*



Sou ator amador filiado ao espaço cênico de Franca. Tenho um grupo de teatro com muitos componentes e necessitamos de peças de teatro para o maior desenvolvimento cultural. (...) Gostaria de fazer parte do cadastro de vocês e passar a receber a TEATRO DA JUVENTUDE, que seria de suma importância para nós. Parabêniso pelo grande trabalho que vocês fazem para cada grupo de teatro porque as revistas ajudam muito. Agradeço a atenção e o trabalho de valorização do Teatro.

*Luciano Sampaio – tesoureiro
Grupo Estudantil de Comunicação
Artística – GECA
Franca – SP*

MAIS SOLICITAÇÕES DA TEATRO DA JUVENTUDE

*Maria Aparecida Marin – Lins – SP
Sonia Amaral – Paulínia – SP
Sílvia Maria de Almeida – Porangaba – SP
Eliana A. G. da Costa – São Pedro – SP
José Vicente de Paiva – Diadema – SP
Zeneide Thereza L. Graça – São Paulo – SP
Carlos dos Santos Amaral – Lorena – SP
Paulo Fernandes – Mogi das Cruzes – SP
José Carlos Braga Júnior – Bebedouro – SP
Fábio Nogueira – Presidente Prudente – SP
Cleuza M. S. Carrara – Pereira Barreto – SP
Ana Cristina De Antonio – Bariri – SP
Edith M. Abreu Magalhães – Chavantes – SP
Maria A. de Aguirre Ruas – Monte Mor – SP
Denise Soares de Mendonça – Cananéia – SP
Adriana Ap. Mucci – Sertãozinho – SP
Ângela Bottino Peres – Garça – SP
José Roberto Orlandini – Salto – SP
Orides Liberati Vieira – Pres. Bernardes – SP
Irikson Camargo – Itararé – SP
Rosana A. da Silva Ogata Bastos – SP*

Maria Rita R. de Almeida – Monte Mor – SP
Nirceia Sales Silva – Francisco Beltrão – PR
Doroti Nazareth Fernades – Guarulhos – SP
Adelmo P. Gomes – Campos do Jordão – SP
Claudinei P. de Azevedo – Av. Machado – SP
Luzia Queiroz – Campinas – SP
Célia Mariko Umekil – Júlio Mesquita – SP
Marlene Tereza Abrão – Nazaré Paulista – SP
Marlei N. A. L. Frota – Stª Fé do Sul – SP
Maria Luiza D. de Carvalho São Paulo – SP
Edina Segantin – Orlândia – SP
Marli F. Montoro – Lençóis Paulista – SP
Katia Cianfa M. – Américo de Campos – SP
Antonio Celso do A. Silva – Votorantim – SP
Vera Denipote – São Joaquim da Barra – SP
Cecília Ribeiro de Oliveira – Parapuã – SP
José Godinho Lopes – São Paulo – SP
Everaldo da Silva – Stª Bárbara d'Oeste – SP
Irmã Terezinha C. Castro – Santo André – SP
Anis de Carvalho Mend – Orlândia – SP

Maribel Marana – São Caetano do Sul – SP
Jesus Pinheiro – São José do Rio Preto – SP
Antônia das D. L. Presta – Monte Mor – SP
Orlando Moreno – Itanhaém – SP
Judimar Marques dos Reis – São Paulo – SP
Beth – Arujá – SP
Maria L. Q. Rodrigues – Morro Agudo – SP
Fátima da Silva – Osasco – SP
Marisa B. Santos – Nazaré Paulista – SP
Valmir Roberto Ambrozin – São Manuel – SP
Inez Simões Calado Terra – Orlândia – SP
Renata Cavalcanti – Mairiporã – SP
Viliam Alves de Lima – Mogi Guaçu – SP
Leda Allegre da Silva – Itatiba – SP
Regina M. de Souza Borin – Macatuba – SP
Rogério Messias – Botucatu – SP
Cláudio de Lima – Indaiatuba – SP
Edson SanSil – Ubatuba – SP
Marisa Caetano – Jaú – SP
Vanda de Oliveira – Cristais Paulista – SP

ESCREVA PARA CARTAS

A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.

Escreva para:

Secretaria do Estado da Cultura

Revista Teatro da Juventude

Rua da Consolação, nº 2333, 9º and.

São Paulo - SP

CEP 01301-980 – Fax.: (011) 259-9495

SUMÁRIO

Como fazer

Teatro de Sombras	12
Daisy Nery	

Livros

Jogos Teatrais – Exercícios para Grupos e Salas de Aula	17
Maria C. Novelly	

Textos

Infantil

Crocodilo do Nilo (Teatro de Sombras, Bonecos de Varas e de Luvas, Marionetes, Atores)	19
Zeca Capellini, Cláudia Dalla Verde e Lica Neaime	

O Violino Mágico

Júlio Fischer	33
---------------------	----

Adolescente

Feitiço dos Deuses	63
Marilu Alvarez	

Adulto

Nó de quatro pernas	75
Nazareno Tourinho	

TEATRO DE SOMBRAS

Nascendo ligado a rituais tribais e religiosos o Teatro de Sombras vem acompanhando a história do homem e seu valor pedagógico refere-se ao estímulo da convivência em grupo, às artes e aos bons exemplo por meio dos personagens.

Daisy Nery*

O Teatro de Sombras é a expressão mais antiga do gênio criativo. Transmitido de geração para geração, sobrevive graças às suas qualidades intrínsecas: a linguagem oral, o improvisado, a gestualidade, a imagem, a música e a dramaticidade.

Partindo da natureza do movimento de pequenas silhuetas através de uma tela iluminada, os antigos orientais (chineses e indianos) reverenciavam seus antepassados e seus heróis, porque, no início, o teatro de sombras estava ligado a rituais tribais e religiosos.

Conta uma antiga lenda, que um imperador chinês desesperado com a morte de sua amada, pediu a um manipulador de sombras que lhe restituísse a vida. Fascinado com a perfeição da silhueta da princesa, criada pelo artesão, passou a assistir aos seus espetáculos de sombras todas as noites.

Das cerimônias dos funerais, as silhuetas de sombras passaram a ser usadas em espetáculos populares, onde as lendas de heróis se misturavam a histórias de amor e crime.

Apresentado ao ar livre durante o dia à luz do sol e durante a noite à luz de velas, o teatro de sombras oriental é sobretudo a representação da vida, ensinando a viver com sabedoria.

Na Índia, os espetáculos começavam com uma procissão composta por atores, narradores, músicos e cantores. O ritual, acompanhado por sinos e tambores, antecipava as peças longas e narradas. Por se tratar de um teatro épico, os temas eram extraídos do *Māhābhārata* e do *Rāmāyana*. Já o Teatro de Sombras javanês, resumia-se em uma simples cerimônia religiosa conduzida pelo *Dalang*, uma espécie de sacerdote-manipulador. Através da magia de seus cantos e sob a luz trêmula das lamparinas contava histórias de reis, princesas, demônios, anjos e deuses.

Com a popularização do Teatro de Sombras no Oriente, aos temas místicos somaram-se os cômicos.

Principalmente nas regiões do Mediterrâneo (Turquia e Grécia), a comédia era representada nas feiras e seus tipos étnicos irônicos e satíricos divertiam o povo.

O *Karagöz*, turco, é um exemplo. Nele, a poesia, a narração, a música, os cantos, as danças, a cor, o movimento, a mudança rápida da dimensão, a imitação e as "gagues" se fundem e passam a ser parte integrante do espetáculo. Toda tradição cômica otomana é representada através da sátira e da paródia.

No entanto, é o *Nang Talung*, tailandês, de tradição aldeã, que mantém viva a magia desta arte teatral popular até nossos dias. Seu aspecto sazonal permite que, durante o período das estações secas e, principalmente, após a colheita do arroz, ouça-se por todo o povoado os sons das canções e das músicas das trupes campesinas dos manipuladores de sombras que, durante vários dias, fazem desfilarem em suas tendas pequenas silhuetas de couro ricamente adornadas que contam, através de seus movimentos, histórias e anedotas improvisadas. A originalidade do *Nang Talung* é o fato de ocorrer dentro do cotidiano, mas sem perder seu caráter sacro.

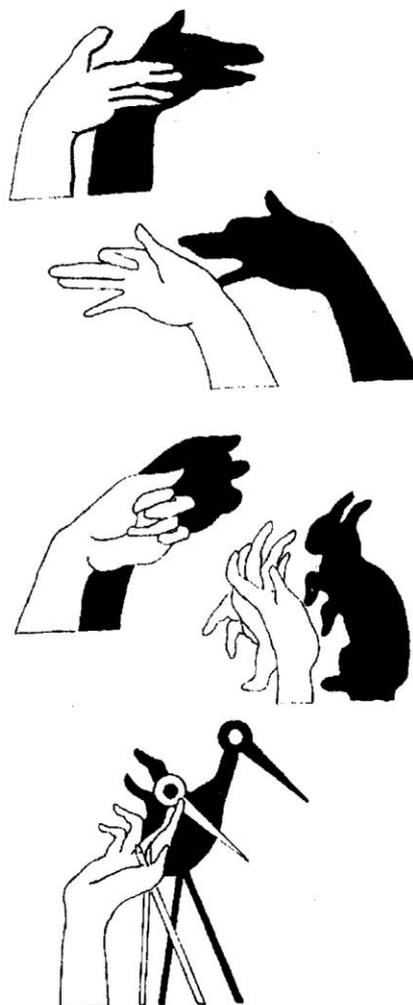
O Teatro de Sombras foi introduzido no Ocidente, no século XVII, por ciganos na Itália. Daí, passou a animar a corte francesa e fazer sucesso por toda Europa. Um novo modo de expressão dramática, contendo cenas articuladas de sombras, inaugura o célebre *Théâtre de Chat Noir* na França, em 1881.

Mas é após a primeira guerra, que o uso das sombras com propósito cinematográfico se propagou, antecedendo o desenho animado e o cinema.

Os elementos básicos de Teatro de Sombras são: fonte de luz, cenário (a tela), música, técnicas de construção de figuras.

Como fazer um espetáculo de Sombras

Você pode criar sombras na parede branca utilizando suas próprias mãos, basta colocá-las entre um foco de luz e a parede e animá-las conforme o movimento dos seus dedos

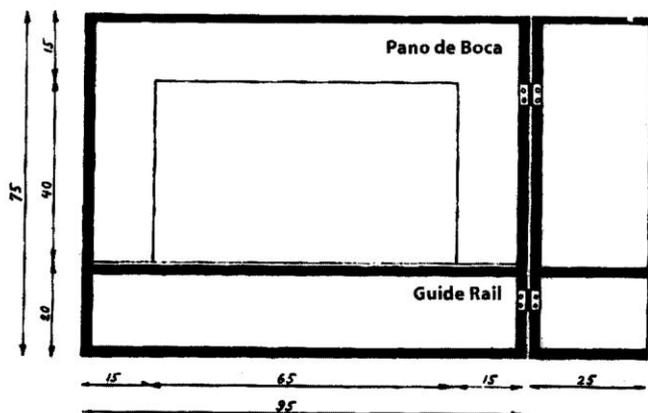


Para construir seu Teatro de Sombras, você necessita de uma fonte de luz, de tela e de silhuetas.

Fonte de Luz – Antigamente era obtida pela chama de uma vela ou de uma lamparina. Hoje é utilizada uma lâmpada transparente de 40 ou 60 watts, presa a um fio com cerca de dois metros de extensão. Se quiser obter um colorido diferente, faça um *spot* de lata de óleo e coloque papel celofane colorido na frente.

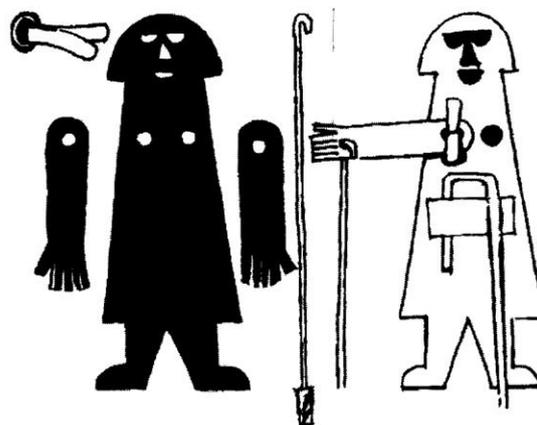


Tela – Use tecido branco, de algodão, não transparente ou papel vegetal, que deve ser esticado numa esquadria de madeira (biombo). O tamanho do biombo depende da sua utilização e do local onde vai ser realizado o espetáculo. Em lugares pequenos use a esquadria em cima de uma mesa



Silhuetas – Devem ser executadas em papelão preto ou acetato. Recorte com lâmina de um estilete ou uma tesoura afiada. Para as figuras não envergarem, use varetas de arame duro com aste de madeira. Se elas forem fixas, prenda as varetas nas figuras com adesivo; para a silhuetas móveis, utilize *attaches* ou nozinhos de barbante introduzidos nos orifícios feitos com perfurador ou vazador. Eles dão movimento à articulação. As varetas são presas em um caninho, feito do mesmo papel e colocado atrás da figura, de modo a possibilitar o movimento.

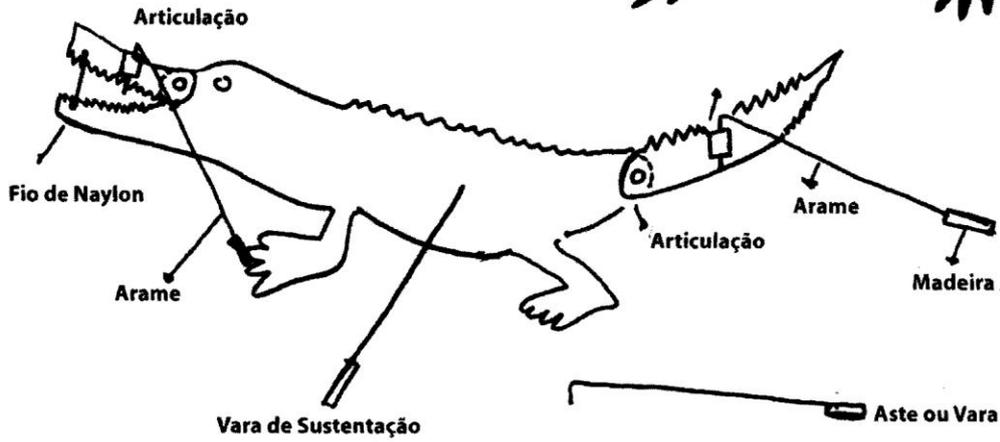
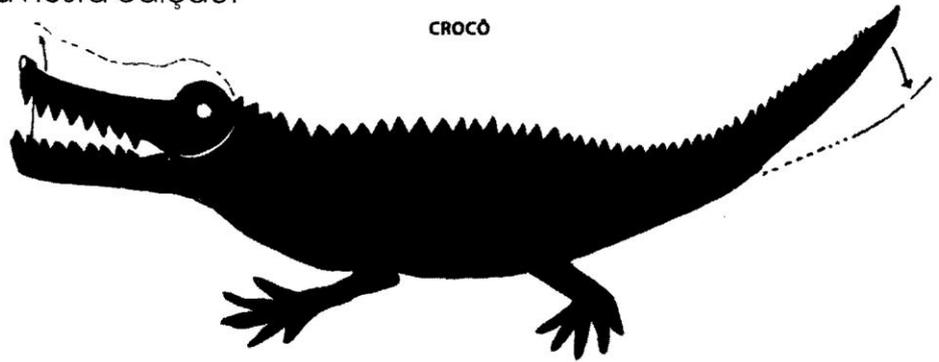
Não se esqueça de que as silhuetas devem ser movidas por traz da tela e a fonte de luz fica entre o manipulador e a tela.



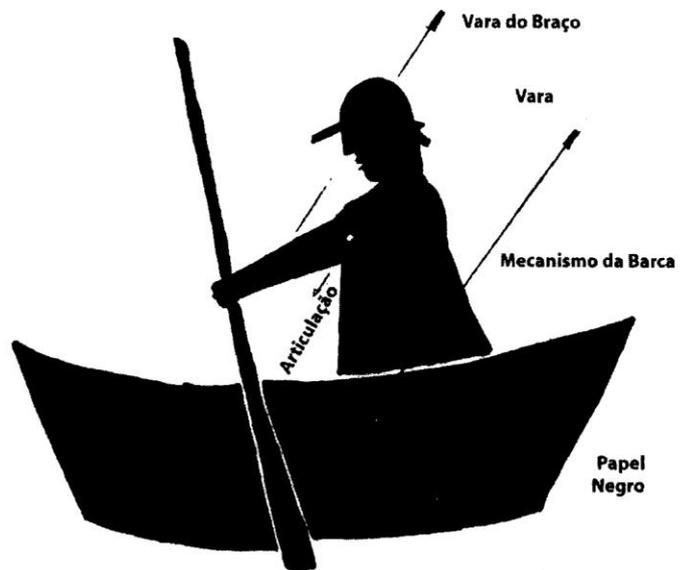
Estando tudo pronto, crie seu roteiro e sua trilha musical e bom espetáculo.

(Para a **música**, de preferência use instrumentos melódicos de percussão e regionais, como tambores de couro, pequenos gongos, pratos e claquetes de madeira, utilizados para o acompanhamento do conto e para a pontuação da cena.)

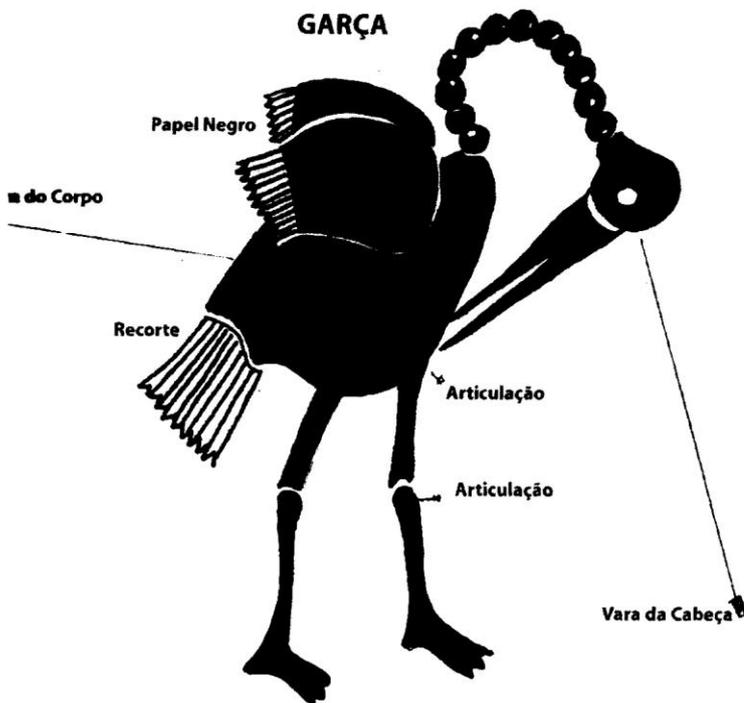
À seguir, sugestões de silhuetas para serem usadas na peça *Crocodilo do Nilo* publicada nesta edição.



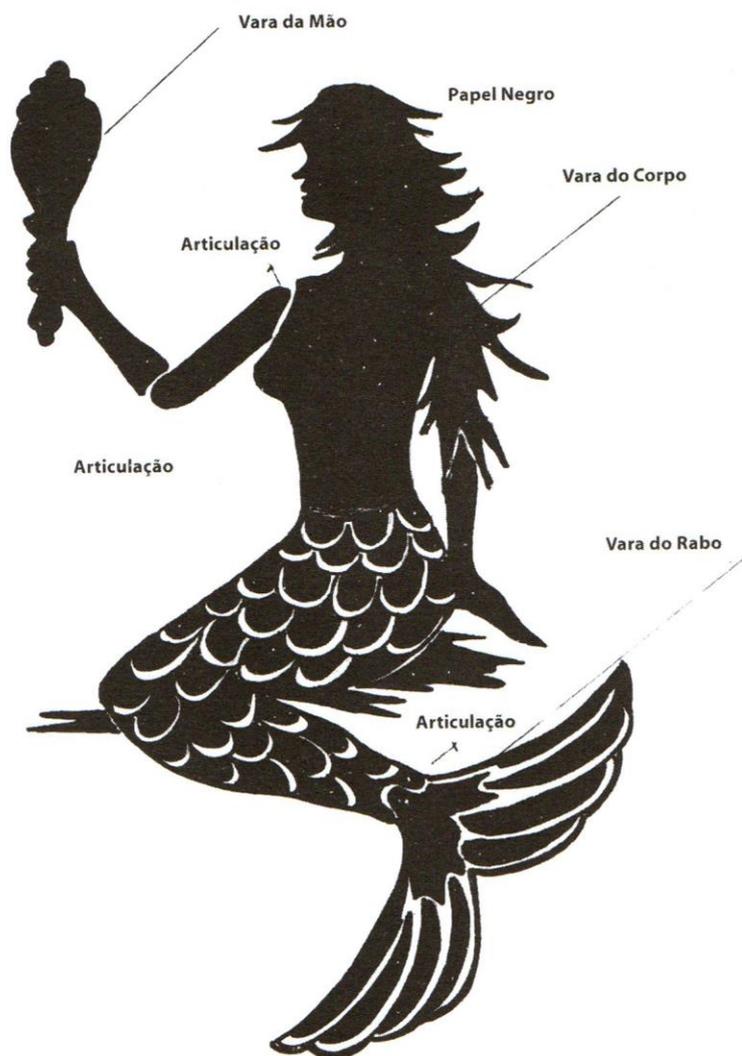
BARCO DE FELLAH



GARÇA

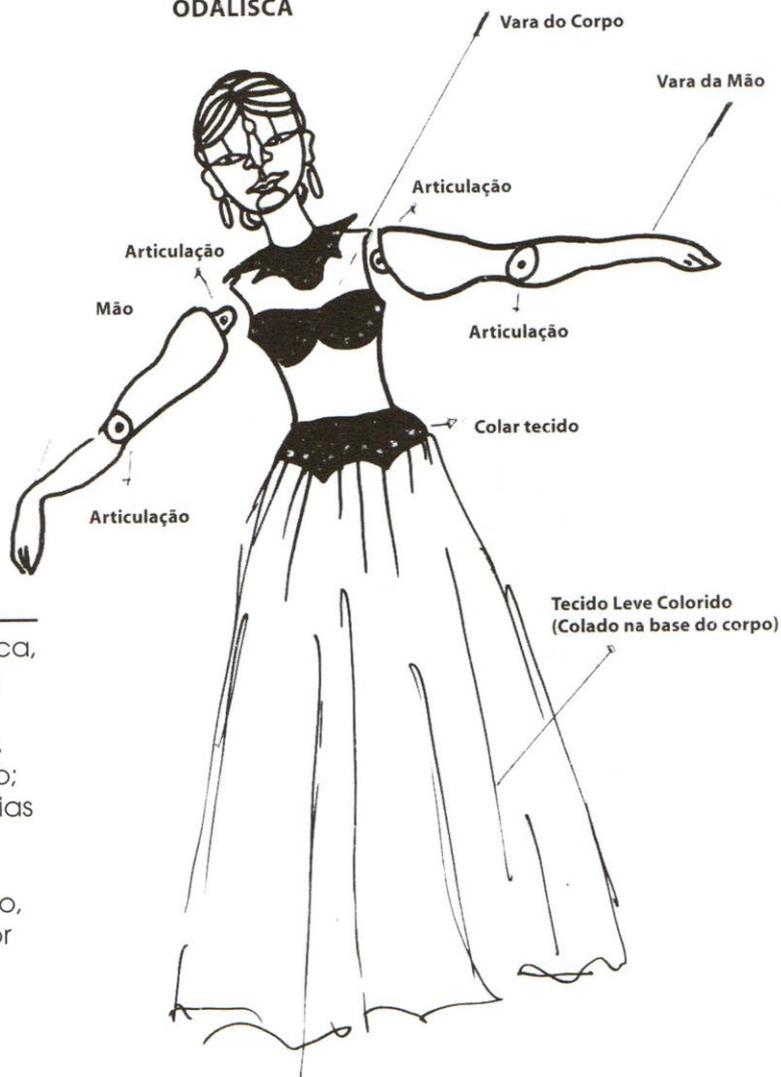


SEREIA



Bibliografias: Dany Thiry e André Lange, *Sombras e Silhuetas*; Ana Maria Amaral, *Teatro de Formas Animadas*. Italina Ladeira e Sarah Caldas, *Fantoches e Cia.*; Stathis Damianakos, *Theatre D'Ombres*; René Simmon, *The world of Puppets*.

ODALISCA



***Daisy Nery** é pedagoga, atriz, artista plástica, cenógrafa e figurinista. Coordena e ministra oficinas (cursos livres) para educadores, monitores, adolescentes e pré-adolescentes. Entre os cursos ministrados, História do Teatro; Máscaras; Bonecos; Cenografia etc. em várias entidades culturais (São Paulo e interior paulista). Desenvolve trabalhos educativos com máscaras e bonecos. Prêmios: Incentivo, da Secretaria do Estado da Cultura (SP), por seu trabalho ligado ao Teatro de Bonecos; Melhor Figurino, no Teatro de Jundiá (SP), pela peça *O Avarento*, de Molière

JOGOS TEATRAIS EXERCÍCIOS PARA GRUPOS E SALA DE AULA

Técnicas de representação dirigidas a educadores, com cerca de cinquenta atividades que visam estimular a criatividade e o desenvolvimento do jovem por meio das artes cênicas.

Jogos Teatrais, Exercícios para Grupos e Sala de Aula, de Maria C.

Novelly. Papirus Editora, Coleção Agere. Dirigido a professores e orientadores de teatro,

animadores culturais, líderes de grupos, monitores de atividades recreativas e todos aqueles que se dedicam à orientação de jovens e queiram incorporar o teatro em seu programa educacional. Bem didático, prático e informativo, o livro não exige experiência anterior em teatro.

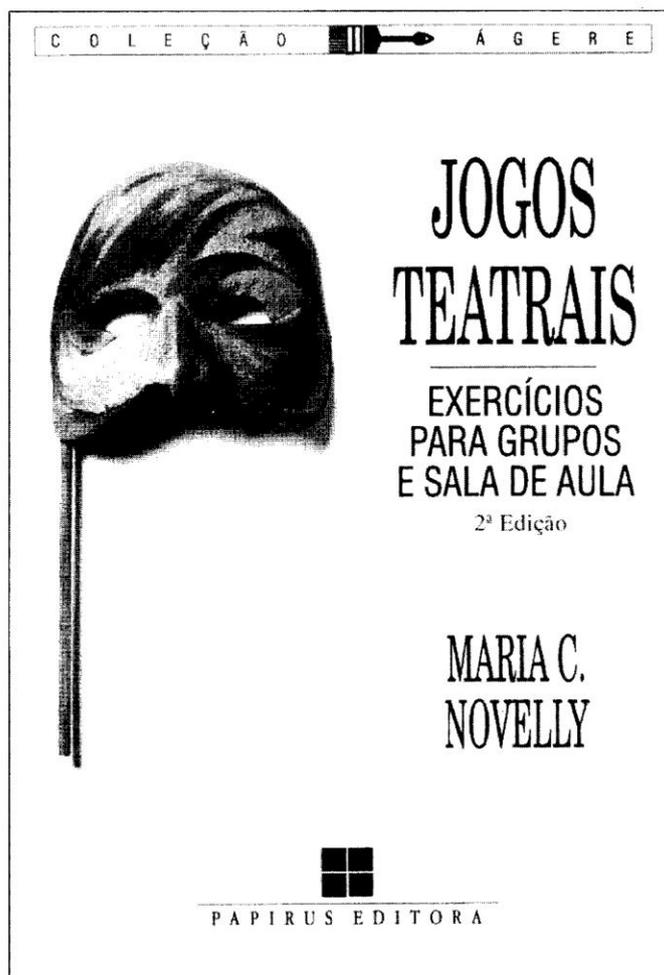
Trata-se de uma obra que auxilia a estimular a criatividade do jovem e também seu desenvolvimento nas habilidades do palco de maneira viável e

simples.

O livro revela desde o vocabulário básico de teatro, passando por atividades que envolvem técnicas vocais e corporais, até sugestões de encenações.

Contém cerca de cinquenta atividades que envolvem dramatização de textos, imagens ou idéias cujos enredos e diálogos emergem da imaginação do ator.

As atividades são precedidas por uma breve



introdução e divididas em dois grupos. Um se refere às atividades curtas de improviso que não requerem ensaio e podem ser utilizadas como exercícios para aquecimento ou de finalização de uma aula. O outro necessita de dez a noventa minutos de ensaio e as atividades são preparadas com antecedência. A autora, traçando um panorama geral sobre as necessidades das aulas, também considera o tempo e o espaço disponíveis para o aprendizado e os materiais a serem utilizados, dividindo-os em essenciais e adicionais.

Maria C. Novelly sempre esteve envolvida com pedagogia e artes cênicas. Bacharelada em inglês na Universidade do Colorado, conquistou o mestrado na Universidade do Texas, onde trabalhou como assistente de ensino. Lecionou teatro e inglês na Alemanha para alunos de primeiro e segundo graus, durante cinco anos. No teatro, atuou como atriz, diretora, produtora, técnica, divulgadora, iluminadora e cenógrafa. Seu interesse pelos jovens e pelo teatro motivam-na a estudar e pesquisar continuamente sobre as técnicas e exercícios adequados ao desenvolvimento de sua criatividade e comunicação.

Trechos do Livro:

“Se os atores têm intenção de comunicar idéias para o seu público, seus corpos e rostos

devem ser vistos; devem estar visíveis.”

“Ao passar cenas em grupos, recomendo que você evite que os mesmos grupos trabalhem juntos todas as vezes.”

“Os membros do grupo, com muita freqüência, serão antes críticos, depois criativos. (...) Para uma boa cena, o grupo deve primeiro criar (...) e então criticar e desenvolver suas idéias (...).”

“Muitas atividades deste livro podem ser adaptadas com poucas alterações para se animar a discussão ou reforçar o aprendizado em grupos juvenis de vários tipos, aulas de idiomas e ou de estudos sociais.”

“A visibilidade, gesticulação, expressão, absorção e energia são o que há de mais importante em pantomima, sendo que atores iniciantes podem se concentrar totalmente nessas qualidades, sem o peso da preocupação com o diálogo, da projeção e do uso de acessórios de mão.”

“No palco, o *como* a coisa é dita é tão decisivo como quanto o *que* é dito.”

“Ao contar uma história, esteja atento para produzir, em tons de suspense e de insistência, uma série de acontecimentos que levem a um anticlímax.”

Infantil

Crocodilo do Nilo

Zeca Capellini, Claudia Dalla
Verde e Lica Neaime

CROCODILO DO NILO

Zeca Campellini, Cláudia Dalla Verde e Lica Neaime

Teatro de Sombras, Bonecos de Luvas e de Varas, Marionetes e Atores

CENA 1 “NA BEIRA DO RIO NILO ”

LOCAL: O deserto egípcio.

PERSONAGENS: Crocô, Garça, Carpa.

RECURSO: Teatro de Sombra.

AÇÃO: (Fim de madrugada. O sol nasce no horizonte. Crocô dorme e boceja. Entra a Garça. Os dois namoram. Surge a Carpa. O Crocô tenta pescá-la e não consegue. Na terceira tentativa, joga-a para o alto com um rabo. A Garça apara-a com o bico. Os dois comem a Carpa e terminam num beijo. Logo depois, Crocô dorme. A Garça tenta acordá-lo, mas acaba desistindo, vai embora.)

CENA 2 “CROCÔ TRABALHA PARA CLEÓPATRA”

LOCAL: O mesmo, acrescentando pirâmides e outras paisagens.

PERSONAGENS: Crocô, Cleópatra, Turistas.

RECURSO: Teatro de Sombra.

CLEÓPATRA (entrando): Venham, venham! *This way, please.* Vou lhes mostrar uma das maiores maravilhas do mundo! Aqui está

o rio mais comprido do mundo, quilômetros e quilômetros de comprimento: o rio Nilo! Por este rio correm milênios de civilização, não é mesmo, Crocô? Cuidado! Aí não pode pisar. Estas flores são o lótus do Nilo. *Aschtung! Presto, signori, prestissimo!* E ali vocês podem ver a palmeira do Nilo. Notem sua elegância, sua esbeltez! *Miren que hermosura:* as famosas pi-râ-mi-des! Que são monumentos construídos há milhares e milhares de anos pelas mãos humanas. E agora, a grande sensação desta turnê: o crocodilo mais preguiçoso do mundo, o Crocodilo do Nilo! Prestem atenção que ele vai abrir a boca pra vocês. (Ao Crocô.) Crocodilo do Nilo, abra a boca para os turistas. (Pausa.) Crocodilo querido, abra a boca, já está na hora! (Pausa.) Crocô! Vamos trabalhar, seu preguiçoso! (Ele abre a boca bocejando por acaso.) Gostaram, senhores? Muito bem. Agora concentrem-se, muito silêncio, porque vamos penetrar na morada dos deuses: a pirâmide de Quéops! Rá! Rá!

(Agarra uma cordinha que puxa um pequeno ônibus cheio de turistas, e vai saindo.)

TURISTA 1: *Mira, papá, que hermoso...*

Saques una foto!

TURISTA 2: *Wonderful!*

TURISTA 3: *Wunderbar!*

TURISTA 4: *Dov'è la sala di bagno?*

TURISTA 5: *Sayonara!*

(Todos saem sorrindo.)

CROCÔ: Ah! não aguento mais ser atração turística!

CENA 3

“CROCODILOS EM PARIS”

LOCAL: O mesmo

PERSONAGENS: Crocô, as duas Elegantes, Cleópatra.

(As duas Elegantes entram falando.)

ELEGANTE 1: *Cherie, cherie!*

ELEGANTE 2: *Oui.*

ELEGANTE 1: Descobri uma novíssima casa de crocodilos em Paris.

ELEGANTE 2: Chafariz?

ELEGANTE 1: *Non, Paris. Chez Odile.* Última moda. Você tem que passar por lá.

ELEGANTE 2: *Voilà!*

ELEGANTE 1: Ela tem uns crocôs muito elegantes.

ELEGANTE 2: Elefantes?

ELEGANTE 1: *Non, crocôs elegantes.*

ELEGANTE 2: Elefantes?

ELEGANTE 1: *Non, cro-co-di-los.*

ELEGANTE 2: Ah, crocodilos.

ELEGANTE 1: *Oui, crocodilos em Paris.*

CROCÔ (a elas): Crocodilos em Paris?

AS DUAS: *Oui, crocodilos em Paris!*

(Elas saem rindo e cochichando. Crocô fica entusiasmado, e mergulha na água. Entra Cleópatra.)

CLEÓPATRA: Ai, ai, estes turistas me cansam... (A Crocô.) Crocodilo do Nilo, você viu duas francesas passarem por aqui?

CROCÔ: Passaram sim. E foram pra lá. E sabe de uma coisa, dona Cleópatra? Eu vou também.

CLEÓPATRA: Ei, onde você vai? Temos outras excursões chegando!

CROCÔ: Vou pra Paris.

CLEÓPATRA: Fazer o quê?

CROCÔ: Visitar os meus primos elegantes.

CLEÓPATRA: Mas é muito longe.

CROCÔ: E daí?

CLEÓPATRA: Lá não tem turistas...

CROCÔ: Adeus! (Sai nadando.)

CLEÓPATRA: Ei, me mande um cartão de lá. (Suspira e vai saindo.) Pobrezinho... Tão criança...

CENA 4

“O COMEÇO DA VIAGEM”

LOCAL: As águas do rio Nilo.

PERSONAGENS: Crocô e passarinhos.

RECURSOS: Bonecos de luva e de varas.

CROCÔ (nadando e cantando): Eu vou pra Paris, eu vou pra Paris...

ATOR DO CROCÔ: E o nosso Crocodilo sai nadando em direção à Paris.

CROCÔ (Continua nadando e cantando.)

PASSARINHOS (Entram voando numa coreografia.)

CROCÔ: Ei, passarinhos!

PASSARINHOS (assobiando): Ei, crocodilo!

CROCÔ: Belo dia, não?

PASSARINHOS (em assobio): Lindo!...

CROCÔ: Paris fica muito longe daqui?

PASSARINHOS (em assobio): Paris? Chiii!... (E vão saindo.)

CROCÔ: Ué! Será que é tão longe assim? (Continua nadando.) Eu

vou pra Paris, eu vou pra Paris...
ATOR DO CROCÔ: Dias depois, ele se sente muito sozinho.
PASSARINHOS (Entram, trazendo uma flor no bico.)
CROCÔ: Oi! Que bom que vocês voltaram.
PASSARINHOS (Colocam uma flor na boca de Crocô, e saem.)
CROCÔ (nadando): Eu vou pra Paris...
ATOR DO CROCÔ: Muitos, mas muitos dias depois, ele se sente muito cansado.
CROCÔ (afogando-se): Socorro! Socorro!
PASSARINHOS (Entram com som de ambulância. Levantam o Crocô pelos bicos e o carregam até uma rocha. Saem deixando o Crocô desmaiado.)
CROCÔ (acordando): Ah, desisto... Não consigo mais nadar!...

CENA 5 “ EM ALEXANDRIA ”

LOCAIS: O barco de Fellah no mar, e a casa das Odaliscas.
PERSONAGENS: Crocô (de luva e varas.) Fellah (de vara.)
ODALISCAS: (Marionetes.)
FELLAH (Entra com seu barquinho cantarolando.)
CROCÔ (vendo-o): Oba! Um barco... Um amigo... Uma carona!
(Quando o barco passa perto de Crocô, ele morde o casco e vai nadando atrás.)
FELLAH: Ah, Fellah está tão sozinho... Engraçado, parece que meu barco está mais pesado... Será que... Não, não pode ser...

Fellazinho morre de medo de crocodilo... (Continua a navegar.)
Até que enfim: Terra à vista!! O porto de Alexandria! Meninas, meninas, cheguei!
ODALISCAS (Entram dançando alegres.)
FELLAH: Venham, odaliscas, venham. Fellazinho chegou.
ODALISCAS (Gritam e dançam.)
FELLAH: Mas esperem um pouquinho, meninas. Fellah vai buscar presentinho pra vocês. (Sai.)
ODALISCA 1 (a Crocô): Ei, garotão, vem cá, bem...
ODALISCA 2: Bem, vem cá... Garotão!...
ODALISCA 3: Vem cá, garotão, vem!
CROCÔ: Estão falando comigo?
ODALISCA 3: Vamos dançar?
CROCÔ: Mas eu não sei dançar.
ODALISCA 1: É só entrar na dança.
ODALISCA 2: Acompanhe-me.
CROCÔ: Eu quero, eu quero! E que mais, e que mais?
ODALISCA 3: E beber, e fumar, e cantar e... (Envolvem Crocô e dançam com ele.)
ODALISCA 1 (de repente): Meninas, chega!
(As três afastam-se dele.)
ODALISCA 1: Cinco dólares, queridinho.
CROCÔ: Dólares?
ODALISCA 2: Dinheiro, amorzinho.
CROCÔ: Que é isso?
ODALISCA 3: Como? Você não tem dinheiro? Nos enganou? Pois tome isto, seu descarado.
(As três batem nele. Depois vão saindo.)
CROCÔ (sozinho, caído): Eh! Por essa eu não esperava... Acho que eu vou voltar pro Nilo... (Reage.) Não! Não voltar nada. Eu vou é pra Paris, com dinheiro ou sem

dinheiro. Quem sabe se de repente um marinheiro me dá uma carona...

CENA 6 “VOVÔ, O LOBO DO MAR”

LOCAIS: Taberna com músicos, e o mar.

PERSONAGENS: Crocô (Luva e varas.)

VOVÔ (Como ator e boneco de vara.)

MÚSICOS (Entra o barco com Vovô, em boneco, em seguida entra o Vovô ator.)

VOVÔ: Marinheiro, ice a vela!
Piloto, a 25 nós!

A vida de marinheiro tem seus contras,
tem seus prós.

(Aos músicos.)

Certa vez, vejam os senhores, e limpem
bem essa orelha, carreguei um
crocodilo. De Alexandria a
Marselha.

(Os Músicos riem. Crocô entra no
barco de Vovô.)

Riam, riam, seus piratas.

Vocês não teriam coragem,

De levar tal marinheiro

Em sua primeira viagem.

(Mais risadas.)

Fui andando num caminho,

Encontrei um jacaré,

Todo ferido, coitado,

Eu então lhe dei café...

(Bebe um gole de rum.)

Me falou o nome certo.

CROCÔ: Crocodilo, seu demente.

VOVÔ: Me contou que estava indo pra
Paris ver uns parentes.

(Bebe mais. Os Músicos riem.)

Embarcamos nessa noite.

Um grupo muito comum

Lobo do mar, crocodilo, e um grande
tonel de rum.

(Mais risadas. Vovô adormece
repentinamente. O barco com Crocô
dentro vai navegando, chega perto
de Vovô.)

CROCÔ: Ei, vovô, acorda! Já estamos
chegando. É o porto de Paris, não
é? Vovô, acorda! (Desiste de
acordá-lo, e sai decisivo.)
Tudo bem! Pode deixar comigo.

CENA 7 “A ESTRELA DO MAR”

LOCAL: Grécia.

PERSONAGENS: Crocô e Sereia.

RECURSOS: Atores e boneco.

CROCÔ (aproximando-se da Sereia):
Aqui já é Paris?

SEREIA: Não, aqui é a Grécia.

CROCÔ: Como é bonito! Como você é
bonita!

SEREIA: Eu, bonita? E você não vai fugir
de mim?

CROCÔ: Fugir? Por quê?

SEREIA: Todos fogem, quem ouve
minha voz fica enfeitiçado, não
consegue parar de escutar, e
acaba caindo do navio lá para o
fundo do mar...

CROCÔ: Gozado, não me aconteceu
nada... E eu bem que queria
saber como é o fundo do mar. Eu
só conheço fundo de rio...

SEREIA: Era só o que faltava! Um
caipira. Ai, Ulisses, que saudade.
Vamos tentar outra vez. (Tenta
enfeitiçar Crocô.)

CROCÔ: Sabe o que é, você canta
muito triste. Você não sabe uma
coisinha mais alegre? Quem sabe
assim eu me enfeitiço.

SEREIA: Você acha mesmo? Ai, bem que eu queria. Meu grande sonho é ser uma estrela do rock. (Canta.) De tanto mar me cansei.

Agora já sei, já sei!

Quero viajar,

quero ser a estrela do mar! Luzes, cores, maravilha!

O palco será minha ilha!

Quero é cantar,

quero ser a estrela do mar!

Na platéia os marinheiros.

Sambistas e roqueiros!

Quero é cantar, quero ser a estrela do mar!

CROCÔ (entusiasmado): Lindo, lindo! Vem comigo então. Você pode cantar.

SEREIA: Eu bem que gostaria. Mas não iam me deixar cantar assim com este rabo...

CROCÔ: Que é que tem? Eu também tenho um rabo, olhe. E o seu é muito mais bonito.

SEREIA: É, mas você pode ter rabo. Você não é gente.

CROCÔ: Nem você, ora.

SEREIA: Eu sou metade gente, pelo menos.

CROCÔ: Antes crocodilo inteiro do que gente pela metade.

SEREIA: Como você é bobão. Não sabe nem cantar.

CROCÔ: O que adianta cantar se não enfeitiça ninguém?

VOVÔ (acordando): Com mil tempestades, Crocô. Vamos deixar de brincadeira. Está pensando que vai viajar de graça? Pode começar a limpar o convés.

SEREIA: Bem feito. Va-va-va-vai trabalhar, bobão.

CROCÔ: Tá com inveja, sua meia

sardinha.

SEREIA: Me-me-me meia sardinha é você. Verdolengo.

CROCÔ: Ainda por cima é gaga!

SEREIA: Eu vo-vo-vo vou embora. (Sai.)

VOVÔ: Vamos lá, Crocodilo. A viagem continua.

CROCÔ: Vamos logo, Vovô. Oba! Eu quero é chegar em Paris. (Entra no barquinho, e vai navegando.) Esse negócio de ficar cantando e olhando pro mar, não é comigo não.

VOVÔ: Vai sonhando, Crocô! sonhando muito, que daqui a pouco você acorda... (Navegam mais.) Olha lá, Crocô. Já estamos chegando noutra porto. Vamos dar uma parada aqui.

CROCÔ: Já é Paris?

VOVÔ: Não, seu pazzo. Aqui é a bela Itália.

CENA 8

“ALMOÇO À ITALIANA”

LOCAL: Cantina na Itália.

PERSONAGENS: Crocô, Vovô, e duas Italianas.

RECURSOS: Atores e boneco.

ITALIANAS (entram cantarolando): La, la, la, ri...

VOVÔ: *Ma che bel' canto.* Por favor, um prato de comida aqui pro meu amigo Crocodilo. E pra mim... uma garrafa de vinho!

ITALIANA 1 (a Crocô): *Una bella pasta sciutta!*

ITALIANA 2: *No, una pizza veramente napolitana! Giacaré no come pasta.*

ITALIANA 1: *Ma si! Cosa mangia il giacaré? (Com carinho.)*

Polvereto... Mangia pasta, no?

ITALIANA 2: *Mangia pizza.*

ITALIANA 1: *Pasta.*

ITALIANA 2: *Pizza.*

ITALIANA 1: *Pasta.*

ITALIANA 2: *Pizza.*

(Da discussão entre as duas, começa uma tarantela onde os pratos viram pandeiros. Vovô faz sinal para Crocô, e ambos vão saindo sem serem vistos por elas. Entram no barco e navegam.)

ITALIANA 1: *Ma... Aspetta um pó! Dov' è la nave?*

ITALIANA 2: *La nave? La nave va.*

ITALIANA 1: *Polveretto figlio, saiu sem comer.*

ITALIANA 2 (empurrando a outra para fora da cena): *Lascia stare. Andiamo a mangiare, vá!* (Enquanto o barco navega, eles conversam.)

VOVÔ: Está gostando da viagem, Crocô?

CROCÔ: Estou sim, Vovô.

VOVÔ: Pois é, meu filho. Você ainda vai ter muita tempestade pelo caminho. Os mares, os dólares, os sonhos de ser uma estrela, a fome...

CROCÔ: Vovô, em Paris tem pizza?

VOVÔ: Tem sim, meu filho.

CROCÔ (triste): Oba... Eu fiquei com uma vontade de comer pizza!...

CENA 9 **"O TREM"**

LOCAL: O próprio.

PERSONAGENS: Crocô, a Moça, o Bilheteiro.

RECURSO: Teatro de sombras.

VOVÔ (colocando o barquinho no porto): Bem, agora chegamos

mesmo. Fim de linha, marujo!

CROCÔ: Paris?

VOVÔ: Quase. Daqui você toma um trem.

CROCÔ: Que é que é isso?

VOVÔ: É uma máquina que carrega pessoas. Eu continuo pelos mares afora. Adeus amigo. (Pega o barco, e sai.)

CROCÔ: Não, Vovô! Não vá embora! (Consigno mesmo.) Ele foi tão legal comigo! (Sai. Apito de trem. Surge o trem em silhueta.)

VOZ DO BILHETEIRO: Marselha-Paris! Marselha-Paris!

MOÇA (aparece numa das janelas do trem): Ai, ai! Ui, ui! (Feliz.)

BILHETEIRO (passando pelas janelas): Seus bilhetes! Seus bilhetes!

MOÇA (Entrega-lhe um bilhete.)

BILHETEIRO (saindo): Seus bilhetes, seus bilhetes!

CROCÔ (surge noutra janela. Pergunta à moça): Moça, uma informação por favor.

MOÇA (ao ver Crocô, apavora-se): Ai, ai, aaaaaaaaiiiiiii!

CROCÔ (Esconde-se em cima do trem.)

BILHETEIRO (entrando): Interrogável, interrogável.

MOÇA: Um crocodilo no trem! Um crocodilo no trem!

BILHETEIRO: Questionável, questionável. (Sai.) Impossível!

CROCÔ (reaparecendo para a Moça): Moça, não grita não. Eu só quero saber...

MOÇA: Ai, ui, ai, ui, aaaaaaiiiiiii! (Desmaia.)

CROCÔ (Esconde-se em cima do trem.)

BILHETEIRO (entra e vê a Moça desmaiada): Incompreensível!

Irremediável... Interminável...

CROCÔ (Aparece por trás do Bilheteiro.)

BILHETEIRO: Pressentível... (Vira-se para trás, mas Crocô esconde-se antes.) Pressentível... (Repete-se o mesmo jogo.) Internável! Internável! (Sai.)

CROCÔ: Que gente esquisita...

VOZ DO BILHETEIRO: Chegamos em Paris! Chegamos em Paris!

CROCÔ: Paris? Até que enfim! (Irrompe uma música com clima parisiense.)

CENA 10 “ CAFÉ PARIS “

LOCAL: O próprio.

PERSONAGENS: Crocô, a Vaidosa, a Orgulhosa, Marie Claire e o Boêmio.

RECURSO: Atores e bonecos. (As três mulheres e o homem entram com seus bonecos e bancos. Sentam-se. Entra Crocô, deslumbrado.)

CROCÔ (à Orgulhosa): Boa noite, dona Odalisca.

ORGULHOSA: Odalisca? (À parte.) Mas que chique ser chamada de odalisca... (A Crocô.) Que é que o senhor deseja nestes trajes tão exóticos?

CROCÔ: Paris é aqui mesmo?

ORGULHOSA: Aqui é o Café Paris. (À parte.) Não aguento mais esta boemia. (A Crocô.) Aceita um trago de *cognac*?

CROCÔ: Aceito. (Ele bebe. Reação. Sai cambaleando alegre. Diz à Vaidosa.) Boa noite, dona Estrela do Mar.

VAIDOSA (dá uma gargalhada): Ai,

que delícia! Sim, sou eu mesma, a Estrela do Mar Parisiense. (À parte.) Acho que é a nova moda! Vestir-se de crocodilo!

CROCÔ: A senhora falou crocodilo? Sabe onde é que moram os crocodilos elegantes de Paris?

VAIDOSA: Como você é engraçado! (À parte.) Este bar já não tem graça nenhuma. (A ele.) Aceita um cigarro?

CROCÔ: Aceito. (Dá uma tragada e sai tossindo. A *Marie Claire*.) A senhorita tem um pedaço de pizza?

MARIE: Pizza?

CROCÔ: Pizza ou pasta. Já estou morrendo de fome.

MARIE (à parte): Que gracinha de crocodilo! (A ele.) Olha, pizza eu não tenho. Mas tenho aqui um bom-bom. Que tal? Quer?

CROCÔ: Oba! Deve ser bom esse tal de bom-bom. (Come.) Hum! É bom mesmo. Até passou a minha fome. Como é mesmo o seu nome?

MARIE: Marie Claire.

CROCÔ: Marie Clarie... Bonito nome. Será que você sabe onde fica a casa dos crocodilos em Paris?

MARIE (triste): Já não sei de nada. Venho todos os dias a este bar e não me acontece nada... (Olhar romântico a Crocô.)

CROCÔ (a Boêmio, que está falando sozinho): Boa noite. O senhor sabe...

BOÊMIO (para si mesmo): Claro que sei. Eu sei de tudo. (Olha Crocô. Surpreende-se. Diz à parte.) Hoje este bar está totalmente absurdo, poético. (A ele.) Você... Não é Paris.

CROCÔ: Não, eu sou do Rio Nilo, no Egito.

BOÊMIO: Ótimo, adoro estrangeiros exóticos. Vou lhe mostrar a poesia embriagadora da noite parisiense. Preste atenção na minha classe. (À parte.) Será que elas vão querer dançar comigo? (A Orgulhosa.) Escorrega no seu orgulho e caia nos meus braços.

ORGULHOSA: Quem sabe? (Pausa.) Aceito sim, rapaz.

(Os dois saem dançando. Ela boceja e ele sente o mau hálito. Aos poucos vão se afastando e dançando sozinhos.)

CROCÔ: Você dança bem.

BOÊMIO: Todas querem dançar comigo. (À parte.) Será? Vou tentar outra vez. (A Vaidosa.) Despenca no seu orgulho e mergulha nos meus braços.

VAIDOSA (ri): Ai, que delícia. Mas o senhor sabe dançar?

BOÊMIO: Se a senhorita me permite... (Saem dançando. Ela gesticula, acena para os outros. Ele percebe que ela não lhe dá a mínima atenção. Deixa-a dançando sozinha. Ela sai dançando.)

CROCÔ: Que gente louca, não é marinheiro?

BOÊMIO (poético): Marinheiro da poesia, do amor e da noite vazia... Já não suporto mais a boemia... (Sai.)

CROCÔ (à Marie): Moça, a senhorita me dá o orgulho de dançar nos meus braços?

MARIE: Mas é claro, gracinha.

(Dançam, enquanto conversam)

MARIE: Como é mesmo o seu nome?

CROCÔ: Crocodilo do Nilo. Mas me chama de Crocô.

MARIE: Eu sou...

CROCÔ: Marie Clarie, já sei. A moça mais bonita que eu já vi em Paris.

MARIE: E você é o único moço que já me falou assim.

CROCÔ: Meu rabo está atrapalhando?

MARIE: Claro que não. Você tem uma cauda até muito charmosa. (Eles brincam carinhosamente com o rabo. A brincadeira acaba num beijo.)

CROCÔ: Hum! Marie Clarie! Sabe, o teu beijo é mais gostoso do que o beijo da Garça.

MARIE: Você tem uma namorada?

CROCÔ: Tenho, mas ela está lá no Rio Nilo.

MARIE: E você vai morar em Paris agora?

CROCÔ: Não, eu só vim aqui pra conhecer os crocodilos elegantes. E por falar nisso, já vou indo. (Dá-lhe um grande beijo final, e sai.)

MARIE (embevecida): Nunca mais me esquecerei deste beijo. Crocodilo do Nilo... Eu acho que me apaixonei... Crocô, Crocodilo do Nilo eu procuro um amigo igualzinho a você. Por quê? Nesse mundo vazio, sentirei menos frio, se pensando em você. Por quê? Você sai procurando Crocodilos em bandos de gente iguais a você (Ri.) Por quê?..

CENA 11

“O PINTOR SUPRA REALISTA”

LOCAL: Rua em Paris

PERSONAGENS: Crocô e o Pintor

RECURSOS: Ator e Boneco.

PINTOR (Entra, arma o seu cavalete e começa a pintar.)

CROCÔ (entrando): Bom dia.

PINTOR: *Oui, oui.* Magnífico. Pode ficar ali. (Indica o lugar.)

CROCÔ: Eu sou...

PINTOR: Eu sei. O crocodilo que pedi à agência de modelos. Vire mais pra lá, a cabeça bem pra cima.

CROCÔ: Acho que houve um engano. Eu vim...

PINTOR: Eu sei. Do Egito. Abra um pouco mais a boca. (Pausa. Ele pinta.)

CROCÔ: Pois é, eu vim do Egito e quero ir...

PINTOR: Para cima do Arco do Triunfo. *Triunfus Crocodilus!* Vai ser minha obra-prima.

CROCÔ: Por falar em prima, o senhor por acaso conhece alguma prima minha?

PINTOR: Claro, eu conheço uma casa cheia de primos seus. Não, não, não desmanche a pose.

CROCÔ: E onde é essa casa?

PINTOR: Vou te mostrar. (Desenha um zoológico.)

CROCÔ: Não, meus primos não vivem em jaulas. Eles são elegantes...

PINTOR: Crocodilos elegantes? Não conheço nenhum, mas os ricos e elegantes moram pra lá do Arco do Triunfo. (Crocô sai correndo.) Ei, meu *Triunfus Crocodilus*, volte! Não me deixe aqui! (Começa a desenhar o arco do Triunfo.) Então, acho que vou começar pela paisagem....

CENA 12

“ PELAS RUAS DE PARIS “

LOCAL: Arco do triunfo com boulevard.

PERSONAGENS: Crocô, pessoas e objetos animados.

RECURSO: Teatro de sombras.

(Enquanto o Pintor desenha a paisagem do Arco, ela vai surgindo na tela do Teatro de sombras. Entram Babá com carrinho, Menina com bola, Homem com jornal, Mulher com sombrinha.)

TODOS (cruzam-se numa coreografia, dizendo): Bom dia! Bom dia!

CROCÔ (aparecendo): Bom dia!

TODOS (assustados): Um crocodilo! (Saem correndo, deixando os objetos caídos no chão.)

CROCÔ (para a bola): Alô, você sabe onde é a casa dos crocodilos elegantes?

BOLA (no ritmo da música, ri dele): Pin, póing, pin, póing...

JORNAL (aproximando-se dele): Não adianta perguntar nada a ela. Ela não tem nenhum poder de concentração.

CROCÔ: Então o senhor...

JORNAL: Jornal falado, ao seu dispor.

CROCÔ: Seu jornal falado, o senhor sabe onde fica a casa dos crocodilos elegantes?

JORNAL: Um momento, vou olhar nos meus classificados. (Foleia-se.)

CROCÔ: Mas os meus primos são ricos!

JORNAL: Então vou olhar na coluna social. (Foleia-se.) E esta só sai amanhã.

CROCÔ: Então tchau, seu jornaleco falante.

(Ele vai até a sombrinha, que lhe dá um susto. Ele vai até uma árvore, que cai sobre ele.

A bola volta a rir e atacá-lo.)

CROCÔ (desesperado): Vou embora daqui. (Chorando.) Que é que eu estou fazendo aqui? (Sai.)

(Volta luz sobre o Pintor.)

PINTOR: Agora eu preciso começar a

pintar o Crocodilo. Será que ele vai voltar?

CROCÔ (Entra aborrecido.)

PINTOR: Ah, você está aí, que bom.

CROCÔ: Claro que estou. Ninguém sabe onde é a casa de crocodilos. Já estou quase desanimado.

PINTOR: Essa casa que você procura, por acaso se chama *Chez Odile*?

CROCÔ: É isso mesmo! *Chez Odile*. Você sabe onde é?

PINTOR (disfarçando a preocupação): É muito longe, Crocô. Difícil de chegar lá. Não vale a pena... Você sabe, os seus primos que vem pra cidade mudam muito... E às vezes a gente nem os reconhece mais...

CROCÔ: Eu reconheço um crocodilo até debaixo d'água. Eu sinto o cheiro longe... (Aspira o ar.) Sinto cheiro do Nilo... Que nada, é cheiro de crocodilo perto. Você falou que a casa é longe? Não é, não... (Vai saindo e farejando.)

PINTOR: Não, Crocô, não vá... Volta pro seu Nilo antes que seja tarde! (Sai com seu cavalete.)

CENA 13

“A LOJA DE CROCODILOS “

LOCAL: A própria.

PERSONAGENS: Crocô e Odile.

(Surge na tela das sombras a loja com os produtos de crocodilo. Entra Odile, boneca de luva e vara. Som de máquina calculadora.)

CORO: Venha a Paris, não vacile, Visite a loja da Odile.

ODILE: Eu sou charmosa e bonita! E o que é melhor: sou rica!

Bolsas, de crocodilo
Sapatos, de crocodilo
Cintos, de crocodilo
Carteiras!

CORO: Ela traz lá do deserto
Um negócio muito esperto.

ODILE: Minha fortuna hoje é imensa,
Maior do que você pensa.

Bolsas, de crocodilo
Sapatos, de crocodilo
Cintos, de crocodilo
Chinelos. (Entra o Crocodilo.)

CORO: Venham do sul ou do norte
Ver essa moça de sorte

ODILE: Uma pele de Crocô
Vale muito dinheiro!

Bolsas

CROCÔ: De Crocodilo?

ODILE: Sapatos

CROCÔ: De Crocodilo?

ODILE: Cintos

CROCÔ: De Crocodilo?

(Ele abre a bocarra num grito natural, e avança sobre Odile. Odile corre de um lado para outro, mas acaba sendo mordida. Crocô vai engolindo Odile. Silêncio geral, com apenas som da calculadora. Luz apaga-se.)

CENA 14

“ A NOTÍCIA “

LOCAL: Rua de Paris.

PERSONAGENS: Marie Claire e Pintor.

RECURSOS: Atores.

PINTOR (entrando): Marie Claire! Marie Claire!

MARIE (entrando): Que foi? Me chamou?

PINTOR: Você já soube da última?

MARIE: Que foi? Conta.

PINTOR: O Crocodilo do Nilo engoliu a dona da loja.(Chora.) Coitadinho

dele...

MARIE: Ora, senhor Pintor. Pare com essas lágrimas de crocodilo! O "meu " Crocô não é coitadinho não! Diga uma coisa: se o senhor fosse um crocodilo, e entrasse numa loja e visse todos os teus irmãos crocodilos transformados em bolsas, sapatos, cintos, o que é que o senhor faria?

PINTOR (já sem chorar): Bem, eu acho que ficaria furioso... Mas e ele? Onde está o Crocodilo? Eu preciso acabar minha obra-prima.

MARIE: Neste exato momento, está voltando para o Nilo. (Surge na tela o trenzinho levando Crocô.) Vai viver feliz com seus irmãos, vivos. Vou sentir tanta saudade!... (Luz baixa em resistência.)

CENA 15 **"FESTA FINAL"**

LOCAL: Rio Nilo.

PERSONAGENS: Crocô e seus irmãos.

RECURSO: Bonecos de luva e vara.

CROCODILOS IRMÃOS (entrando e falando ao mesmo tempo): E aí, Crocô? Que é que você fez depois?

CROCÔ (vaidoso): Aí então... Depois de tudo... Eu me lembrei de vocês, e trouxe um presentinho pra cada um. Gostaram? São de Paris, de uma loja muito elegante.

CROCODILOS IRMÃOS: Elegante?

CROCÔ: E com cheiro de perfume!

CROCODILOS IRMÃOS: Perfume?

CROCÔ (cantando): Perfumes elegantes

E roupas coloridas

São coisas que se cante,

Que fazem bela a vida.

Crocôs muito elegantes

Na beira do Rio Nilo

Estranhos, flutuantes,

Vivendo bem tranquilos.

(Refrão.)

Cante essa canção co'a gente,

Só quero que você me ame

Mais vale um crocodilo vivo,

Que o sapato da madame.

FIM

Infantil

O violino mágico
Júlio Fischer

O VIOLINO MÁGICO

Júlio Fischer

Peça em um ato e dez quadros

PERSONAGENS

TEÓFILO
IZILDINHA
MADAME SINISTRA
TEOBALDO
IMPERADOR DA CHINA (Mago)
FADA MING-LING
BANDIDO 1
BANDIDO 2
ISOLDA CÉLIA (Repórter)
GUARDA
MÚMIA

AÇÃO

Uma metrópole qualquer nos tempos atuais.

CENÁRIO

Alguns praticáveis que servirão para as várias cenas, e, ao fundo, painéis de gaze através dos quais pode passar o vulto colorido de uma grande cidade, a lua, o sol, o céu nas suas colorações múltiplas, dependendo da hora do dia etc. Os painéis de gaze, dependendo do lugar de onde são iluminados (pela frente, por detrás), permitem uma infinidade de efeitos que deverão ser explorados. Esses painéis deverão ser móveis, de modo a modificarem o espaço, dependendo do local onde cada cena se desenrola. Os demais elementos como mesas, cadeiras etc., vão sendo colocados em cena à medida que a ação vai acontecendo. Talvez possam ser usados como elementos de cena alguns caixotes de madeira, bem rústicos, que compostos, de diversas formas, podem criar também alguma composição cenográfica, criando um certo código, uma convenção entre palco e platéia.

PRÓLOGO

(Ao iniciar o espetáculo, pelos painéis de fundo nós vemos a cidade num fim de tarde. No palco, tudo o que vemos é a silhueta de alguns elementos de cena, como um manequim vestindo pedaços de um terno e outros objetos que caracterizam o local como uma sala de costura. Surge no proscênio, plenamente iluminado, Teófilo, um menino de 9 anos de idade, com um objeto musical estranhíssimo preso ao pescoço: uma tábua sobre a qual estão presos uma garrafinha, uma panela de cabeça para baixo e a tampa da panela servindo de “prato”. Nas mãos ele tem duas batutas. Ele entra em cena correndo, meio esbaforido, como que fugindo de alguém. Pára e se dirige à platéia.)

TEÓFILO (ofegante): Puxa, que correria! (Percebendo que tem gente na platéia.) Oi, pessoal! Vocês estão aí, é? Que surpresa! O meu nome é Teófilo, e se vocês quiserem saber por que eu estou tão cansado, vou logo dizendo: é que amanhã eu tenho exame de aritmética e o meu pai me pôs pra ficar estudando a tarde inteirinha, sabe? Mas eu não sei... Alguém aí sabe me dizer pra que serve aritmética? Pra mim só serve pra complicar a vida da gente! Todos aqueles números sem graça, aquelas contas que não acabam nunca, xiii! Eu não tenho paciência pra isso, não! Pra falar a verdade, o que eu gosto mesmo é de fazer som! Daí, eu estava estudando aquelas chatices todas que a dona

Lurdinha mandou decorar pra prova, mas olhei pra rua e tava fazendo um sol, mas um sol desses de arder na vista! Aí, eu peguei essa tábua no quintal, roubei a panela da Izildinha, uma garrafinha e fiz esse instrumento pra tocar com a passarada. Rapaz! Que som legal! O nome do instrumento é GERINGOLINO! Uma mistura de geringonça com violino!

(Ouve-se ao longe o bater de um sino.)

TEÓFILO: Xiiii! Já são seis horas! Daqui a pouco a Izildinha vai dar pela falta da panelinha dela e eles vão descobrir que eu não fiquei em casa estudando coisa nenhuma! (Maroto.) Vai dar um bode danado! É melhor eu me esconder! Posso me esconder aí no meio de vocês? Só um pouquinho, porque eu quero voltar pra casa pro jantar! A Izildinha fez uns pastéis de maçã com canela em cima, que eu não posso perder por nada desse mundo!

(Teófilo desce do palco e se esconde no meio da platéia.)

CENA 1

(Ilumina-se a cena num soco, ao grito e entrada de Izildinha.)

IZILDINHA (gritando): Sumiu! Meu Bom Jesus da Lapa! Sumiu! Seu Teobaldoooo!!!

TEOBALDO (entrando): Sumiu o quê, Izildinha?

IZILDINHA: Sumiu, evaporou, desintegrou! A minha panelinha que estava lá na mesa da

cozinha! Até parece
assombração!

TEOBALDO: Deixa de besteira, Izildinha!
Isso é coisa do Teófilo!

IZILDINHA: Será?

TEOBALDO: E você ainda duvida?
Vamos lá fora procurá-lo! Ele deve
estar brincando de fazer barulho
pela vizinhança!

(Teobaldo e Izildinha dirigem-se ao
proscênio e de lá começam a chamar
por Teófilo.)

OS DOIS FALANDO SEPARADAMENTE:

Teófilo! Teófilo! (Dirigem-se às
crianças da platéia.) Alguém viu
Teófilo por aí? Você sabe onde se
meteu o Teófilo? Você viu o meu
filho por aí?

(Depois de segundos de procura,
Teófilo, divertindo-se com a situação,
começa a tocar o geringolino com
toda a força.)

TEÓFILO (batendo o geringolino e
acenando): Ei, pai! Izildinha! Estou
aqui!

IZILDINHA: Vem pra cá, seu pestinha!

TEÓFILO: Vem você pra cá, Izildinha,
que aqui tá muito legal!

(Izildinha faz menção de ir.)

TEOBALDO: Izildinha! (Ela volta.) Eu vou
aí te pegar! (Teobaldo vai até a
platéia e puxa Teófilo pela orelha
até o palco.) Onde já se viu
tamanha má-criação? Pensa que
seu pai não tem mais o que fazer
na vida do que ficar procurando
o senhor pela vizinhança?

TEÓFILO: Ai, minha orelha!!!

(Os três já estão novamente no palco.)

TEOBALDO: Muito bem, mocinho:
agora trate de tirar essa
bugiganga infernal do pescoço e
devolver a panela da Izildinha!

TEÓFILO: Está bem, está bem...

Calminha, calminha... Também
não vamos perder a paciência só
por causa de uma panela e uma
garrafinha, não é mesmo?

(Tira o geringolino do pescoço e o
entrega para Izildinha, que por sua vez
o pendura no seu próprio pescoço.)

IZILDINHA (dando umas batidinhas no
instrumento e achando graça):
Ai, que bacaninha! Adorei!

TEOBALDO (repreendendo): Izildinha!

TEÓFILO: Não é assim, Izildinha! É assim,
quer ver?

(Teófilo vai até o instrumento e toca
alguma coisa para demonstrar.)

IZILDINHA (batendo palmas, eufórica):
Genial! Genial! Seu Teobaldo, o
senhor sabe que esse seu filho até
leva jeito pra música?

TEOBALDO: Izildinha! De que lado você
está, afinal!

IZILDINHA: Uai, seu Teobaldo! Que o
menino tem vocação, ninguém
pode negar!

(Sai para guardar o geringolino.)

TEÓFILO (querendo fazer as pazes com
Teobaldo): Pai! O senhor me
compra um instrumento de
verdade?

TEOBALDO: Você precisa parar com
essas bobagens de música, meu
filho! Já é quase um homenzinho!

TEÓFILO: Não sou homenzinho coisa
nenhuma! Já sou um homem!

TEOBALDO: Pois então! Um homem não
pode se esquecer das suas
responsabilidades mais
importantes! Música é pra quem
não tem nada pra fazer na vida!
Você tem que estudar coisas úteis
como a aritmética! Portanto, trate
de se sentar aí e estudar bastante
para a prova de amanhã!

TEÓFILO (batendo o pé): Mas eu não

gosto de aritmética! Eu vou ser um artista, e o artista não precisa dessa droga de aritmética! Não vou estudar e pronto!

TEOBALDO: Teófilo! (Enérgico.) Não seja respondão, isso é muito feio!

TEÓFILO: Pai, o senhor me compra um violino?

(Entra Izildinha.)

TEOBALDO: Um violino!!!

IZILDINHA: Mas você não disse ontem mesmo que queria uma bateria?

TEÓFILO: Disse! Mas isso ontem! Hoje eu acordei e decidi mudar a minha vida! Agora eu vou ser violinista de orquestra distônica!

TEOBALDO (apavorado): Sinfônica! Está vendo Izildinha? Esse menino não sabe nem falar direito, tanto horror que tem do estudo! Orquestra distônica! Violino! Era o que me faltava! Muito bem Teófilo. Agora preste atenção: eu vou ter que sair agora para entregar umas encomendas. Enquanto isso, o senhor vai ficar aqui na sala, do lado da Izildinha, estudando para a prova de amanhã, combinado? E sem um pio, entendeu?

(Apanha um livro imenso, desproporcionalmente grande e coloca em cima da mesa.)

TEÓFILO (desapontado): Tá bom...

TEOBALDO: E você, Izildinha, tome conta dele. Não descuide nem um minuto, entendeu?

IZILDINHA: Deixa comigo, seu Teobaldo, que a Izildinha aqui não dá sopa! Eu sou dureza!

(Sai de cena.)

TEOBALDO: Assim espero! Quando eu voltar vou tomar o ponto para ver se você aprendeu. E se não

aprendeu, nada de sobremesa, está me ouvindo?

TEÓFILO: Tá bom...

(Sai Teobaldo. Teófilo se debruça sobre o gigantesco livro, e uma atmosfera diferente começa a invadir a cena. Através dos painéis de gaze vê-se que a noite está se aproximando rapidamente. A lua começa a surgir, juntamente com as primeiras estrelas. Teófilo tira os olhos do livro e começa a sonhar. De repente, fecha-o e salta do banco.)

TEÓFILO (pulando do banco): Droga!!! (Izildinha entra e pega Teófilo em flagrante; ele volta para o seu lugar.)

IZILDINHA: Estudando, Teófilo!

Estudando!

(Izildinha, pega um pano e começa a costurar e fiscalizar Teófilo.)

TEÓFILO (vai até Izildinha num pulo): Izildinha, quando eu crescer mais um pouco você casa comigo? Vamos fugir juntos?

IZILDINHA: Tá maluco, Teófilo? Eu tenho idade pra ser sua mãe... Quero dizer, sua irmãzinha mais velha!

TEÓFILO: A gente podia sair, os dois, e correr esse mundão afora! Eu tocando e você cantando e fazendo pastéis de maçã! Já pensou quantas aventuras? Ia ser legal, não ia, Izildinha?

IZILDINHA: Ia, mas eu acho melhor você parar de sonhar e voltar pro seu estudo, que seu pai já está chegando!

TEÓFILO (sempre sonhando): Se eu tivesse um instrumento de verdade, eu ia sair pelo mundo, tocando pra todas as pessoas que encontrasse, até chegar na China, onde eu ia tocar pro Imperador! Na China tem

imperador de verdade, não tem, Izildinha?

IZILDINHA: Não sei, Teófilo, acho que sim...

TEÓFILO: Tem, sim! Aliás, eu acho que depois da estrada, quando a gente sai da cidade na direção do mundo, deve ter um montão de imperadores, reis, castelos encantados, bichos falantes, cavaleiros de lança e espada, e até mulas sem cabeça!

IZILDINHA: Mulas sem cabeça? (Se benze.) Deus me livre e guarde! Cruz Credo! (Teófilo começa a assustar e correr atrás de Izildinha.) Socorroooo!!!

(Os dois saem de cena já carregando alguma coisa do cenário. Voltam na mesma perseguição, e tiram o que faltar para o palco ficar praticamente limpo. Saem de cena brincando e gritando.)

CENA 2

(Alguns dias depois, numa rua perto da casa de Teófilo, à uma hora da tarde, agora um dos painéis faz as vezes de um muro. Teófilo vem caminhando cabisbaixo, levando nas mãos a pasta escolar.)

TEÓFILO: E agora? Hoje a Dona Lurdinha entregou os boletins, e vocês sabem que nota eu tirei em aritmética? Não tirei zero como papai disse, não. Tirei dois! Dá no mesmo, né? Mas também, droga! Meu negócio é ser músico! Se eu tivesse um instrumento de verdade, poderia ser alguém importante na vida, vocês não acham? E agora eu estou aqui, no meio da rua, sem coragem de

voltar pra casa! Preciso pensar numa saída rapidinho!

(Ouve-se o som de uma sirene de polícia. Entra um homem vestido de cego, correndo e carregando um violino. Quando ele está para sair do palco, repara em Teófilo e vai até ele.)

CEGO: Menino! Você pode fazer um favor a um pobre cego?

TEÓFILO: Posso, sim senhor!

CEGO: Eu tenho que resolver um assunto ali na esquina e volto já! Mas esse violino está pesado demais! Você toma conta dele até eu voltar?

TEÓFILO (surpreso): Um violino de verdade!

CEGO (com pressa, querendo terminar logo a conversa): É! É de verdade! Fica com ele que depois eu venho pegar, está bem?

TEÓFILO: Pode deixar comigo, moço!

CEGO (entrega o violino e sai correndo): Obrigado garoto! Mas tome conta dele direitinho porque esse violino é... é... (Sem saber o que inventar.) ...é MÁGICO! E não saia daí! (Sai.)

TEÓFILO: Nossa, um violino mágico de verdade!

(Entra um guarda esbaforido com um apito nas mãos.)

GUARDA: Menino! Você viu um homem vestido de cego passar por aqui?

TEÓFILO: Vi sim, seu guarda. Ele foi ali na esquina resolver um assunto e volta já.

GUARDA: Volta já!? Esse cara não é cego coisa nenhuma e muito menos vai voltar aqui! Ele é um bandido de uma quadrilha perigosa, que acaba de roubar o "Célebre Diamante Negro" do

Museu Metropolitan!

TEÓFILO: Mas ele disse que voltava logo, seu guarda! Até me pediu pra eu ficar tomando conta desse violino mágico!

GUARDA: Ah, ele disse isso? Violino mágico? Então ele quis se livrar disso pra poder correr da polícia sem esse trambolho nas mãos!

TEÓFILO (bravo): Trambolho?!!! Olha aqui seu guarda, trambolho é a...

GUARDA: Muito bem, garotinho! Agora me entregue esse "violino mágico" para eu poder tirar as impressões digitais do bandido! Para a polícia, isso não é um violino! É a prova do crime, entendeu? Vamos, me entregue logo essa bugiganga!

TEÓFILO (bravo): Bugiganga??!!! Isso aqui é um violino! Inventado por Andrea Amati no século XVI e aperfeiçoado por Antonio Stradivarius no século XVII, entendeu? Esse ainda por cima é mágico! E lugar de violino é na orquestra e não na delegacia!

GUARDA: Não me faça perder a paciência, menino, que você vai junto com ele na radiopatrulha!

TEÓFILO (tentando engambelar o guarda): Então vamos fazer o seguinte: o senhor vai procurar o bandido e eu fico aqui esperando o senhor voltar, e cuidando do violino! Que tal, seu guarda? O senhor também não vai poder correr com esse... "trambolho" nas mãos, não é mesmo?

GUARDA: Muito bem, garotinho! Enfim você entendeu o dever cívico que deve ter para com a Polícia! Para que lado você disse que o

bandido foi?

TEÓFILO: Pra lá, seu guarda, pra lá!

GUARDA (saindo correndo e apitando): E não saia daí, ouviu?

TEÓFILO: Vejam só! Um violino de verdade! E ainda por cima é mágico! Se ele é mágico, deve fazer tudo o que eu quiser. Agora eu vou ter um monte de aventuras! Aliás, só de ter conhecido um bandido de verdade, já foi uma baita aventura! Que legal! Mas como será que a gente faz funcionar a mágica? Será que esfregando a mão sai um gênio aí de dentro? (Esfrega o violino e não acontece nada.) Não deve ser isso. Já sei! Vai ver que a gente tem que dizer uma palavra mágica! "Alakazan! Alakazan! Bam! Bam!" (Tempo.) Nenhum gênio! Deixa eu tentar outra: "Sputnik! Sputnik! Nik! Nik!" (Tempo.) Ô droga de gênio preguiçoso que não sai deste violino! Será que o gênio tá dormindo? (Espia dentro do violino.) Ô, seu gêeeenioooooo!!!! Hum! Não tem gênio nenhum aí dentro! (Tempo.) Acho que me passaram pra trás! (Tempo.) Não! Pensando bem, ele tem cara de mágico, vocês não acham? É claro que é! Eu tenho certeza que ele é mágico de verdade! Idéia!! Na certa a gente tem que tocar o violino para acontecer alguma mágica! É claro! Tá na cara! Então, lá vou eu! Se bem que eu nunca toquei um violino antes. Que emoção! Aí vai o grande violinista Teófilo Vasconcelos, tocar o seu violino mágico!

(Teófilo põe-se a tocar o violino. Porém

não é música que se ouve, mas o som violento de trovões, como se através do instrumento ele invocasse essas forças da natureza, e como esses sons saíssem de seu violino. Os trovões são acompanhados de relâmpagos, e uma forte ventania invade o palco, carregando Teófilo para a platéia.)

TEÓFILO (tocando e fazendo força para não ser levado pelo vento):
Uau! Esse violino tá tocando trovão e vento! Que delícia!

(Em meio a essa confusão de som e luz, um dos painéis que fazia as vezes de muro, gira 180 graus, e surge do outro lado a figura de um imperador chinês e sua assistente. Ele tem um aspecto austero e bondoso ao mesmo tempo. É bastante alto. E se veste, assim como sua assistente, no estilo das antigas pinturas chinesas, e suas cores básicas são o ocre, o vermelho, o negro e o dourado.)

MAGO (gritando no meio da ventania e da trovoada): Ventos, trovões e relâmpagos celestes! Ordeno pela força da magia, que silenciem imediatamente!

Tudo silencia. O mago e sua assistente começam a ser vistos com mais nitidez. Ambos estão visivelmente decompostos pelas intempéries. Escondido na platéia, junto do proscênio, Teófilo observa-os com muita atenção.)

MING: Céus, que ventania! Será que aterrisamos no lugar certo, majestade?

MAGO: Vejamos no mapa. (Abre um pergaminho onde está desenhado um mapa mundi.)
Sim. De acordo com a posição do sol o lugar é este mesmo.

MING: Mas onde estará o menino?

(Procura por um lado.)

MAGO (vendo Teófilo): Ming! Acho que ali está o menino!

(Teófilo se esconde assustado.)

MING (aproximando-se): Que encanto de menino, majestade!

MAGO: Ei, menino! Você não é Teófilo, filho de Teobaldo, o alfaiate? Aproxime-se, vamos, não tenha medo!

TEÓFILO: O senhor me conhece?

MAGO (rindo): Mas é claro! Não foi você que tocou esse violino para nos chamar até aqui?

TEÓFILO: Vocês são da Polícia? Vieram pegar o violino de volta? Olha, se são, é bom ficarem sabendo que esse vio...

MING (rindo): Polícia? Ouviu isso Majestade? Hi, hi, hi, hi... Polícia!

MAGO: Você não lembra, Teófilo? Você disse que quando tivesse um instrumento de verdade iria tocar para o imperador da China? Pois aqui estou eu!

TEÓFILO: O senhor é o imperador da China em carne e osso?

MAGO: Já fui... Já fui... Mas isso foi há muitos séculos atrás... Hoje em dia eu sou apenas um mago. Meu nome é Xmit-Lin-Tsé. E essa é a minha assistente, a fada Ming-Ling-Su. E agora que já fizemos as devidas apresentações, você pode começar a tocar para mim!

TEÓFILO (num susto): Como?! Bem... é que... eu precisava praticar um pouco.

MAGO: Pois eu lhe ordeno que toque! Ou prefere que lhe corte a cabeça?

(Dá uma piscada marota para a fada.)

MING: Hi, hi, hi, hi, hi...

TEÓFILO (apavorado): Sim, majestade, quero dizer, claro que não, majestade.

(Teófilo apanha o violino e coloca-se em posição de tocar.)

MAGO (bate uma palma): Pode dar início ao seu lindo recital!

(Teófilo começa a tocar e o som que produz é um garrancho insuportável. O Mago e a fada tapam os ouvidos.)

MAGO (aos berros): Chegaal!!! Pode parar! Eu lhe ordeno que pare já!

(Teófilo pára de tocar, morrendo de vergonha.)

MAGO (completamente atordoado):

Obrigado por ter parado, filho!

Meus ouvidos não estão

acostumados, sabe? Ouça,

menino: o fato de você apenas

possuir um violino, não faz de

você um violinista!

TEÓFILO (decepcionado): Então... ele não é mágico?

MAGO: Ora, isso é apenas um objeto!!

Portanto, trate de tornar-se um

feiticeiro você mesmo, se quiser

merecer este violino.

TEÓFILO: Majestade... o senhor não poderia me ensinar isso?

MAGO: Ora mas que ousadia... Isso me agrada... Tem certeza que quer mesmo se transformar num feiticeiro?

TEÓFILO: Puxa, se quero!

MAGO: Ming-Ling, passe-me a algibeira de couro. (Ming entrega uma algibeira de couro para o Mago.) Muito bem, Teófilo: este é o segredo de minha magia. Foram os anciões de minha pequena aldeia na China que me deram, quando eu tinha a sua idade. Há uns novecentos anos atrás... Tome! É tudo seu...

(Teófilo vai abrindo a algibeira com cautela. Quando abre, uma luz intensa se projeta de dentro dela, no rosto do menino.)

TEÓFILO: Ué! Parecem grãosinhos!

MAGO: São os cereais encantados da dinastia Lin-Tsé!

TEÓFILO: Cereais? O senhor quer dizer trigo, arroz, milho, essas coisas?

MAGO: Encantados! E por isso não acabam nunca! Agora coma um pouco!

TEÓFILO (comendo um pouco): Hum... são bons!

MAGO: Muito bem, muito bem!...

Agora toque!

TEÓFILO: Outra vez?

MAGO: Vamos, toque, meu rapaz! Não tenho o dia todo!

MING: Hi, hi, hi, hi, hi, hi...

(Teófilo apanha o instrumento e executa um lindo solo de violino.)

TEÓFILO (eufórico): Eu estou tocando! Estou tocando!

MAGO: Agora preste muita atenção, meu filho: horas difíceis virão, mas os cereais o fortalecerão com a força da magia! Até o amanhecer você deverá alimentar-se apenas deles! Caso contrário, todo o encanto do seu violino será quebrado!

MING (enérgica): Mas lembre-se: você não é um feiticeiro! Até que consiga prová-lo! Por enquanto é apenas um aprendiz.

TEÓFILO: Puxa! Muito obrigado!

MAGO: Bem, agora chega de conversa e toque logo esse violino para que possamos ir embora. Está pronta, Ming?

MING: Tudo pronto, majestade!

MAGO: Então até a vista, Teófilo!

TEÓFILO: Até a vista! E lá vou eu!

(Teófilo apanha o violino e toca. O painel gira e os dois desaparecem em meio a uma sinfonia e barulhos de trovões e relâmpagos. Teófilo pára de tocar e fica sozinho em cena. Começa a entrever-se o vulto da cidade por trás dos painéis.)

TEÓFILO (preparando-se para sair):

Rapaz! Que feiticeiro mais camarada! Espera só até a Izildinha ver o meu violino mágico! É... mas com essa nota no boletim, é melhor eu não aparecer em casa por uns tempos! É isso mesmo! Afinal, já tenho nove anos, sou um homem valente e corajoso! E quem tem um violino mágico e cereais encantados no bolso, não precisa ter medo de nada! Tchau, pessoal. Se o meu pai, a Izildinha e principalmente o Guarda vierem me procurar, vocês não viram nem ouviram nada de mim, tá legal?

(Sai. Entra o bandido vestido de cego por outro lado.)

CEGO: Menino! Onde é que está você? Eu voltei pra pegar o violino, lembra? (Tira um revólver do bolso.) Eu tenho uma recompensa para você, garotinho! (Tempo.) Malandro! Desapareceu com o violino! E agora? A chefe vai acabar comigo!! (Olha para os lados.) Opa! Aquele guarda vem vindo aí! (Tira os óculos escuros, pega o chapéu e fica se fazendo de mendigo.)

(Entra o guarda correndo e apitando.)

GUARDA: Menino! Meninhooooo! Meninhooooo!!... Onde foi que você se meteu? (Procura.) É o seu

amigo guarda Tavares que está aqui!... Você já pode me devolver o violino, menininho bonzinho... (Repara no "mendigo".) Ei, você! Não viu um menino com um violino por aqui?

MENDIGO: Ele saiu daqui agora mesmo!

GUARDA: Que malandrinho! Pra que lado ele foi?

MENDIGO (aponta para o lado de onde veio o guarda): Pra lá.

GUARDA: Mas eu vim de lá agora mesmo e não vi nada!

MENDIGO (aponta para o outro lado): Então foi pra lá...

GUARDA: Você tem certeza?

MENDIGO: Absoluta! Eu enxergo muito bem, e vi o menino saindo. Por acaso ele não tinha um... um violino?

GUARDA (pensando): Um violino, um violino... tinha sim! É esse mesmo!

MENDIGO: Então ele foi pra lá mesmo!

GUARDA: Muito obrigado! É bom ver gente humilde e direita como o senhor, ciente de seu dever cívico para com a Polícia! Estamos procurando uma quadrilha perigosa, a quadrilha de Madame Sinistra, a temerária! Eles roubaram o diamante mais valioso do mundo, o Célebre Diamante Negro, do Museu Metropolitano!

MENDIGO: Nossa... roubaram é?

GUARDA: Mas eu vou encontrá-los, porque sou muito esperto! Farejo as coisas de longe! Sinto a presença de um bandido a quilômetros de distância!

MENDIGO: Imagino!

GUARDA: Mas agora eu tenho que encontrar o violino, para tirar as

impressões digitais do bandido!
Pra que lado o senhor disse
mesmo que ele foi?

MENDIGO (aponta para o lugar de
onde veio o guarda): Para lá!

GUARDA: Ah, sim! (Sai correndo.)
Preciso achar esse menino! E vou
achá-lo, porque sou inteligente
pra burro!

(Sai o guarda. O “mendigo” se
levanta.)

MENDIGO: Preciso achar esse menino
antes que a polícia ponha as
mãos nele! (Sai correndo.)

CENA 3

(O Museu Metropolitano. Ambiente
sombrio de museu. Há uma grande
placa onde se lê “Museu
Metropolitano”. À esquerda uma caixa
de vidro vazia, onde estava o
diamante. À direita, de pé num
sarcófago, um múmia do Egito antigo.
Entra Teófilo pé ante pé.)

TEÓFILO: Ufa! Até que enfim consegui
este Museu pra me esconder do
guarda! (Repara na múmia.)
Nooooossa! Uma múmia de
verdade! Oi, dona múmia, tudo
bem? Muito calor aí dentro? Ui,
que múmia mais séria! (Repara
numa placa ao lado do
sarcófago. Lendo.) “Múmia de...
Cam... Ba... Ná... Ton.
Cambanáton.” Que bela droga
de nome, hein, dona múmia?
Cambanáton! Deve dar até
vergonha de assinar. (Volta a ler.)
“Que morreu no Egito em... em...
1327 a. C.” a.C.??! Mas que
diabo de a. C. é esse? Ah, já sei!
Deve ser Aritmética e Cálculo!
Coitadinha! Deve ter morrido de

Aritmética e Cálculo! Por isso tá
com essa cara!

(Ouve-se um alvoroço fora do palco.)

TEÓFILO: Opa, aí vem gente! É melhor
eu me esconder! (Vai até o
sarcófago.) Hum... A senhora não
iria se importar de me dar uma
forcinha agora, né, dona múmia?
(Começa a deslocar a múmia um
pouco de lado para pode caber
dentro do sarcófago, atrás dela.)
Nossa, como a senhora é pesada!
Precisa fazer um regimezinho!
Obrigado, dona múmia!

(Entra uma repórter de televisão
segurando um microfone.)

REPÓRTER: Luzes! Câmeras! Por aqui!
Sim! Aqui é o local do crime! (Fala
para um suposto camera man.)
Está bom assim? (Fica fazendo
poses.) Assim? Não? Mais para a
direita? Assim? Mas aonde é que
você quer que eu fique, seu
palerma?

TEÓFILO (espiando por trás da Múmia):
Puxa! É a Isolda Célia da
televisão!

REPÓRTER (parando de fazer poses):
Acho que ouvi vozes vindas
daquele sarcófago... Ai, meu
Deus, por isso é que odeio
museus! Deixa eu ficar bem longe
dessa múmia mal-encarada!

TEÓFILO: Imagina! Mal-encarada é ela!

REPÓRTER: Vozes, outra vez! (Para o
camera man.) Como é, seu
molenga? Vai ou não vai
começar logo o programa?! O
que? Tá no ar?! (Ao ouvir que o
programa está no ar, ela se
transfigura numa simpática e
sorridente repórter.) Boa tarde,
meus queridos telespectadores!
Aqui está a sua queridíssima e

simpática repórter Isolda Célia, diretamente do Museu Metropolitano, de onde foi roubado o Célebre Diamante Negro, numa gentileza do iogurte Tiro e Queda, que faz os seus filhos ficarem mais fortes e inteligentes!

TEÓFILO: Puxa! Eu sempre quis tocar na televisão!

(Vai saindo do sarcófago e se aproximando devagarinho.)

REPÓRTER (perturbadíssima, sem coragem de olhar para trás): Ai, meu Deus! Vozes de novo! Vozes de novo! Eu devo estar um pouco nervosa, é isso! Não é nada, queridos telespectadores, apenas alguns probleminhas de ordem técnica! Como eu estava dizendo, o Célebre Diamante foi roubado pela quadrilha da terrível, temível, temerária Madame Sinistra, conhecida contrabandista internacional! É o roubo do século, meus senhores! A cidade inteira está mobilizada na pista da tal madame Sinistra e seus bandidos! Onde estará o diamante? Onde estarão os ladrões? Se você tem alguma sugestão, escreva para nós, e estará concorrendo a dez caixas do iogurte Tiro e Queda, in-tei-ramen-te grátis!!!!

TEÓFILO: Ei, Isolda Célia! Será que eu podia...

REPÓRTER: Sai pra lá, moleque! Não vê que estamos no ar? (Para a câmera.) Que gracinha de petiz, não é mesmo? Bem, mas como eu estava dizendo, acabamos de saber que o Célebre Diamante Negro foi escondido - imaginem

vocês! - Dentro de um violino de vigésima quinta categoria, velho, desafinado e caindo aos pedaços! (Empolgadíssima.) Não é um escândalo de imaginação? Parece filme americano!

TEÓFILO (puxando a saia de Isolda Célia para chamá-la): Ei, Isolda Célia! Não dava para você me deixar tocar...

REPÓRTER: Sai pra lá, moleque! Isso aqui não é programa de calouros!

TEÓFILO (olhando para a câmera): Alô pessoal! Eu sou um violinista de verdade e...

REPÓRTER (pegando Teófilo pelo colarinho): Escute aqui sua praga! Quer dar o fora e me deixar fazer a minha reportagem em paz?! Que amor de menino, vocês não acham? (Empurra Teófilo para um lado, tentando tirá-lo do alcance das câmeras, completamente transtornada.) Bem... eu... Onde é que eu estava mesmo? Ah, sim! Imaginem vocês, que aquele violino, foi visto por um policial, nas mãos de um menino de apenas nove anos de idade...

TEÓFILO: Deixa eu tocar, Isolda Célia? Só um pouquinho, vai... Eu queria tanto aparecer na televisão!

REPÓRTER: Desinfeta, Satanás! Depois você toca! (Para a câmera.) ...Um menino de nove anos, trajando uniforme de grupo escolar...

TEÓFILO: Depois quando, Isolda Célia?

REPÓRTER (sorrindo forçadíssima): ... Trajando uniforme de um grupo escolar, malcriado e respondão... (Começa a desconfiar que talvez Teófilo seja o menino.) ... que cismou que o indigitado violino

era mágico... (Confusa, relendo as fichas.) ... Um violino, uniforme escolar, malcriado, respondão... Qual é o seu nome, garoto?

TEÓFILO (bombástico, como se a repórter tivesse perguntado isso para anunciá-lo na televisão): Teófilo Vasconcelos!!! O grande violinista, ao vivo e em cores para todo o Brasil!!! Vou executar para vocês...

REPÓRTER: Meu Deus, é ele!!! É ele!!! É o menino que está com o diamante dentro do violino!!! Um furo de reportagem sen-sa-cio-nal, da maravilhosa Isolda Célia, meus senhores! Está aqui comigo, o menino do violino, procurado pela cidade inteira!

TEÓFILO: Como é, dona?!

REPÓRTER: O diamante! Encontramos o diamante, isto é, eu encontrei o diamante!

TEÓFILO: Não sei de diamante nenhum, moça! É favor parar de gritar feito doida, pra eu fazer o meu concerto! Assim não posso me concentrar!

REPÓRTER: Me entregue essa porcaria de violino, garoto!

TEÓFILO (correndo da repórter): Porcaria, senhores telespectadores, é o iogurte Tiro e Queda! Minha prima ficou um mês de cama na primeira colherada!

REPÓRTER (enlouquecida): Meu patrocinador!!!

(Começa um corre-corre generalizado. A repórter tentando alcançar Teófilo, que corre em círculos com o violino.)

REPÓRTER (correndo): Me entregue isso, seu capeta! Seu ladrãozinho de diamantes!

TEÓFILO: Vem me pegar se puder, Isolda Célia!

REPÓRTER: Não brinque comigo, seu monstinho infernal! Estamos no ar!

(Teófilo esconde-se perto da múmia e a repórter fica paralisada, sem coragem de chegar perto.)

TEÓFILO (chegando na múmia): Piiiiiques! Vem pegar o violino agora!

REPÓRTER: Chamem a polícia!

TEÓFILO: Vamos fazer um trato, Isolda Célia? Você dança com a múmia e eu te entrego o violino!

(Teófilo come dos cereais.)

REPÓRTER: Dançar com essa múmia? Eeeuuu?!

(Teófilo começa a tocar uma valsa no violino.)

MÚMIA (começa a se mexer, sai do sarcófago dançando desajeitadamente, de braços abertos, em direção à repórter): Oba! Adoro saçaricar! Vem cá minha pombinha! Minha rainha do Nilo!

REPÓRTER: Socorro!! Socorroooo!!! A múmia está andando! Políciaaaa!!! (Larga o microfone e sai correndo com a múmia atrás dela.)

Prendam esse menino! Prendam essa múmia! Isso é feitiçaria!

(Teófilo sai numa correria, pelo outro lado.)

CENA 4

(A casa de Teófilo. Teobaldo está caído numa poltrona, com uma bolsa de água quente na cabeça, totalmente amargurado. Izildinha está sentada diante da televisão ligada, com uma bacia de pipocas,

adorando tudo o que está assistindo.)

IZILDINHA (batendo palmas, rindo e comendo pipocas): Bravo! Bravo! Que legal! Olha que bacana, seu Teobaldo! Vem ver! Vem ver o programa! Isso está mais divertido do que o Chacrinha! O Teófilo! O meu Teófilo!

TEOBALDO (gemendo): Aaaaaaaiiii... Não posso acreditar... É horrível demais!...

IZILDINHA: Não fica aí gemendo, seu Teobaldo! Vem ver o seu filho! Olha só o reboliço que ele tá aprontando no Museu! Há! Há! Há!!! Olha lá a múmia! Ela agora está dançando *twist* com uma caveira! Há! Há! Há! Eu nunca vi coisa mais engraçada!

(Izildinha vai até a poltrona e começa a sacudir Teobaldo para que ele se levante.)

IZILDINHA: Levanta daí, seu Teobaldo! Levanta! Vem ver o seu filho na televisão! Ele é um gênio!

TEOBALDO: Me larga, Izildinha! Me larga!

IZILDINHA: Vamos, vamos, seu Teobaldo! Alegria! Alegria! Seu filho é o maior sucesso da cidade!!!

TEOBALDO: Chegaaaaaaa!!! (Vai até o televisor e o apaga.) Pronto! Acabou! Minha cabeça está estourando, dona Izildinha! Não aguento mais essa barulheira, nem sua risada irritante! Meus nervos estão à flor da pele, entendeu?!!!

IZILDINHA (meio sem graça): O senhor quer um pouco de pipoca pra acalmar?...

TEOBALDO: Pipoca! Pipoca! Você acha que eu tenho ânimo de comer

pipoca numa hora dessas? Oh, meu Deus, meu Deus! Como é que o meu filho vai se ver livre dessa encrenca? Ele na certa nem imagina o perigo que está correndo!

IZILDINHA (carinhosa): Também não é pra tanto, seu Teobaldo! O senhor não ouviu na televisão, que o violino do Teófilo é mágico? Então! Pra quem tem um violino mágico, não pode acontecer nenhum mal!

TEOBALDO: Vio... vio... violino mágico! Izildinha dos Santos! Não vá me dizer que até você, uma moça inteligente, está acreditando nessa bobagem! Você por acaso já viu algum violino ser mágico, sua palerma?

IZILDINHA (imitando o tom de voz de Teobaldo): E o senhor, seu Teobaldo, por acaso já viu uma múmia sair dançando de dentro de um caixão?! Como é que o senhor explica isso? Heim? Heim? Heim?

TEOBALDO: Bem, eu...

IZILDINHA: O seu problema é ser sério demais!

(Batem na porta.)

TEOBALDO: Quem será? Talvez alguma notícia de Teófilo!

(Izildinha abre a porta. Entra o guarda apitando fervorosamente, empunhando uma metralhadora.)

GUARDA: Mãos ao alto! Essa é a casa do menino Teófilo Vasconcelos?

TEOBALDO (de mãos para o alto): É aqui mesmo, seu guarda. Eu sou o pai dele.

GUARDA: Muito bem, podem baixar as mãos. (Os dois obedecem.) Eu sou o guarda Tavares e vim aqui

buscar o senhor para me acompanhar até a delegacia para prestar declarações!

IZILDINHA (com as mãos nas cadeiras): O quê?! Delegacia? O seu Teobaldo?!

TEOBALDO: Mas e o meu filho? Onde está o meu filho?

GUARDA: Não se preocupe senhor Teobaldo Vasconcelos, pois eu vou encontrá-lo; Porque eu sou muito esperto, sagaz, vivaz...

TEOBALDO (cortando): Mas e os bandidos? Ainda não os acharam?

GUARDA: Estamos procurando, estamos procurando... Mas o problema mais urgente é encontrarmos o seu filho, pois ele está com o Diamante Negro dentro daquele violino! Entendeu meu raciocínio, minha lógica? Fantástica, não é mesmo? (Grandiloqüente.) Para o tesouro do país, urge recuperar o diamante! Por enquanto os bandidos ficam em segundo plano!

TEOBALDO: Mas meu filho está correndo perigo de vida!

GUARDA: Bem... que ele corre perigo, isso lá é verdade... A quadrilha da tal Madame Sinistra é fogo! Ela é perigosíssima! Nunca ninguém viu de perto; dizem que é um Demônio!

OS DOIS: Oh!!!

O GUARDA (empolgado com a descrição): Uma mulher muito malvada!

OS DOIS: Oooooohhhh!!!

O GUARDA: E perversa!!!

OS DOIS: Oh!

GUARDA: ... E odeia criancinhas!!!

IZILDINHA: Cristo! E o que uma mulher dessas pode fazer com um pobre menino inocente?!

GUARDA: I-no-cen-te??!! Você disse inocente? Saiba que estamos investigando a "inocência" do garoto!

IZILDINHA (furiosa): O que o senhor está dizendo aí, seu guarda?!

TEOBALDO: Céus, isso é uma calamidade!

GUARDA: Mas é a pura verdade! É muito duro para mim dizer isso a um pai, senhor Teobaldo, mas de acordo com minhas infalíveis suspeitas, o seu filhinho deve estar sendo usado pela quadrilha de Madame Sinistra, para a execução do delito! Que tal a minha conclusão? Brilhante, não acham? De fato o plano é até interessante... Mas eu descobri tudo, porque sou inteligente pra burro!

IZILDINHA: O senhor é burro pra burro, isso sim, seu Guarda!

GUARDA (anotando num bloquinho de muitas): "Desrespeito à autoridade". Fique sabendo que você também é suspeita, ouviu, mocinha?

IZILDINHA: Eu?!

GUARDA: Sabemos que você e o menino viviam conversando enquanto você passava roupa! Vamos, diga, confesse tudo o que sabe sobre o roubo do diamante!

IZILDINHA: Nunca fui tão insultada em toda a minha vida!

GUARDA (anotando): "A cúmplice se recusa a revelar o plano do roubo". Muito mau! Muitíssimo mau!

TEOBALDO (intercedendo): Senhor

Guarda...

GUARDA: Senhor Teobaldo! É duro admitir! Mas... (Dramático.) ... Debaixo de seu próprio teto tramava-se um roubo gigantesco, por parte de seu filho e de sua empregada! Que mar de lama!

(Izildinha, furiosa, começa a comer pipocas compulsivamente. O Guarda vê e vai direto enfiar a mão na bacia de Izildinha; ela lhe dá um tapa na mão e tira a bacia de seu alcance.)

GUARDA: Pipocas! Adoro pipocas!

IZILDINHA: Cuidado com essas pipocas, seu guarda! Sou uma bandida muito perigosa, sabe? E pipoca de bandida faz estômago de polícia EXPLODIR!!!

(Izildinha explode de raiva e voam pipocas por todo lado.)

TEOBALDO: Senhor guarda, por favor... Tudo o que o meu filho quer é fazer algumas estrepolias com seu violino mágico!...

GUARDA: Senhor Teobaldo! O senhor alguma vez em sua vida já viu algum violino ser mágico?

TEOBALDO: E o senhor, por acaso já viu uma múmia sair dançando de dentro de um sarcófago?!

IZILDINHA: Muito bem dito, seu Teobaldo!

GUARDA: Este é outro delito gravíssimo imputado a seu filho: subversão da ordem pública! Múmias não podem sair dançando por aí! É contra a lei! Bem, agora tenha a gentileza de me acompanhar até a delegacia, sim?

IZILDINHA: Se ele for, eu vou junto!

GUARDA: Quanto a isso, não tenha dúvidas, mocinha! Em breve irá passar uma temporada no xilindró! Mas, por enquanto, é só

o seu patrão! (Para Teobaldo.)

Está pronto?

(Abre um par de algemas.)

TEOBALDO: Estou.

(O Guarda algema Teobaldo e os dois saem. Um tempo. Izildinha começa a sapatear de raiva.)

IZILDINHA: Aaaaaaaaiiii!!! Que ódio!

Que ódio! Que ódio! Que ódio!

(Ambiente escurece um pouco, a cena passa a ser iluminada com uma cor velada, anunciando uma atmosfera mágica. A irritação de Izildinha vai dando lugar a uma grande preocupação)

IZILDINHA: Teófilo alguma coisa de ruir pra você, eu morro!... F... você andarão agora? Sozinho nessa cidade grande...

(Som de violino invade a sala. Um lindo arco-íris começa a aparecer projetado nos painéis de gaze que formam o cenário da casa.)

IZILDINHA (ouvindo o som do violino): O que é isso? Parece um violino!... Mas não tem ninguém tocando!... (Levanta-se cheia de esperanças, enxugando as lágrimas no avental.) Teófilo! É você que voltou, seu pestinha? (No que levanta repara no arco-íris, que agora está brilhando completamente.) Um or... meio da sala!

(Painéis de gaze iluminam, permitindo que se veja a figura de Teófilo tocando serenamente o violino. Uma voz gravada dá a fala de Teófilo.)

TEÓFILO (sem parar de tocar): Izildinha! Sou eu!

IZILDINHA (olhando em volta, sem conseguir enxergá-lo): Onde é

que você está, menino? Não estou te vendo!

TEÓFILO: É que eu estou do outro lado da cidade, Izildinha! Então, como eu fiquei com saudades, fiz esse arco-íris com o meu violino mágico, pra me comunicar com você! Você não acha muito mais divertido que telefone comum?

IZILDINHA: Acho que sim! Mas como é que você faz essa mágica, Teófilo? Me conta!

TEÓFILO: É fácil! Primeiro eu como dos cereais encantados que o Imperador da China me deu de presente; aí, eu penso numa coisa que eu quero que aconteça, e me concentro bastante. Toco uma música que me lembra aquela coisa que eu quero que aconteça, e a coisa que eu quero que aconteça, acontece de verdade! Eu descobri, que cada coisa no mundo tem sua música própria!

IZILDINHA: Que legal! Mas quando é que você volta para casa, Teófilo? O seu pai e eu estamos preocupados! Estão dizendo que você roubou um diamante! Você corre perigo!

TEÓFILO: Não tem perigo nenhum, Izildinha! Eles inventaram isso, só pra me tirarem o violino mágico!

IZILDINHA: Essa casa está tão triste sem as suas bagunças! Volta logo, tá?

TEÓFILO: Assim que eu ficar um violinista famoso e importante eu volto! Agora eu preciso desligar o arco-íris, Izildinha! Um beijo pra você e pro papai também!

IZILDINHA: Espera, Teófilo! Você está comendo direito? Cuidado com a friagem! E cuidado com a

Madame Sinistra!... Ei! Teófilo! Teóf... Volte logo, que eu sinto muita falta de você...

(O arco-íris começa a desaparecer, juntamente com a luz da cena e a figura de Teófilo. A cena escurece por completo. Ouve-se apenas o violino, até clarear a cena seguinte.)

CENA 5

(No esconderijo de Madame Sinistra e seus dois ajudantes. Ambiente sombrio, Madame Sinistra é uma senhora perto dos sessenta anos, cabelos ruivos fazendo um coque no alto da cabeça, usando um vestido preto e um casaco de pele de cor roxa. Enfeita-se com várias jóias de pérolas e diamantes. Ao abrir a cena ela está berrando com uma vara de marmelo numa das mãos. O bandido que se fantasiara de cego está sentado num caixote, morrendo de medo de Madame Sinistra. O outro está um pouco alheio, olhando pela janela.)

SINISTRA (esbravejando): Maldição!! Maldição!!

BANDIDO 1: Desculpa, Madame Sinistra! Mil perdões! Eu não podia imaginar que isso ia acontecer!

SINISTRA: Seu pateta! Seu incompetente! Esse plano era a consagração de minha carreira de roubos e contravenções!

BANDIDO 1 (inocente): Mas o menino prometeu que ficava com o violino naquela esquina até eu voltar! Eu juro!

SINISTRA (furiosa): Idiotaa!! Um menino de nove anos é mais esperto do que você! E onde você estava com a cabeça quando disse para o garoto que aquele violino

em pandarecos era mágico?

BANDIDO 1: Falei sem pensar! Saiu!

SINISTRA: Você e suas idéias idiotas! E agora, o que será de nós?

BANDIDO 1: Po... Podemos procurar o menino e reaver o diamante!

SINISTRA: Vocês já deviam estar há muito tempo vasculhando em cada viela, em cada beco da cidade, o rastro desse menino! (Notando a ausência do outro bandido.) Onde está o outro paspalho?

BANDIDO 1: Ali, na janela!

SINISTRA: O que você está fazendo aí na janela numa hora dessas, seu boçal?

BANDIDO 2 (meio pateta): Hã... Estava vendo um enorme arco-íris que tinha no céu! De ponta a ponta da cidade!... Mas engraçado... Não choveu! Como é que tinha arco-íris no céu, se não choveu?

SINISTRA: Não choveu? Pois você vai ver uma chuva de pancadas agora mesmo, se não prestar atenção no que eu estou dizendo!

BANDIDO 2: Desculpa, chefe!

SINISTRA: Ouçam bem, seus dois incompetentes: temos que pôr as mãos nesse violino antes que a Polícia encontre o garoto!

OS DOIS: ... Antes que a Polícia encontre o garoto!

SINISTRA: E vocês tem que ser rápidos, estão me ouvindo? Temos que estar hoje, à meia-noite, no cais do porto para apanhar o barco que nos levará para fora do país!

OS DOIS: Hoje, meia-noite, apanhar o barco, para fora do país!

SINISTRA: E ficaremos ricos! Milionários!

OS DOIS: Ficaremos ricos! Milionários!

SINISTRA: Compraremos castelos, ilhas, navios, aviões, cassinos, e uma casa de chocolate!

OS DOIS: Compraremos o mundo todo!

SINISTRA: Façam qualquer coisa para reaver o nosso diamante, entenderam? Se for preciso, matem esse garoto metido a espertinho!

OS DOIS: Se for preciso, mataremos esse garoto metido a espertinho!

SINISTRA: Ninguém brinca com a terrível Madame Sinistra, a temerária!

OS DOIS: Ninguém brinca com Madame Sinistra!

SINISTRA (apanha uma caixa de madeira forrada de veludo vermelho): Sabem o que tem aqui, dentro desta caixa?

OS DOIS (curiosos): O quê?

SINISTRA (abrindo a caixa, e entregando um revólver para cada um): Essas armas são as mais eficientes do mundo! Roubei de um agente do Serviço Secreto americano num hotel em Las Vegas. Último tipo! Basta apertar o gatilho em direção ao garoto, que ele irá pelos ares no mesmo instante!

BANDIDO 1: Como uma bomba humana!

BANDIDO 2: E vira um montinho de cinzas!

BANDIDO 1: Genial, chefe! Genial!

SINISTRA: É claro, que é genial, imbecil! Não é à toa que eu me chamo Madame Sinistra, a temerária! Agora vão, seus palermas! Vão! E não se atrevam a voltar aqui sem o diamante!

OS DOIS (morrendo de medo): Sim, chefe!

BANDIDO 1: Deixa conosco, Madame Sinistra!

BANDIDO 2: Não falharemos!

OS TRÊS: E ficaremos ricos! Milionários! (Saem.)

(A cena escurece. Ouve-se a voz de um locutor de um noticiário. Vê-se ao fundo o vulto da cidade. A noite vem chegando juntamente com a lua e um céu estrelado. É Izildinha que escuta o noticiário de uma rádio.)

VOZ DO LOCUTOR: Começa a anoitecer, e até o momento a polícia não encontrou nenhuma pista do menino Teófilo Vasconcelos! Durante toda a noite equipes da salvamento e captura estarão espalhadas pela cidade em busca de Teófilo! Muitos mistérios envolvem o roubo do diamante! Estaria Teófilo macomunado com os bandidos? Como explicar o caso da múmia dançante do Museu Metropolitano? A propósito, a indigitada múmia voltou a ficar muda e imóvel e recusa-se a prestar declarações. Está presa, portanto. Há poucas horas também, um suspeito arco-íris foi visto por todos nos céus da cidade! Seria algum código? Algum sinal? A polícia tentou prender o arco-íris, mas ele sumiu misteriosamente no último momento!

(Izildinha desliga o aparelho.)

IZILDINHA (decidida): Não vou mais ficar aqui, de braços cruzados, enquanto Teófilo corre perigo! Ah! isso é que não! (Apanha um capote, um chapéu de detetive, uma lupa e um cachimbo e vai se caracterizando como um

autêntico Sherlock.) Izildinha dos Santos é melhor detetive que toda a polícia junta! E Izildinha dos Santos não vai deixar que nada de ruim aconteça ao seu queridinho! Ah, isso é que não! (Vai saindo de cena, olhando o chão através da lupa, como que procurando pegadas.) Teófilo! Teófilo! Seu menino doidinho! Teófilo!

(Sai.)

CENA 7

(Um beco na cidade às nove horas da noite. Céu escuro, lua cheia. Algumas latas de lixo espalhadas perto de tapumes de madeira. Ouve-se a sirene de um carro de polícia passando. Entra Teófilo correndo.)

TEÓFILO: Ufa! Quase que a polícia me reconheceu! Por que eles não me deixam em paz com o meu violino? Será que é crime alguém possuir um violino mágico? (Sente a barriga roncar.) Puxa, está me dando uma bruta de uma fome! (Senta-se numa lata de lixo e abre a algibeira de couro.) Ainda bem que eles não acabam nunca, porque eu estou com apetite de leão! Mas porque será que o Imperador me disse pra não comer outra coisa até amanhã de manhã? Na certa deve fazer parte de algum regulamento da mágica, é isso!

(Surgem no fundo do beco as figuras dos bandidos entrando cautelosamente e olhando para os lados.)

BANDIDO 2: É ele?

BANDIDO 1: É ele, tenho certeza!

BANDIDO 2: Rapaz! Isso vai ser moleza!
(Os bandidos fazem ares de despreocupados e bonachões e se aproximam de Teófilo, que guardou o violino na caixa e come tranquilamente.)

BANDIDO 1: Boa noite, pequerrucho!

BANDIDO 2: Boa noite, pequerrucho!

TEÓFILO (achando engraçado o cumprimento): Boa noite, gentis senhores!

BANDIDO 2 (para o Bandido 1): Gentis senhores? Hum! Vai ser mais fácil do que imaginava!

TEÓFILO (para o Bandido 1): Ei, moço! Acho que eu conheço o senhor de algum lugar!

BANDIDO 1: A mim? (Tosse, pigarreia e disfarça a voz.) A mim? Impossível! Você deve ter se confundido!

BANDIDO 2: Deve ter se confundido, com toda a certeza!

BANDIDO 1 (acedendo um charuto): Somos empresários de uma grande rede de televisão!

BANDIDO 2: De uma rede enorme!

BANDIDO 1: Estamos à procura de novos talentos!

BANDIDO 2: Somos descobridores de talentos!

TEÓFILO: Puxa! Que bacana!

BANDIDO 1: Talvez você possa nos dar uma informação.

TEÓFILO: Pois não, cavalheiros.

BANDIDO 1: Você conhece algum menino, assim da sua idade, que saiba tocar violino?

BANDIDO 2: Precisamos de um pequeno violinista para ser a sensação do show!

TEÓFILO (entusiasmadíssimo): Estão falando com um astro do violino! Eu mesmo! Eu toco qualquer tipo

de música!

BANDIDO 2: Oh, mas isso é muito bom! Um pequeno virtuoso que toca qualquer música! Não é maravilhoso Polinésio?

BANDIDO 1: Inacreditável, Patagônio!

BANDIDO 2: Mas onde está o seu violino?

TEÓFILO (um pouco desconfiado): O senhor quer ver o violino, pra quê?

BANDIDO 1: Ora, para fazermos o teste!

BANDIDO 2: É claro, o teste!

TEÓFILO (tira o violino de sua pasta e mostra): É esse aqui!

BANDIDO 1: O violino! O violino está salvo, graças a Deus!

TEÓFILO: O que foi que o senhor disse?

BANDIDO 2: Ele disse: "O espetáculo está salvo, graças a Deus."

BANDIDO 1: É, finalmente encontramos você, para salvar a nossa pele. (Para o outro.) Onde está o contrato?

BANDIDO 2: Que contrato?

BANDIDO 1 (dá um safanão no outro): O contrato, Patagônio! O contrato para o menino tocar na televisão!

BANDIDO 2: Ah, sim! O contrato! (Tira um papel do paletó.) Assine aqui.

TEÓFILO (vendo o papel): Hm... Não posso assinar nada sem consultar o meu advogado.

BANDIDO 2: Ele está duvidando da nossa honestidade, Polinésio!

BANDIDO 1: Que assinte, Patagônio! (Os dois fingem que vão sair, ofendidos. Teófilo fica num dilema.)

TEÓFILO: Se eu perder essa chance, nunca mais toco na televisão! (Para os dois.) Está bem, eu

assino!
(Os dois bandidos voltam correndo.)
BANDIDO 1: Assine aqui. Nós seguramos o violino para que você possa assinar melhor.
TEÓFILO: Não precisa segurar. (Desconfiado.) Eu assino com ele junto mesmo. Agora os senhores querem que eu toque um pouco?
BANDIDO 1: Tocar essa... Pra quê?
TEÓFILO: Vocês não falaram de um teste? Pois eu estou pronto!
BANDIDO 2: Ah, sim! O teste!
BANDIDO 1: Não é necessário! Basta que nos entregue o violino!
TEÓFILO (mais desconfiado): Pra quê?!...
BANDIDO 1: Precisamos levá-lo para a emissora, para... (Para o outro.) Para quê, mesmo?
BANDIDO 2: Para tirar as medidas do violino!
BANDIDO 1: Exatamente!
TEÓFILO: E para que tirar as medidas do violino?
BANDIDO 1: Para... Para...
BANDIDO 2: Para fazermos uma capa para... Para ele se proteger do pó!
BANDIDO 1: É! Na televisão tem muito pó!
TEÓFILO: Sinto muito, mas meu violino não anda com estranhos! Além disso, ele já tem uma caixa.
BANDIDO 1: É só por algumas horas! Amanhã ele estará esperando por você na emissora!
TEÓFILO: Já disse que meu violino não anda com estranhos!
BANDIDO 1: Seu violino? (Sacando a arma.) Me entregue essa droga já!
TEÓFILO: O bandido que estava vestido de cego hoje de manhã!

BANDIDO 1: Em pessoa! E posso acabar com você num instante!
BANDIDO 2: Basta apertar o gatilho! (Teófilo, pensando rápido, apanha o violino para tocar e dele sai um gracioso minueto, acompanhado de trovões e relâmpagos.)
BANDIDO 2 (sem entender nada): O que é isso?
BANDIDO 1: Atire Patagônio!
BANDIDO 2: Atire Polinésio! (Os bandidos apertam os gatilhos e saem dois jatos d'água das pistolas.)
TEÓFILO (morrendo de rir): Como é que é, não vão atirar?
BANDIDO 2: Mas como que...
BANDIDO 1 (furioso): Vamos tirar esse violino no braço mesmo! (Os dois tentam pegar Teófilo correndo atrás dele. Teófilo é mais ágil que os dois e se esconde por detrás de um dos painéis. Os bandidos dão um encontrão e caem no chão.)
BANDIDO 2: Ele é um louco perigoso, Polinésio!
BANDIDO 1 (se reanimando): Mas vamos pegá-lo, Patagônio! (Nisso, ouve-se o violino e um flamengo acompanhado de trovões e relâmpagos. Os dois bandidos se agarram um no outro apavorados. Teófilo salta para o meio do palco vestido de mosqueteiro. Carrega um escudo e uma espada, tem na cabeça um chapéu de mosqueteiro e nos ombros uma imensa capa azul. O flamengo prossegue até o fim da cena.)
TEÓFILO: Em guarda, patifes! (Teófilo corre atrás dos dois com sua espada. Os dois tentam se defender, rolando as latas de lixo em direção de Teófilo, mas é inútil pois ele salta agilmente de um lado para o outro,

ameaçando os abobalhados bandidos com sua espada. Ao fim, os dois caem no chão desmaiados. Teófilo pisa sobre um deles, e ergue a espada no gesto clássico de vitória. Oléé!! Apanha suas coisas e sai correndo. Escurece.)

CENA 8

(O mesmo. Os dois bandidos continuam desmaiados no chão. Entra Madame Sinistra andando apressadamente, carregando uma bolsa enorme, e usando óculos escuros para não ser reconhecida pela Polícia. Dá de cara com os dois desmaiados.)

SINISTRA: Ah, vocês estão aí, patifes? Dormindo numa hora dessas? Vamos, acordem seus imbecis, idiotas!

(Os dois levantam a cabeça.)

OS DOIS (meio zonzos): Quem é a senhora?

SINISTRA: Como! (Tira os óculos escuros.) Já não me reconhecem mais? Estou disfarçada, só isso! A Polícia está por toda a parte!

BANDIDO 2: Como a senhora fica diferente de óculos!

SINISTRA: Vocês é que não sabem distinguir uma cabra de uma ovelha! Então, onde está o violino?

BANDIDO 1 (para o outro): Conta você. Eu não tenho coragem.

BANDIDO 2: Eu não, conta você...

SINISTRA: Maldiçãoããããoooo!!! Não me digam que deixaram o menino escapar com o violino outra vez, seus palermas!

BANDIDO 1: Eu explico chefe! É que o menino é um bruxo!

BANDIDO 2: É sim! Ele transformou os

nossos revólveres americanos em pistolinhas de água!

(Madame Sinistra apanha as pistolas do chão. Não são mais pistolinhas de água, mas as pistolas que ela lhes havia entregue.)

SINISTRA: Pistolinhas de água, não é? Pistolinhas de água!

(Os dois tentam justificar-se, mas a voz não sai, nem Sinistra deixa.)

SINISTRA: Sabem o que vou fazer com essas... "pistolinhas de água?" (Os dois se ajoelham pedindo perdão.) Vou estourar os miolos ocos de vocês se não se levantarem imediatamente!

(Os dois se erguem num pulo.)

SINISTRA: Vocês adormeceram aí no chão e sonharam com pistolinhas de água! Seus vagabundos!

OS DOIS (se entreolham): Será que foi sonho?

SINISTRA: Depois nós ajustaremos as contas! E já que vocês são tão incompetentes que não sabem nem sequer tomar um miserável de um violino de um idiotazinho de nove anos, eu vou resgatar o violino pessoalmente!

OS DOIS: A senhora??!!

SINISTRA: É claro! Quem faria isso por mim? Vocês, por acaso, seus cretinos? Restam-nos apenas três horas para estarmos no cais do porto! Precisamos dar o fora com o diamante!

(Os dois começam a tagarelar ininterruptamente.)

BANDIDO 2: Então temos que pegar esse violino já!

BANDIDO 1: Só nos restam três horas, Patagônio, você ouviu?

SINISTRA: Ora calem-se! Não abram mais a boca por hoje! Deixem-me

pensar! (Começa a remoer alguma coisa.) Vejamos... Vejamos o que tenho aqui comigo para um menino de nove anos...

(Tira da bolsa um lindo torrão de açúcar, grande e colorido.)

SINISTRA: Um irresistível torrão de açúcar... Grande e colorido...

(Os dois bandidos se entreolham sem entender.)

SINISTRA (estende o torrão para o Bandido 1): Segure isto!

(O bandido faz que vai comer.)

SINISTRA: Não é para você comer, idiota! Apenas para segurar! (Continua a vasculhar a bolsa e retira uma seringa. Apanha bruscamente o torrão das mãos do bandido e começa a injetar um líquido no torrão.) E qual é a criança, por mais espertinha que seja, que resistiria a um lindo torrão de açúcar, todo colorido... "Eu sou terrível, vou te contar..."

BANDIDO 1: Genial, Mad...

SINISTRA: Quietos! Mandei calar a boca, não mandei? Agora vamos andando depressa! Sigam-me paspalhos! E de bico fechado!

(Madame Sinistra levanta um pouco a saia para poder correr mais depressa. Sai apertando o passo. Os dois bandidos vão atrás. A cena escurece.)

CENA 9

(Basicamente o mesmo cenário da cena anterior, apenas com alguma pequena modificação para indicar uma outra rua da cidade. Entra Teófilo correndo, trazendo o seu violino.)

TEÓFILO: Puxa! Ainda bem que consegui escapar! Mas agora é que eu não entendo mais nada!

Primeiro era a Polícia que queria me tirar o violino. Agora os bandidos também querem! Uma coisa eu garanto pra vocês: essa história de diamante roubado deve ser uma grande de uma mentira! O que eles querem é passar a mão no meu violino mágico e...

(Entra Madame Sinistra disfarçada de uma gentil e bondosa velhinha, carregando a sua bolsa. Ao vê-la Teófilo fica interessado e observa o seu passar. Ao chegar perto de Teófilo, Madame Sinistra simula um tombo e cai.)

SINISTRA: Ai! Ai! Socorro! Alguém me ajude! Não consigo me levantar!

TEÓFILO: Não fique nervosa, dona! (Teófilo a socorre e a levanta.) A senhora se machucou?

SINISTRA: Não, meu benzinho. A vovó já está bem. Muito obrigada meu anjinho.

TEÓFILO: Ora, não há de quê!

SINISTRA: É raro hoje em dia ver um menininho da sua idade ajudando uma pobre e bondosa velhinha! Foi muito gentil de sua parte!

TEÓFILO: Que é isso, dona? Não foi nada!

SINISTRA: Mas eu quero recompensá-lo de alguma forma...

(Abre a bolsa.)

TEÓFILO: Eu não quero nada, não, senhora. Obrigado. Não fiz isso pensando em recompensa, sabe? Fiz de coração, mesmo.

SINISTRA: Por isso mesmo... (Tira da bolsa o torrão de açúcar.) ... aqui esta um presente, de coração também. É para você, menininho!

TEÓFILO (arregala os olhos): Não...

Obrigado, dona.

SINISTRA: Pegue, pode pegar, é seu!

TEÓFILO (lembrando das palavras do imperador): Ai, e agora... eu não...

SINISTRA: Se você não aceitar o presente da vovó ela vai ficar muito sentida... Pegue!

TEÓFILO (louco para pegar): Será que eu aceito?

(Sinistra continua tentando Teófilo com o torrão nas mãos, até que ele pega.)

SINISTRA: Vamos, pequenino! Coma do presentinho da vovó!

TEÓFILO (relutando, com o torrão nas mãos): Como ou não como?

SINISTRA: É um torrão delicioso! Tem calda de chocolate, pedacinhos de morango... e... côco ralado!

TEÓFILO: Não resisto!

(Teófilo come, Sinistra fica observando. O menino começa a cair no chão.)

TEÓFILO: Mas... que gosto mais esquisito... Estou ficando tonto... Que sono... Que sono...

(Adormece no chão.)

SINISTRA: Consegui! Consegui! Sou um gênio do crime!

(Entram os dois bandidos correndo.)

BANDIDO 1: Conseguimos!
Conseguimos!

BANDIDO 2: O violino é nosso! O diamante está salvo!

BANDIDO 1: Agora vamos depressinha ao cais do porto esperar o barco que nos levará para fora do país!

TEÓFILO (meio dormindo): Cais do porto... Fora do país...

SINISTRA: Maldiçãoãããooo!!! Ele ouviu os nossos planos! Quando acordar irá correndo à Polícia, e seremos capturados!

BANDIDO 1: Quando ele acordar já será tarde, Madame Sinistra!

BANDIDO 2: Já estaremos em alto mar!

SINISTRA: Cretinos! Não é bom arriscar!
Vamos levar o garoto conosco!

OS DOIS: Levar esse demônio conosco??!!!

SINISTRA: Não há outra saída!

Raptamos o menino e depois...

BANDIDO 1: O atiramos em alto mar!

BANDIDO 2: Excelente idéia, chefe!

SINISTRA: Vamos logo! Carreguem esse traste e vamos embora!
Marchando!

(Madame Sinistra vai na frente levando o violino. Os dois bandidos vão atrás levando Teófilo adormecido.)

CENA 10

(Cais do porto. Através dos painéis, agora dispostos lado a lado como que formando um único painel horizontal, cria-se a sensação do mar e do infinito. A lua brilha e a cena é basicamente iluminada por esse fundo. Alguns caixotes empilhados pelo palco, latas de lixo, um poste de luz. Barulho de ondas do mar. Vez por outra ouve-se ruídos de cães e gatos. Entra Madame Sinistra segurando uma lanterna acesa e o violino, seguida pelos bandidos, que carregam Teófilo.)

MADAME SINISTRA (apontando o poste de luz): Amarrem-no aí!

BANDIDO 1: Deixa conosco, chefe!

(Ao som de uma música sombria os bandidos amarram Teófilo adormecido no poste de luz. Enquanto isso, Sinistra apanha o diamante fascinada e ergue-o para melhor o admirar.)

MADAME SINISTRA: Vejam, paspalhos!

(Os dois Bandidos se aproximam e olham para o diamante nas mãos de Madame Sinistra, quase que hipnotizados por ele.) Lindo, não é? (Corta.) E agora, enquanto

esperamos o barco, que tal um joguinho de pôquer, ali naquele barraco?

OS DOIS: Oba! Grande idéia, chefe!
Legal! Adoro baralho!

MADAME SINISTRA: Quietos! Temos que fazer silêncio, imbecis! Qualquer barulho suspeito e seremos descobertos pela Polícia!

OS DOIS: Não podemos levantar suspeitas!

(Saem de cena pé ante pé. Tempo. Teófilo sozinho em cena. Entra pela direita a estranha figura de um barril, movendo-se sobre duas perninhas, que se assenta junto de Teófilo. A tampa do barril se abre e dentro dele sai Izildinha, vestida de detetive.)

IZILDINHA (chamando-o em voz baixa, procurando acordá-lo): Teófilo! Ei, Teófilo! Acorde!

TEÓFILO (acordando): O quê...
Quem?... (Num berro.)
Izildinhaaa!!

IZILDINHA (apavorada): Psiiiiuuuu!!!!

TEÓFILO: Onde é que eu estou? O... o que você está fazendo aqui vestida desse jeito?

IZILDINHA (um pouco ofendida): Isso é uma roupa de detetive, e muito elegante por sinal! (Noutro tom.) Espere que eu vou desamarrá-lo!

TEÓFILO (enquanto ela o desamarra):
Agora eu estou me lembrando!
Foi aquele torrão de açúcar! Os bandidos conseguiram me enganar! Mas como foi que você chegou aqui, Izildinha?

IZILDINHA: Por dedução lógica!

TEÓFILO: Que diabo é isso?

IZILDINHA: Dedução lógica, meu caro, é um método utilizado por detetives para descobrir esconderijo de bandido. Fiz um

curso de detetive por correspondência no ano passado. Por sinal, me saí tão bem que ganhei esta lupa de brinde!

(Mostra a lupa com grande orgulho.)

TEÓFILO: Puxa! Se você tivesse me contado que era detetive, eu tinha convidado você pra participar comigo das aventuras!

IZILDINHA: Foi exatamente por deduzir isso, que não contei nada para você!

MADAME SINISTRA (de fora): Acho que estou ouvindo um burburinho lá fora!

BANDIDO 1 (idem): Eu vou ver se está tudo em ordem, Madame Sinistra!

IZILDINHA: Cuidado!

(Izildinha pula para dentro do barril. Teófilo faz que está dormindo encostado ao poste. Entra o Bandido 1. Quando está passando pelo barril, Izildinha sai de dentro e dá uma paulada em sua cabeça. O Bandido cai desmaiado.)

IZILDINHA (saindo do barril): Um a menos!

TEÓFILO: Obrigado Izildinha! (Dá um beijo nela.) Você me salvou!

IZILDINHA: Salvou? É muito cedo para dizer isso, meu caro! Estamos encurralados! Pra lá só tem o mar! (Aponta o outro lado.) Pra lá só tem bandidos! Como avisar a Polícia?

TEÓFILO: Droga! Se eu não tivesse comido aquele torrão de açúcar, se eu não tivesse perdido os meus poderes, se eu tivesse o meu violino...

IZILDINHA: Pensando, Teófilo!

Pensando! (Senta-se num caixote já embalado para ser embarcado num navio.) Nada de

arrependimentos! No momento
isso é altamente
contraproducente!

(Teófilo e Izildinha percebem que um
estranho som cibernético começou a
ser emitido de dentro da caixa no
momento em que Izildinha sentou
nela.)

OS DOIS (assustadíssimos): O que é
isso?!...

IZILDINHA (apanha a lupa e vai lendo
um rótulo): Cuidado!
Confidencial! Frágil! Secretíssimo!
Destino: Serviço Secreto
Americano, Departamento de
Combate ao Crime! (Para Teófilo.)
Minha intuição me diz que nesta
caixa está a nossa salvação!

TEÓFILO: Então vamos abrir logo,
Izildinha!

IZILDINHA: Uma dedução lógica!

MADAME SINISTRA (de fora): Onde
está aquele palerma que não
voltou até agora? Está atrasando
o jogo!

BANDIDO 2 (idem): Eu vou buscá-lo,
chefa!

TEÓFILO: Se esconda, Izildinha,
depressa!

(Teófilo se encosta no poste fingindo
dormir e Izildinha pula para dentro do
barril. Entra Bandido 2 um pouco
bêbado.)

BANDIDO 2: Ei, Polinésio!... Onde está
você?... Pensa que não sei que
está com o coringa na meia?

(Pára de costas para o barril. Izildinha
desfere uma paulada e ele tomba
desmaiado.)

IZILDINHA (saindo do barril): Mais um!
Venha! Onde estávamos mesmo?

TEÓFILO: A caixa!

(Os dois vão até o caixote e abrem-no
com certa dificuldade. Surge um

estranho robô com luzes que piscam
alternadamente, e que emite um ruído
estranho. Na sua cabeça ele tem um
cocar de índio.)

IZILDINHA (apavorada): Um
extraterrestre! Soc...

TEÓFILO (tapando a boca de Izildinha):
É um robô, Izildinha!

IZILDINHA: É mesmo! Ei! Aqui tem um
folheto! Devem ser as instruções!
(Apanha a lupa e começa a ler.)
"Temos o orgulho de apresentar o
mais novo agente de combate
ao crime: CARAMURU; um robô
de fabricação inteiramente
nacional." (Para o robô.) Muito
prazer. (Lendo.) "Em caso de
perigo basta programar o agente
Caramuru e ele imediatamente
detonará um alarme
poderosíssimo, que será ouvido
em todas as rádios, tevês e
delegacias num raio de 100
quilômetros."

TEÓFILO: Um alarme! É tudo o que nós
precisamos, Izildinha!

IZILDINHA (lendo): "Para que o agente
Caramurú detone seu alarme,
basta dividir o número de
bandidos a serem detidos por 1,25
e marcar o resultado no painel
digital. Este é o invento definitivo,
que fará o mundo curvar-se
diante do Brasil e..." (Para Teófilo.)
Entendeu as instruções?

TEÓFILO: É claro! É só fazer uma conta
de dividir, Izildinha! O número de
bandidos - que é três -, dividido
por 1,25! Aí a gente marca o
resultado no painel e o robô dá o
alarme!

IZILDINHA: Que maravilha! Então você
sabe fazer a conta!

TEÓFILO (desapontado): Não. Quando

a Dona Lurdinha ensinou a conta de dividir eu achei uma chatice! Achei que nunca iria precisar dela, já que ia ser um músico!

IZILDINHA: Pois se não aprendeu na escola, vai aprender aqui e já! (Entrega-lhe um bloquinho, caneta e lhe aponta um caixote.) Calculando, mocinho! Calculando!

TEÓFILO: Mas... Mas...

IZILDINHA: Depressa! Depressa! Ou será que vamos virar picadinho de bandido por causa de um simples probleminha de matemática?

TEÓFILO (senta-se num caixote e começa a fazer contas desesperadamente): Eu preciso conseguir! Preciso conseguir! Eu VOU conseguir!

IZILDINHA: Meu Bom Jesus da Lapa! Faça com que este menino consiga fazer essa conta!

TEÓFILO: Consegui! Consegui!

IZILDINHA: Milagre! Ele conseguiu!

TEÓFILO: Três dividido por 1,25 dá 2,4!

IZILDINHA: 2,4! 2,4! Esse número vai nos salvar!

TEÓFILO (vai até o robô): Vejamos, vejamos... (Digita o número num painel.) "2,4"! Está pronta?

IZILDINHA (tapando os ouvidos e fechando os olhos): Estou!

(O robô começa a detonar um alarme num ruído que lembra o de uma guerra espacial. Fogos também são detonados, colorindo o céu, numa verdadeira parafernália apocalíptica. No céu surgem os dígitos! S-O-S!!!)

TEÓFILO: Consegui! Consegui!

IZILDINHA: Enfim! Salvos pela Matemática!

(Entra Madame Sinistra correndo furiosa.)

SINISTRA: Mas o que é que está acontecendo aqui, seus paler...

IZILDINHA: Você está perdida, Madame Sinistra!

TEÓFILO: A cidade inteira está ouvindo o alarme!

MADAME SINISTRA: Vocês vão me pagar! (Tira um revólver do sobretudo e aponta para os dois.) Agora eu vou acabar com vocês, seus metidinhos!...

(Entra o guarda de metralhadora em punho e apitando.)

GUARDA: Pare! Pare em nome da lei! Você está presa, Madame Sinistra!

(Madame Sinistra sai correndo e o guarda corre atrás, sempre apitando. Os dois saem.)

TEÓFILO (apanha o violino que Madame Sinistra deixou cair): Meu violino!!!!

IZILDINHA: Ufa! Acho que nos livramos deles, Teófilo! Estamos salvos! Vamos dar o fora daqui nós também, porque eu já estou morta de fome! Aventuras me deixam faminta!

TEÓFILO: Por que você não come um pouco desses cereais encantados! (Estende a algibeira para Izildinha, tal como o Mago havia feito.) São os cereais encantados da Dinastia Lin-Tzé! Pode pegar! São seus também!

(Izildinha abre a algibeira e come meio desconfiada.)

IZILDINHA: Hm! São bons!

TEÓFILO: Claro que são bons! Foi uma fada quem os preparou!

IZILDINHA (enquanto mastiga): Como é que nós dois sozinhos vamos para casa numa hora dessas? Se ao menos o seu pai estivesse aqui!

TEÓFILO (estende o violino para Izildinha):

Por que você não toca e pede...
(Pensa.) Pr'um vento bem forte
soprar o papai até aqui?

IZILDINHA: Soprar o seu Teobaldo até
aqui? Tá malucando de novo,
menino? (Noutro tom, entrando na
brincadeira.) Será que eu consigo,
Teófilo?

TEÓFILO: Tente logo, Izildinha! Não temos
o dia todo!

IZILDINHA: Então lá vou eu!
(Izildinha começa a tocar. Ouve-se uma
forte ventania e surge Teobaldo
rodopiando atônito, como que
carregado pelo vento. Izildinha fica
espantadíssima ao ver Teobaldo; pára de
tocar e ele cai sentado no chão.)

TEOBALDO (sem perceber onde está,
recoloca seus óculos para examinar
o ambiente. Teófilo e Izildinha
acham a maior graça.) Cruzes, que
ventania! Mas onde será que eu...

TEÓFILO: Papai!

TEOBALDO: Teófilo! Izildinha! Mas como é
que eu vim parar nesse lugar? Oh,
mas graças a Deus, tudo terminou
bem e isso é que importa! A cidade
inteira ouviu o alarme!

TEÓFILO: Foi o agente Caramuru quem
detonou, com minha ajuda, é claro!

TEOBALDO: Eu logo imaginei que só
podia ser coisa sua. Toda aquela
barulheira...

IZILDINHA: Imagine o senhor que ele
conseguiu fazer funcionar aquela
engenhoca complicada, o agente
Caramuru, com uma conta de
dividir!

TEOBALDO: Ora, mas eu estou orgulhoso
de você, meu filho! Mas agora, que
tal irmos embora e fazemos um

belo jantar, heim?

IZILDINHA: O jantar!!! Meu Bom Jesus da
Lapa! Eu esqueci os pastéis de
maçã no forno! Devem ter virado
carvão! Vamos logo, vamos logo!

TEOBALDO: Vamos!

(Os três vão saindo do palco. Teófilo
deixa Teobaldo e Izildinha saírem de
cena e se detém no palco.)

TEÓFILO: Vocês devem estar curiosos pra
saber que fim levou a Madame
Sinistra, não é? Bem, os bandidos
foram presos, mas na verdade,
ninguém nunca mais soube da
Madame Sinistra. Alguns dias depois
o tal diamante apareceu de volta
no Museu, no lugarzinho dele,
como... (Com intenção.) ... Num
passe de mágica! É claro que eu
ajudei um pouquinho, não é?
Senão aquele corre-corre maluco ia
continuar pro resto da vida!

IZILDINHA (de fora da cena): Teófilo!
Vamos embora, seu pestinha!

TEÓFILO: Já vou! (Para a platéia.) E eu sei
que existem coisas muito mais
importantes pra se fazer na vida do
que correr atrás de diamantes!
Como a música! A aventura!
(Dando o braço a torcer.) E a
Matemática, também pode ser
importante!

TEOBALDO (de fora): Teófilo!

IZILDINHA (entra): Depressa, menino!
Senão depois não tem pastel de
maçã com canela em cima!

TEÓFILO: Opa! Deixa eu me apressar!
Tchau pessoal! Tchau Caramuru! Ei
pai! Izildinha! (Sai correndo.) Eu
posso fazer soprar um outro vento e
a gente chega em casa em dois
tempos! Esperem por mim!

FIM

Adolescente

Feitiço dos Deuses
Marilu Alvarez

FEITIÇO DOS DEUSES

Marilu Alvarez

PERSONAGENS

Ama
Apresentador
Anjos
Atena
Demônio
Deusi
Eco
Édipo
Eros
Hera
Hermes
Jocasta
Julieta
Mãe
Monstro - esfinge
Narciso
Ninfas 1 e 2
Oráculo
Padre
Páris
Pai
Psiquê
Romeu
Serpente
Tirésias
Vênus
Zeus

FIGURINO

Fardo para todo o elenco

Obs. 1: O texto poderá ser montado com 7 ou mais atores – sendo 1 músico.

Palco não convencional – troca de roupa na presença do público

CENÁRIO

Colunas de gesso – duas grandes e duas pequenas – Palco delimitado com fita crepe – coxia uma de cada lado – colunas de gesso servirão p/ trono e outras cenas – plano mais alto.

Obs. 2: Atores na coxia deverão permanecer como estátuas gregas – movimentação suave – Mudança de posição – não esquecer que todos estão em cena o tempo todo.

Apresentador (mesmo ator que faz Deusí – poderá também fazer outros papéis: toca gaita.)
Damas... Cavalheiros...
Eis um simples mortal. Estou aqui para contar a História... De um guerreiro imaginário de nome Deusí. Já bem posso adiantar que os Deuses ao herói impuseram cruel castigo... A saga que se segue representará a força feroz da inevitável... Libido. Exemplos brotarão do passado, Alguns já conhecidos... (toca até a montagem do barco)

DEUSI: (Formando um barco – atores navegam à deriva.) Atenção!
Atenção!

TODOS: O que vês, Deusí?

DEUSI: Nuvens carregadas se aproximam ao longe...

TODOS: Há perigo no ar?

DEUSI: É revolto o mar... (Grita.)
Navegar!

TODOS: Valha-nos Deus! O que farás, Deusí?

DEUSI: Invoco os Deuses e Deusas do Olimpo!

TODOS: Valha-nos Deus!

DEUSI (grita): Minhas pompas, minhas armas... Meu descanso, meu trabalho... Minha força... Minha luta!

TODOS: Volta, Deusí... Voltaaaa...
(Música.)

(no reino dos Deuses)

DEUSI: Deuses do Olimpo!

ANJOS: É um mortal! Um mortal...
(Aparição de Vênus – música de efeito.)

DEUSI (sem olhar Vênus): Minha Deusa mui sagrada... Uma tormenta me arrastou. Eis-me, a teus pés.

VÊNUS: Levanta e diz com falas mansas o que te trouxe aqui?

DEUSI: Rogo proteção, minha Deusa. Não estou de todo preparado. Imploro meu mundo... Não tive amores... Nem vitórias, nem o fracasso conheci. Manda-me de volta a meu tempo com tua bênção .

VÊNUS: Que os anjos mo digam, quem é o mortal?

ANJOS: Um forte guerreiro... Um forte guerreiro... (Bis)

TODOS: Não a olhes, Deusí! Vai haver pregação de Vênus, rainha da sedução!

VÊNUS: Da tua força... A par do teu desejo... Ordeno que regreses ao mundo dos mortais com minha proteção e minha bênção. Conhecerás os terrores... Viverás teus amores... (Música.) Porém a voz do terrível brotará da lama...

TODOS: Não a olhes, Deusí!

VÊNUS: Escuta! Presta atento ouvido. (Efeitos.) ouve todos os gemidos...
Teu corpo, teu sangue a teu

mundo será oferecido...

TODOS: Não a olhes, Deus!

VÊNUS: Farás do sacrifício tua vitória,
(Música.)
Da terrível serpente, o mel.
Da gralha, ave do agouro, o mar
fervendo...
Se fracassares... Se fores vencido...
Tuas idéias, teus ideais...
Teu mundo será punido. (Música.)
A serpente brotará...
Enfrenta com tua força!
Na caverna, não temas
A escuridão revela segredos...
Quando pronto estiveres...
Uma explosão se ouvirá!
Do caos um ser que será
Lançado aos confins do mundo...
Renascerá!
Lembra-te, sem justiça, terás guerra!
(Música.)
Do teu sofrimento, do teu sangue, do
teu amor e sabedoria...
Darás a teu povo o pão-de-cada-dia.
Do passado, tirarás teu presente,
Da semente, teu futuro...
Anda no chão ao ritmo dos mortais...
No entanto, subirás ao céus...
Descerás aos infernos...
Queimarás em fogo!
O que esperas, guerreiro? (Deusi olha
Vênus.)
Leva teu povo e conhecerás a nova
era!

TODOS: Valha-nos Deus!

AMA: Olhando Vênus tão bela. De tão
forte pregação, apaixonou-se
Deusi, ante tamanha visão.

DEUSI: Volta, Deusa sagrada! Não
posso partir agora. É verdade,
não minto... Faz-me
compreender, bela Deusa, o que
deveras sinto.

NINFAS: Foge, Deus! Foge! Amor assim

proibido? Foge Deus!...

ANJOS: Foge... Foge... Deus!... Teu
mundo começa ali...

DEMÔNIO: Ih! ... Ih!... Ih!... Não queres
saber o segredo de Vênus, meu
caro? Se partires, não ficarás
sabendo...

NINFAS: Ouvidos não dês, Deus!
Foge... Foge... Foge... Deus!

AMA: Cessem! Cessem todos os ruídos.
(Grita.) Deuses do Olimpo, e se
Deusi resolver ficar?

DEMÔNIO: Coisas estranhas no ar. Ih!...
Ih!...

AMA: Então foi anunciado...

NINFAS: Deus! deverá ficar.

AMA: Os Deuses resolveram em
secreta reunião, tanto os Deuses
como Deus! sentiram estranha
paixão.

NINFAS: Tolerância dos Deuses!

DEMÔNIO: Só isso foi pregado?

AMA: Não! Exemplos do passado serão
aqui representados.

DEMÔNIO: Oba! Vai ter encenação!

NINFAS E ANJOS: Fora, fora demônio.
Os Deuses não te querem aqui.

DEMÔNIO: Ih!... Ih!... Se não posso
participar... Pelo menos vou assistir.
Ih!... Ih!... Ih!... (Sai do palco para
a platéia.)

AMA: Anjos, toquem os clarins! Fazei
anúnciação! (Som.) Deuses e
Deusas, ninfas, anjos e musas;
mostrai o reino dos Céus a todos
que aqui estão.

NINFA 1: Ante os olhos do mundo e do
apaixonado Deus!... Foi-se
apresentando a história... De um
dos Deuses daqui.

ANJOS 1 e 2: Eco tagarela...
Apaixonou-se por Narciso
Caçador.

ECO: Ó! Que beleza tem Narciso! (Vê

admirada Narciso caçando –
toca nele suavemente e Narciso
olha e sai indiferente)

NINFA 2: Deveras belo o jovem Narciso!

NINFA 1: Irradia esplendor!

NINFA 2: O que o espera, ninfa do
Amor?

NINFA 2: Eco quis amar Narciso,
Narciso caçador...

NINFA 1: O orgulhoso Narciso não quis
amar Eco e desapareceu na
mata.

NINFA 2: O que aconteceu com Eco e
Narciso caçador?

NINFAS: E o que aconteceu com os
dois?

NINFA 1: Eco... Eco... Eco...

NINFA 2: Narciso... Narciso...

ECO: Narciso não me quer.
Desesperada vago pelo mundo.
Oculto minha derrota, num antro
profundo...

NINFAS: Num antro profundo... Em
todos os cantos do mundo...

AMA: (diz a fala parada como uma
estátua grega) Assim viveu Eco
eternamente... Jogada à triste
sorte... A dor de não ter Narciso,
Eco se impôs cruel castigo.

NINFAS: Eco... Eco... Eco...

AMA: Só sua voz se ouvia como numa
fonte, propagando o que era dito
por outro...

NINFAS: Dito por outro... Dito por outro...

AMA: Quanto a Narciso, os Deuses
para punir, seu orgulho inflexível,
despertaram-lhe uma paixão,
não muito compreensível...

DEMÔNIO: (vendo as ninfas
preparando o lago) Um lago!
Olha, Narciso, olha!

NINFAS: Não te olhes... Não te
conheças, jamais.

DEMÔNIO: Olha-te sim! Ih! ... Ih!...

NINFAS: Narciso... Narciso... Narciso...

NARCISO: Que figura bela vejo n'água
refletida!

DEMÔNIO: Ele se viu! Ele se viu! Ih! ...
Ih!...

NINFAS: Por Zeus! Narciso se conheceu!

NARCISO: Como tocá-la, bela figura, e
satisfazer meus desejos?

AMA: Pobre diabo, por si se
apaixonou!

DEMÔNIO: Psiuuu! Que o único diabo
aqui sou eu!

NINFAS: Narciso... Narciso... Narciso
caçador...

NARCISO: Que força me arrasta para
teus braços?

NINFAS: Narciso... Narciso... Está preso
ao seu reflexo!

AMA: Apaixonou-se Narciso por seus
próprios encantos.

NINFA 1: Náides, sua irmã, não
encontrou Narciso no lago...

NINFA 2: Em seu lugar, uma flor
amarela e branca de nome...

AMA: Narciso... Narciso...

NINFAS: No reino dos céus disse
Narciso;

NARCISO: Onde te encontro, meu
amor? Que não te dóis o meu
mal? Não sabes, bela figura...
Que sou um simples mortal?

AMA: Narciso nunca livrou-se de tão
mágico reflexo. Juntando-se aos
imortais, os homens criaram por
castigo de Zeus... O mais famoso
complexo.

NINFAS: Narciso! Narciso!

AMA: (saindo da posição em que se
encontrava) Se essa história
terminou, tenho outra, vou contar.
Cala-te boca... Se vier castigo...
Que minha boca se cale... No
reino dos Deuses... Comenta-se
também que rei Édipo! Melhor,

Édipo rei! E sua amada mãe,
Jocasta... Pasmem, senhores...
Quem contará a saga dessa vez
é a serpente. Volto ao meu lugar...
Cala-te boca. Essa eu sei de cor.

DEMÔNIO: Tem desgraça no ar?

AMA: Desgraça é pouco. Fica atento.
(Música.)

DEMÔNIO: (disfarçado pisca para platéia, põe adereços e entra em cena – ação enquanto é narrada) Édipo foi criado desde pequeno... Por família que não a sua. Quando homem de todo feito... Saiu em busca de seu destino. (Édipo andando.) No caminho, uma carroça cruzou e..(Monta-se um carroça com o próprio corpo dos atores.) cruzou e... (Sons por atores.) A roda esmagou-lhe o pé! Ó! Dor! Louco de raiva, Édipo feriu mortalmente o cocheiro. (Édipo mata cocheiro – som dos atores) Laio, que via tudo de dentro da carroça, jurou vingar o luto. Édipo, sob ameaça, matou Laio! E rumou para Tebas... Sem testemunho. Ih!... Ih!... Ih... O terrível aconteceu em Tebas... Édipo encontrou... Encontrou... Uma esfinge e um enigma! (Som para entrada do monstro.)

MONSTRO (grita): Harrrrr! Édipo, se queres viver, me digas (Pano enorme sai da cabeça do ator. Atores seguram em cada ponta – pano que estica – fardo): Qual o animal que de manhã anda com quatro pés, de dia sobre dois e à noite sobre três?

ÉDIPO: O homem!
(monstro vai morrendo aos poucos.)

MONSTRO: Decifrado o enigma, Édipo será rei... Será rei... Será...

TODOS (atores marcham): Édipo rei!
Édipo rei! Édipo rei!

ÉDIPO: (senta na coluna de gesso pequena): Manda buscar Jocasta. Linda mulher, eu a quero... Juntos governaremos Tebas... Vai logo, mensageiro.

DEMÔNIO: Édipo sem saber, matou seu pai... Tomou Tebas num confronto e... Desposou Jocasta... Sem saber que era sua mãe!

(Casamento de Édipo e Jocasta)

DEMÔNIO: Vingança dos Deuses... Édipo desposou sua mãe. Vingança do crime. Castigo dos Deuses. Tebas foi assolada por misterioso flagelo... Praga! Praga vai brotar!... Flagelo! Flagelo! Nada em Tebas florescerá! Terra infame! Nem animais, nem plantas, nem filho do homem nascerá...

ÉDIPO: Oráculo, que mal terrível se abateu sobre Tebas?

ORÁCULO: O culpado... O culpado da morte de Laio deverá ser punido.

ÉDIPO: Como saber quem matou Laio?

DEMÔNIO: Procura o adivinho!

ÉDIPO: Tirésias, quem matou Laio?

TIRÉSIAS: Édipo matou Laio, seu pai. Tomou Tebas e desposou a própria mãe.

ÉDIPO: Laio, meu pai? Jocasta, minha mãe?! Tamanha minha desgraça.

DEMÔNIO: (grita): Eumênides! Força vingadora do crime. Repelido. Serás repelido como objeto do horror. (grita.) Fúria vingadora, desapareças com Édipo... Misteriosamente.

ÉDIPO: Ante tamanha desgraça, arranco meus olhos... Renuncio à luz.

AMA: Através da repulsa de matar o

pai... E o amor por sua mãe percebido... Édipo arrancou seus próprios olhos. No Olimpo, o castigo de ser cego... Ainda o tem perseguido.

DEMÔNIO: Jocasta disse aos Deuses do Olimpo:

JOCASTA: Quando essa história for contada, por favor, na solidão me deixes. Se a glória no meu reino consiste, a aventura de amar meu filho, já meu fim é menos triste.

DEMÔNIO: E Édipo, o que disse?

ÉDIPO: Meu amor direi e acredito, que minha alma apaixonada revela. Olhando sem ver o infinito, nunca mais saberei... O quanto Jocasta é bela.

AMA: Quando os céus os perdoarem, pelos Deuses mais benditos, essa história será narrada... Aos que têm amor proibido.

DEMÔNIO: Que a platéia tome tento, com desgraça e com dor.... Vem castigo do tirano Deus do amor. Hei, entra novamente a Ama... Enganado não estou... Vai haver nova trama! Ih!... Ih!. (Tira adereços e permanece escondido em cena.)

AMA: Descendo à Terra... Onde vivem os mortais... Falam de outros amantes... Que os Deuses também os haviam punido. Escreveu um tal Shakespeare... E que o teatro há séculos tem produzido...

DEMÔNIO: É Romeu e Julieta! Essa eu também conheço. Se recordar é viver... Eu quero é me esbaldar. Ih!... Ih!.. Ih!...

(Entra em cena.)

PAI (sugestão: dobra de personagens –

demônio e ama): Acabo logo esse romance. Não permito que minha linda filha... Se deite com seu amante.

MÃE: Adorado marido... Senhor... Eles têm se encontrado... É fato. Soube que o padre...

PAI: O padre, o quê? Vamos, fala!

MÃE: Ó! Meu marido... O padre os têm protegido.

PAI: Contra a minha vontade, o alcoviteiro tem acoitado meu inimigo? E onde os acolhe o "cura perverso"?

MÃE: Na igreja... Na igreja, idolatrado marido...

PAI: Haaaaaaaaaaaaa!
(Saindo.)

MÃE: O que vais fazer? Matar os dois?

AMA: O que aconteceu depois...
(Suspense.) No reino dos mortais e no reino supremo foi sabido...

PADRE: Julieta, minha filha, teu pai vem aí. Toma esse sonífero e finja-te de morta. À noite, quando tudo se acalmar, trago Romeu aqui.

(Sai)

JULIETA: (toma o sonífero – desfalece)
... Diz a Romeu que o amo...

(Dorme.)

DEMÔNIO: Julieta morreu sem ter morrido. Tomou sonífero e adormeceu... Antes que seu pai entrasse por aquela porta... (Entrou Romeu. Atores continuam ação.) Romeu tocando a amada, Julgando Julieta morta... Matou-se!

(Cai simplesmente sobre Julieta.)

AMA: A jovem amada, despertando do sono profundo... (Levanta e nota Romeu) Encontrando caído o amante Romeu... Matou-se também!

(Cai sobre Romeu.)

DEMÔNIO: Quando os mortais
perceberam... O triste fim das
pobres vidas... Foi libido! Foi libido!

AMA: E os céus acolheram... Mais
amantes proibidos.

(Romeu e Julieta levantam-se e vão
lentamente para coxia)

DEMÔNIO: Ih!... Ih!... Mais castigo do
tirano Deus do amor!

AMA: Se castigo é o que não falta...
Onde andarás Deus?

DEMÔNIO: Deve estar por aí.

AMA: Chô! Demônio! Chô! (Demônio
vai novamente para a platéia)

DEMÔNIO: Ih!... Ih!...

(Vai para a platéia.)

AMA: Que minha boca se cale...
Diante de tanta desgraça... Vidas
perdidas... Amar uma Deusa?
Que me perdoem os Deuses...
Merece castigo maior...

DEUSI: Quem és, mais formosa de todas
as Deusas?

AMA: Vai recomeçar a saga! Temos aí
um filão... São tantos amantes
unidos pela paixão!

DEMÔNIO: Vai ter pregação?

AMA: Só os Deuses dirão...

NINFA 1: Nas costas mansas de Chipre,
saída do mar brilhante... Saltando
do laço marinho... Surgiu Vênus,
também chamada Afrodite. Na
cabeça, couro de ouro, nas
orelhas, flores preciosas, no
pescoço colares cintilantes...
Amada e adorada, como todas
as Deusas são... Nasceu Vênus
rainha... Rainha da sedução!

NINFA 2: Salve Vênus rainha! Rainha
da perfeição!

NINFA 1: Tão linda... Tão bela... Vênus
se pôs de pé... Flutuou sobre as
águas-marinhas, subindo aos

céus encontrou Zeus.

NINFA 2: No reino de Zeus, senhor do
céu... Rainha também Vênus
rainha.

AMA: Não quero castigo dos Deuses.
Cala-te, boca! Comenta-se no
Céu e na Terra, que Hera e
Atena... Com ciúmes de Vênus,
perguntaram ao mesmo tempo a
Zeus, Deus supremo:

HERA e ATENA: Qual, grande Zeus, das
três é a mais bela? Vênus, Hera...

ATENA: Ou eu?

AMA: Zeus ficou preocupado... Não
quis arriscar palpite. No fundo
sabia Zeus, que a mais bela era
Afrodite.

ZEUS (mesmo ator que faz Deus):
Hermes, filho meu, toma desta
maçã e procura Páris sobre o Ida.
Ele será o juiz!

NINFAS: Hermes mensageiro de Zeus e
senhor de todos os ventos! Hermes
sobrevoa o Ida!

NINFA 1: Leva... Hera, Vênus e Atena!
Hermes, Hermes, sobrevoa o Ida!

HERMES: Páris, Zeus ordena, toma dessa
maçã e dá a uma das três
Deusas que julgares a mais bela.

ATENA: Sai, Hera do meu caminho, tu
ofuscas minha beleza.

HERA: Sai tu, Atena! Não vês que sou
eu a mais bela?

AMA: Páris olhando as três belas
Deusas... Sem pestanejar entregou
a maçã a Vênus.

PÁRIS: Vênus é a mais bela!

NINFAS: Deusa da beleza! A mais bela
de todas as Deusas!

ZEUS: Coroem a rainha! Rainha Vênus!
Vênus rainha!

AMA: É fato conhecido que Vênus...
Não limitou seu império no céu.

DEMÔNIO: Não?! O que mais queria

Vênus?

VÊNUS: Grande Zeus! Rogo que estenda meu império A Terra... À natureza, às plantas, aos homens e animais.

DEMÔNIO: Por Zeus! Já que o único diabo aqui sou eu!

NINFAS: Uma Deusa imortal! Unida aos simples mortais?!

AMA: Zeus não resistindo a tão fortes encantos... Foi logo anunciando:

ZEUS: Deuses do Olimpo: Vênus reinará soberana, Entre o Céu e a Terra, no coração dos homens!

NINFAS (anunciam): Vênus reinará soberana entre o Céu e a Terra! Vênus reinará soberana no coração dos homens!

AMA: E agora, Deusi, que sabes da tua Deusa amada? E agora ?

DEUSI: De Vênus conheço a rainha. Rogo saber meu sentimento por ela, Vênus adorada... Amada minha.

NINFAS: Soem os clarins! Vênus deu à luz!

NINFA 1 (focando): Vênus deu à luz... Deu à luz uma criança... Linda criança de asas de ouro! Rosto de lírio! Ombros de marfim! Sopro de luz! Tem nas mãos uma flecha!

NINFA 2: Dizem que é filho de Vênus e Hermes, seu amante!

NINFA 1: E como se chama a criança?

NINFA 2: Vênus está em dúvida... Se Eros ou Amor..

NINFAS: Festa no Céu! Festa de Vênus! Festa de Eros! Festa de Amor! (Música.)

DEMÔNIO: Festa é festa! "Facciamo l'amore!" (Grita da platéia.) E a Eros, o que aconteceu?

VÊNUS: Espalha Eros teu perfume à vida, filho meu! Faz brotar as

flores! Faz muitos amores!

DEMÔNIO: "C'est l'amore! C'est l'amore! Amore per tutti. Viva il bastardo!"

NINFA 1: Eros lança flechas ao acaso (Bis)

NINFA 2: Apenas para se divertir!

NINFAS: Eros aos homens dará:

NINFA 1: Doçura, ternura...

NINFA 2: Prazeres e dores! (bis)

DEMÔNIO: "L'amore! L'amore!" Prazeres e dores! (Se toca.) Dores?!

NINFA 1: De flecha, em fogo... Mistura o lindo pequeno...

NINFA 2: Felicidades e amargores...

DEMÔNIO: Eros mistura tudo! Ih!... Ih!... Adoro mistura! "Viva il bastardo!" E quem decifrará o amor? Ih! ... Ih!...

VÊNUS: Eros, filho meu, vai ter com Psiquê. Simples mortal... Encantadora como eu... Não posso igualar-me à minha rival. Faz Psiquê se apaixonar por um miserável ser... No entanto, Psiquê nunca deverá vê-lo à luz... Vai, Eros. Flechar Psiquê!

NINFA 1: Eros desceu do Olimpo! (Bis)

NINFA 2: Eros desceu a Terra! Eros desceu a Terra!

DEMÔNIO (envolvido): Oba! Ele desceu! Desceu! E... (Curioso.) quando Eros conheceu Psiquê?

AMA: Quando Eros conheceu Psiquê... Foi logo se apaixonando por ela.

DEMÔNIO: Ó! É o amor! É o amor! O amor é lindo! Ih!... Ih!...

AMA: Psiu, Demônio!

DEMÔNIO (se toca): E a tal pregação de Vênus?

EROS: será feliz, Psiquê, enquanto não souberes, o segredo de teu amor.

DEMÔNIO: Ih!.. Ih!... Adoro segredo... Mistério... Clima... Tensão. Tensão!

(Suspira.) Ai... Ai...

AMA: Porém, segundo Vênus, Psiquê deveria se apaixonar por um monstro e nunca vê-lo à luz...

PSIQUÊ: É! É! Amor proibido! O princípio de toda desgraça! Olha ele, Psíquê... Olha. Ih! Ih!...

AMA: Quando ao seu lado dormia Eros... (Clima de suspense.) Psiquê acendeu um candeeiro... E viu como seu amor era belo!

DEMÔNIO: Ó! E daí o que aconteceu?!

AMA: Eros voou imediatamente para o Céu. Desencantou.

DEMÔNIO: Se foi o amor?! E Psiquê?

AMA: Pedi aos céus que a levassem também. Sofreu a pobre... Assim se foi...

DEMÔNIO: Se foram amores! Por todos os demônios! Se foram?!

(Chora.)

AMA: Quem és? Demônio ou o quê?

DEMÔNIO (grita): Sou Demônio!

(Chora.)

Mas quero Eros e Psiquê.

NINFA 1: Quando os dois aqui chegaram... Reinaram soberanos... Eros e Psiquê!

DEMÔNIO: Ó! Ó! (Aplaud.) Belo corpo e bela alma! Ih!... Ih!.. Até que enfim: final feliz!

AMA: Agora que conheces os amores dos Céus... Deusi... É hora de decidir: deverás ficar ou deverás partir?

DEMÔNIO: Partir! Partir!

AMA: Que decisão tomará Deusi?

DEUSI: Partirei, amada Deusa. Vênus, Deusa rainha! Se dizem que Hermes foi teu amante, minha Deusa... Eu quero ser mais um!

DEMÔNIO: Assim é que se fala, guerreiro! Ih!... Ih!...

AMA: Deuses do Olimpo, Deusi deverá partir.

DEMÔNIO: Hei! E esse diabo aqui? (Grita.) Esperem por mim! (Sobe no palco e torna-se a carranca do barco.)

AMA: Cumpriu-se a profecia.

NINFAS: O guerreiro levará o amor de Vênus, rainha do céu... À terra!

DEUSI: Hei de te encontrar, minha Deusa! Em todos os cantos do mundo! (Música.) Atenção! Atenção!

TODOS: O que vês, Deusi?

DEUSI (sorrindo): Ondas brilhantes se aproximam ao longe...

TODOS: Há nuvens escuras no ar?

DEMÔNIO: Navegar! Navegar é preciso!

TODOS: Homens ao mar! Navegar... (Repetem num crescente.)

DEUSI: Eu te amo, minha Deusa! Em frente, meu povo!

TODOS: Homens ao mar! Navegar! (Bis) Rumo ao ano 2000! (Congelam a cena.)

DEUSI: Adiante, nobres cavalheiros. A batalha está apenas começando... (Congela. Música final.S)

FIM

Adulto

Nó de quatro pernas
Nazareno Tourinho

NÓ DE QUATRO PERNAS

Nazareno Tourinho

PERSONAGENS

PADRE ELIAS: 30 anos

CORONEL MENACÊ: prefeito, industrial, 55 Anos

D. IRANEIDE: esposa do Cel. Menacê, 40 anos

EUZÉBIO: sacristão, 60 anos

D. NAZARÉ: zeladora da igreja (serviçal), portuguesa, 40 anos

ZÉ PEDRO: operário, comunista, 28 anos

LUDOVINA: prostituta, dona de um lupanar, 25 anos

CENÁRIO ÚNICO

(Sacristia de uma paróquia modesta, de interior. Porta e janela para a rua, à direita, e porta para o interior do templo, à esquerda. Estante com livros, carteira larga, tendo em cima um volume da Bíblia, papéis, lápis e uma imagem de Cristo. Quadros de santos nas paredes. Um oratório todo decorado, onde se vê Jesus pregado no madeiro da crucificação. Quatro cadeiras para visitas. Tudo muito precário.)

PRIMEIRO ATO

(Ao subir o pano encontra-se Euzébio em cena, todo de preto. Tira a imagem de cima da mesa, beija-a, limpa a mesa, repõe a imagem no lugar, benzendo-se. Vai ao oratório e executa o mesmo jogo. Espana os quadros, cadeiras etc.)

D. NAZARÉ (entrando à direita, de luto fechado): Bons dias, senhor Euzébio. (O sotaque português não deve ser exagerado.)

EUZÉBIO (litúrgico): Bom dia, com a graça do Pai Celestial e da Mãe Santíssima.

D. NAZARÉ (depois de beijar as imagens): A igreja trancada?

EUZÉBIO: É a nossa homenagem ao padre Tadeu. Pobrezinho, tão bom e puro ele era... Se durasse mais acabaria fazendo milagre...

D. NAZARÉ: Tivesse vindo outro padre para substituí-lo e não haveria de morrer. Por que é que deixam tanto trabalhar um sacerdote?

EUZÉBIO: Não sei.

D. NAZARÉ: Ele não estava já a carregar os seus oitenta anos?

EUZÉBIO: Oitenta e dois.

D. NAZARÉ: A igreja não dá aposentadoria?

EUZÉBIO: A aposentadoria é no céu...
No céu ninguém faz nada... todo dia é feriado. É só contemplar a face de Deus e escutar as sinfonias sacras.

D. NAZARÉ: Viu a faceirice da mulher do prefeito no enterro?

EUZÉBIO: Não reparei.

D. NAZARÉ: Toda ataviada, a se requebrar...

EUZÉBIO: Não critique, D. Nazaré. Jesus recomendou que não notássemos os defeitos dos outros. Mateus, capítulo sete, versículos um e cinco.

D. NAZARÉ: Arra! O senhor não cansa de fazer sermões!?!... D. Iraneide esteve a dizer para minha vizinha que ando a caçar marido.

EUZÉBIO (escandalizado): Virgem Maria!

D. NAZARÉ: Não tenho eu o direito de lhe pagar na mesma moeda?

EUZÉBIO: Palavras de Cristo a S. Pedro: "Deveis perdoar não sete vezes, mas setenta vezes sete vezes".

D. NAZARÉ: Ela está a espalhar que o senhor...

EUZÉBIO (interessado): O quê?

D. NAZARÉ: Não, não digo. Pois Nosso Senhor não proibiu também o mexerico?

EUZÉBIO: Conversa mole. Há trinta e cinco anos que leio a Bíblia e nunca deparei com uma proibição ao fuxico. Eu é que sou um cidadão sério e não me intrometo na vida alheia.

D. NAZARÉ: Então, homem, não se venha intrometer na vida de D. Iraneide.

EUZÉBIO: O que foi que essa perua choca falou de mim?

D. NAZARÉ: É grave...

EUZÉBIO: Desembuche.

D. NAZARÉ: Não. É pecado. O senhor a pensar que eu não quero ir pro céu? Falar dos outros é desobediência a Deus. Qual é mesmo o número do capítulo?

EUZÉBIO: Eu rezo um terço para Deus lhe dispensar esta faltazinha.

D. NAZARÉ: Sei lá eu do seu prestígio com ele...

EUZÉBIO (categórico): Muito bem, não diga.

D. NAZARÉ (meditativa): Bom... Como não deseja mais saber não adianta guardar eu segredo... Surpreendi D. Iraneide propalando, aos quatro ventos, que o senhor me quer namorar.

EUZÉBIO (horrorizado): Oh! Minha Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, será que no inferno aceitam uma alma tão cretina???

D. NAZARÉ: No meu quarteirão não cessam um momento de comentar. O senhor está mesmo apaixonado?

EUZÉBIO: Quem, eu???

D. NAZARÉ: Sim.

EUZÉBIO: Pela senhora?

D. NAZARÉ: Ué! O senhor a se apaixonar por outra???. O senhor teve a petulância de se enfeitar para qualquer macaquinha???

EUZÉBIO: Quem disse isso?

D. NAZARÉ: Não terminou de dizer?

EUZÉBIO: Dizer o quê?

D. NAZARÉ: Que por outra se apaixonou?

EUZÉBIO: Que outra?

D. NAZARÉ: Eu é que sei?

EUZÉBIO: Mas que confusão! A senhora embaralha tudo numa salada dos diabos. (Constata, repentinamente, que se referiu ao

Diabo.) Perdoai-me, Pai Celeste.
(Benze-se.)

D. NAZARÉ: O buraco é que os boatitos prejudicam-me.

EUZÉBIO: Por quê? A senhora deve é tufar de orgulho.

D. NAZARÉ: Orgulho? O senhor a se considerar um cobiçado galã? Um gostosão?

EUZÉBIO (áspero): Psiu!... Isto é uma casa de respeito e orações... Não use este vocabulário de ralé.

D. NAZARÉ: Ai! ralé uma ova! Ralé uma...

EUZÉBIO: Por tudo quanto é mais sagrado, não prossiga.

D. NAZARÉ: O senhor não deu corda? Agüente agora o rojedão.

EUZÉBIO: Não se agite. Quais são os prejuízos que os boatos têm lhe acarretado?

D. NAZARÉ: Isto também é um segredinho. Tenho vergonha de contar.

EUZÉBIO: Vergonha? Eu estou no meio?

D. NAZARÉ: E por que não haveria de estar?

EUZÉBIO: De que se trata?

D. NAZARÉ: É melhor calar. "Em boca fechada não entra mosca"...

EUZÉBIO: Calar por quê?

D. NAZARÉ: Achará o senhor um bocadito imoral.

EUZÉBIO: Não tem importância.

D. NAZARÉ: Tem, sim. Isto aqui "é uma casa de respeito e orações"...

EUZÉBIO: Depois desses boatos a senhora se encheu de dengos...

D. NAZARÉ (resoluta): Quer mesmo vir a saber?

EUZÉBIO: Quero.

D. NAZARÉ: Se disser algum palavrão, não terá o senhor uma tremedeira?

EUZÉBIO: Palavrões... Em toda parte, atualmente, se ouvem coisas obscenas. Imagine que na semana passada dois garotos, com menos de dez anos, discutiam baixinho sobre mulheres, dentro da igreja, antes da comunhão. Um se gabava de ter visto a irmã despida no banheiro, olhando pela fechadura. O outro garantia que quando crescer será um famoso transviado.

D. NAZARÉ: Que barbaridade!

EUZÉBIO: Pois é. Pode desabafar.

D. NAZARÉ: Desabafar o que, os palavrões?

EUZÉBIO: Sim.

D. NAZARÉ: Tá danadinho para ouvir os palavrões, hein?... Acho eu que o senhor, com essa carinha de Eucaristia, há de findar num reformatório para velhos pervertidos

EUZÉBIO (exaltado): D. Nazaré, eu sou um homem sério, um homem idoso e idôneo. Não abuse de minha consideração.

D. NAZARÉ: Hum... Como esperneia por qualquer coisita... Todo "não me toque"...todo... histérico. Até parece milionário com dor de espinhela caída. Em todo o caso vou eu desabafar. Mas não fique contente, não, que não tem palavrões. Conhece o leiteiro?

EUZÉBIO: Conheço.

D. NAZARÉ: Vive a me galantear, a me perseguir...

EUZÉBIO: Como? A senhora de namoricos com o leiteiro?

D. NAZARÉ: Julga que uma atraente viuvinha, como eu, somente pode simpatizar com um sacristão

como o senhor, que não dá mais nada?...

EUZÉBIO: E a senhora simpatiza comigo?

D. NAZARÉ: Ai! Que ridícula pergunta!

EUZÉBIO: Ridícula por quê?

D. NAZARÉ: Porque esta pergunta cabe à mulher fazer. Deus meu! Quanta ignorância petrificada!

EUZÉBIO (encabulado): Nessa matéria eu sou zero...

D. NAZARÉ: É... Consome o tempo todo a ler a Bíblia...

EUZÉBIO: E o leiteiro?

D. NAZARÉ: Ao saber que o senhor se enamorou de mim passou quatro dias sem me levar leite...

EUZÉBIO: D. Nazaré, ou a senhora está variando ou está querendo brincar comigo. Quem lhe convenceu que me enamorei?!...

D. NAZARÉ: O senhor declarou indagorinha.

EUZÉBIO: Eu??? Como???

D. NAZARÉ: Não lhe compreendo...

EUZÉBIO: Compreenda que sou um homem profundamente religioso. A minha grande vocação é para pastor de almas. Há dezenas de anos que vivo para Cristo, enfurnado nesta igreja. Tenho um palpite que o Sr. Arcebispo me aproveitará como padre.

D. NAZARÉ: Padre??? O senhor???

EUZÉBIO: A escassez de sacerdotes é alarmante. No futuro a Santa Madre Igreja convocará os leigos para a ativa; os leigos como eu, que tenham devoção e sejam solteiros.

D. NAZARÉ: Ah! O seu negócio é não casar?!

EUZÉBIO: Se Deus pedir o meu sacrifício...

D. NAZARÉ: Deus pede nada, seu presunçoso. Tem tanto bispo, tanto padre formado, tanta freira a se oferecer para Deus que ele nem vai se lembrar dos sacristãos de paróquia do interior. Não seja carola. Deus deve é andar chateado com tanta bajulação da humanidade.

EUZÉBIO: O meu maior sonho é vestir uma batina...

D. NAZARÉ: Eu lhe empresto a minha saia. O mesmo efeito há de fazer. O seu maior sonho é nunca ter a responsabilidade de sustentar uma prole. E haja sombra e água fresca. Rezas, rezas e mais rezas... Como é que consegue viver solteiro? Sem... Sem... Sem uma companheira?

EUZÉBIO: Companheira para quê?

D. NAZARÉ: Para quê??? Para quê? Oh! Quanta ingenuidade a se misturar com a estupidez! Não sabe o senhor para que serve uma mulher?...

EUZÉBIO: Eu tenho lavadeira e como de hotel.

D. NAZARÉ: Ó besta! E mulher apenas serve para cozinhar e lavar?

EUZÉBIO: Não... Serve também para comprar roupas caras; para adoecer; para desencavar as amantes que o homem não tem...

D. NAZARÉ: E para mais nada?... Quando o senhor acorda, de madrugada, e se mexe de um lado para o outro na cama, a tiritar de frio, não sente uma...

EUZÉBIO: Eu durmo em rede.

D. NAZARÉ (explodindo): Dorme em rede, sei eu. Porém, depois de visitar, sorratamente, a pensão de Ludovina.

EUZÉBIO (benzendo-se): D. Nazaré, isto aqui é uma casa de respeito e orações...

D. NAZARÉ: E daí? Cochicharam nos meus ouvidos que o senhor tem um chamego com uma mulher na pensão de Ludovina. É por isso que não resolve a nossa situação.

EUZÉBIO: Que situação? Que situação? Tenho porventura alguma dívida consigo? E qual foi o demônio que murmurou nas suas orelhas de abano essa calúnia? Eu seria um devasso, para me comprometer com uma prostituta? Eu sou algum prostituto?

D. NAZARÉ: É o que vejo correr por aí. "O povo aumenta mas não inventa".

EUZÉBIO: Não difunda essas injúrias. Se até amanhã o Sr. Arcebispo não responder o meu telegrama, avisando que virá alguém para o lugar do padre Tadeu, comprarei uma batina e o domingo não passará sem Missa. Darei bênção a todos...

D. NAZARÉ: E acertará o senhor a recitar a Missa?

EUZÉBIO: Faz mais de dezoito anos que sei todo o Missal, de cabo a rabo. Verá a minha pose.

D. NAZARÉ: Verei é o senhor envolvido na porroca de um escândalo.

EUZÉBIO: Como?!

D. NAZARÉ: Se virar padre darei uma escabrosa notícia às amigas minhas. Aliás, é suficiente dar a uma delas; em trinta minutos todas as demais terão na pontinha da língua.

EUZÉBIO: Essa notícia escabrosa é a meu respeito?

D. NAZARÉ: É.

EUZÉBIO (inquisitorial): Explique a sua ameaça.

D. NAZARÉ: O senhor esteve a me empatar durante treze anos.

EUZÉBIO: Eu??? Acaso lhe fiz propostas de amor? (Transição.) Virgem Mãe Santíssima! (Benze-se.) Acaso lhe disse que tencionava me amasiar consigo?

D. NAZARÉ: Amasiar se fosse eu e a sua avó. Casamento com véu e luvas...

EUZÉBIO: Eu lhe prometi isso?

D. NAZARÉ: Prometeu!

EUZÉBIO: Quando?

D. NAZARÉ: Não me posso recordar.

EUZÉBIO: Jamais lhe toquei em casamento. Não sou leso nem demente.

D. NAZARÉ: Se não tocou pensou em tocar.

EUZÉBIO: Como tem certeza disso?

D. NAZARÉ: Semana retrasada o senhor não quis se atracar com o leiteiro, aos murros?

EUZÉBIO: É um salafrário.

D. NAZARÉ: É não. O senhor é que está roído de ciúmes porque ele escreve bilhetinhos e madrigais para mim, a cantar o meu juízo com seus mimos. Aliás o seu Joaquim é um lusíada garboso e bem apessoado. (Suspirando.) Ah! Como seria delicioso se a minha próxima lua de mel fosse com um patrício. (Desdenhosa.) Um patrício que gostasse mais de costela do que de rosário...

EUZÉBIO: Afinal, o que tem a senhora contra a minha dignidade eclesiástica?

D. NAZARÉ: É o senhor se aboletar na batina e eu me queixar ao

delegado.

EUZÉBIO: Se queixar de quê?

D. NAZARÉ: Depende. Alegarei, lastimosa, que nos encontrávamos sozinhos, nesta "sala de respeito e orações", e o senhor...

EUZÉBIO (cortante): O senhor o quê? Complete!

D. NAZARÉ: O senhor tentou... violentar-me. (Euzébio cai numa cadeira e D. Nazaré abana-o com o espanador.)

EUZÉBIO (recobrando os sentidos): Arranje depressa um copo d'água...

D. NAZARÉ (olhando para os lados): Não tem. Engula cuspe.

EUZÉBIO (arquejante): Na pia batismal... água benta...

D. NAZARÉ (saindo à esquerda): *Aí!* Que desta vez até as suas tripas vão se sacramentar.

EUZÉBIO (levanta-se vagarosamente, dirige-se ao oratório, ajoelha-se): Pai Supremo, livrai-me desse satanás de porta-seios. Por que é que todo homem, ainda que seja sacristão, há de ter uma D. Nazaré no seu caminho?

D. NAZARÉ (entra com uma vasilha ou castiçal transbordante de água): Tome.

EUZÉBIO (bebe lambendo os lábios): É saborosa. Tem um gostinho de santificação.

D. NAZARÉ: Todo esse aparato, todo esse lero-lero somente porque ia eu revelar uma coisita que o senhor esconde.

EUZÉBIO: O que é que eu escondo? D. Nazaré, não ofenda a minha fé!

D. NAZARÉ: Fé... isso mesmo: fé... O senhor busca esconder a vontade que tem de fazer uma fezinha

comigo.

EUZÉBIO: Tenha compostura! A minha fé é uma fé banhada de pureza, não é uma "fezinha" indecente. E mude de conversa. Violentar uma mulher é algo muitíssimo delicado e perigoso.

D. NAZARÉ: *Ai!* Que besteira. Eu sou viúva...

EUZÉBIO: Não me interessa. A senhora é uma chantagista.

D. NAZARÉ: Nem sequer sei eu o que é "chantagismo".

EUZÉBIO: Chantagem é uma patifaria deslavada, como essa que almeja fazer comigo. Pecado mortal.

D. NAZARÉ: Por que pecado?

EUZÉBIO: Porque a senhora enlameia a *minha honra*.

D. NAZARÉ: *Ai!* E o senhor ainda tem honra?

EUZÉBIO (apoplético): Verá!

D. NAZARÉ: Tomara que não demore... Não tenha medo, homem, que não darei parte ao delegado. (Palmas da rua.)

PADRE ELIAS (entrando, à direita): Licença! (Traja batina branca, tem aspecto jovial e segura uma maleta.) Bom dia. Como vão, tudo azul?

EUZÉBIO: Tudo o quê? Azul? V. Exa. quem é?

PADRE ELIAS: Um reverendo, uai! Não estão vendo?

D. NAZARÉ: Vendo... Reverendo... Reverendo... Reverendo é rótulo de padre protestante, V. Exa. equivocou-se; aqui é a paróquia da Imaculada Conceição.

EUZÉBIO: E adventista excomungado não pisa debaixo deste teto. É fineza se retirar.

PADRE ELIAS: Calma, meu chapa. Que zelo franciscano é esse? O senhor não é fiscal da Alfândega!... Eu sou um sacerdote católico, na batata.

EUZÉBIO: É?... Eu sou o sacristão Euzébio...

PADRE ELIAS (para D. Nazaré): E a senhora, o que é que é?

D. NAZARÉ: Zeladora... D. Nazaré Coimbra...

PADRE ELIAS: Satisfação em cumprimentá-los. (Aperta a mão de ambos.) Irmão Elias, a vossa inteira disposição...

EUZÉBIO: Desde quando padre veste batina branca?

D. NAZARÉ: Que esquisitice!

PADRE ELIAS (reparando a indumentária deles): Sacristão e zeladora é que não deviam se fantasiar assim, carnavalescamente. Para que toda esta escuridão? Estão fazendo propaganda de uma agência funerária ou pensam que religião é como resina de laranja, que se concentra na casca? O Mestre ensina que nos compete cuidar primeiro do interior, para não sermos como os sepulcros calados.

EUZÉBIO: Lucas, capítulo onze, versículo trinta e nove.

D. NAZARÉ: É o defeito de D. Iraneide, que não tem pejo de pintar toda a venta com um carmim vagabundo, a se encher de brincos e anéis e a entupir a consciência de sovínice e despeito.

PADRE ELIAS: Deixemos em paz o próximo que não está próximo. Por que não abrirem a igreja?

EUZÉBIO: Não lhe comunicaram?

PADRE ELIAS: Não. O quê?

EUZÉBIO: E o telegrama?

PADRE ELIAS: Que telegrama?

EUZÉBIO: Não lhe comunicaram nada do telegrama?

PADRE ELIAS: Nem uma grama...

EUZÉBIO: O senhor não veio para suceder a padre Tadeu?

Coitadinho, era um homem bom e puro; se durasse mais acabaria fazendo milagre...

PADRE ELIAS: Vim por determinação do Arcebispo, acolitar o irmão Tadeu. O navio atrasou três dias, encalhado. Que aconteceu?

D. NAZARÉ: Padre Tadeu, a estas horas, jaz entregue às minhocas.

EUZÉBIO: Bronquite crônica temperada com pneumonia galopante...

PADRE ELIAS: Morreu??? Ora viva!!!

EUZÉBIO (espantado com a euforia do padre Elias): Misereré...

D. NAZARÉ: Está biruta...

EUZÉBIO: O senhor percebeu a catástrofe que nós anunciamos? O padre Tadeu hospedou-se na cova número 415 do cemitério, empacotado numa mortalha roxa...

PADRE ELIAS: E a extrema-unção?

EUZÉBIO (pedante): Eu ministrei!

PADRE ELIAS: Formidável! Extraordinário! Este sim, ganhou passaporte para o céu.

EUZÉBIO: Por que o senhor afirma com tanta convicção?

PADRE ELIAS (distante): Afirmo o quê?

EUZÉBIO: Que o padre Tadeu penetrou no céu!

PADRE ELIAS: Porque a sua morte, para mim, caiu do céu. E na hora agá, safando-me duma arapuca.

EUZÉBIO: Arapuca?

PADRE ELIAS: Escreverei sem demora a

D. Floriano. Sopa no mel. Não arredo mais o pé daqui.

D. NAZARÉ (para Euzébio, à parte): Esse palavreado dele é de beira de praia. Igualzinho ao de um político pedindo votos em subúrbio.

EUZÉBIO: O senhor não voltará?

PADRE ELIAS: Não. Preencherei a vaga do padre Tadeu.

EUZÉBIO: É uma deslealdade. A vez é minha...

PADRE ELIAS: Vez de quê? Como quer desempenhar as funções de sacerdote? Não é sacristão?

EUZÉBIO (desnorteado): Sim... sim... sacristão... Um mero sacristão que não aprendeu o latim... contudo, eu esperava que me aproveitassem para o cargo.

PADRE ELIAS: Se quiete, meu caro. A igreja católica não é autarquia. A carreira clerical é rígida. Às vezes a promoção mais certa é a que nos transfere diretamente para o paraíso.

EUZÉBIO: Eu me esforcei tanto...

PADRE ELIAS (paternal): Continue esforçando-se. Podemos servir a Deus sem ostentar o hábito. O senhor é solteiro?

EUZÉBIO: Felizmente. Adoro a castidade...

D. NAZARÉ: Castidade!...

PADRE ELIAS: Não seja antiquado. Não estrague a sua liberdade: se case.

EUZÉBIO: Para perder de vez a liberdade?!

D. NAZARÉ: Padre Elias, é o senhor um iluminado, um missionário que Deus escolheu para trazer sabedoria a estas bandas. Nunca ouvi um conselho tão providencial.

EUZÉBIO (para o padre Elias): Observou a cidade?

PADRE ELIAS: Efetuei um vôo de reconhecimento da pista logo depois do desembarque.

EUZÉBIO: Não possui mais de vinte mil habitantes.

D. NAZARÉ: Mentira; vinte e dois mil fora os gatos... e os cachorros.

EUZÉBIO: O mercado é uma porcaria, uma sujeira.

PADRE ELIAS: Isto é normal.

EUZÉBIO: As mulheres não seguem a Lei Divina e levantam falso testemunho.

PADRE ELIAS: É animador...

EUZÉBIO: Animador?

PADRE ELIAS: Sim. A mão que a inveja faz atirar pedras, a compaixão obriga a lançar lírios...

EUZÉBIO (para D. Nazaré): Agora ele não falou como político.

D. NAZARÉ: Falou como o leiteiro que me quer namorar.

PADRE ELIAS (para D. Nazaré): É solteira?

D. NAZARÉ: Viúva, às suas ordens...

EUZÉBIO (fulo): Esse leiteiro é um cafajeste. Em cada litro de leite ele põe um pouco d'água. (Para o padre Elias.) Na sua terra é assim?

PADRE ELIAS: Não. Lá cada litro d'água eles botam um pouco de leite.

EUZÉBIO: Neste vilarejo temos apenas um ônibus desconjuntado, um tabelião cachaceiro e um médico materialista.

PADRE ELIAS: Se não tivesse veículo, melhor. Movimentar as pernas é um ótimo exercício: revitaliza os músculos e mantém em segurança os nossos ossos. A embriaguez do tabelião pode ser

produto de um drama íntimo; talvez seja uma necessidade fisiológico; determinados órgãos do corpo humano se conservam mais facilmente no álcool. Quando ao médico, o essencial é a sua cultura e abnegação. É preferível ser ateu com sinceridade do que religioso com hipocrisia.

D. NAZARÉ: Apoiado, apoiado.

PADRE ELIAS (para Euzébio): É por tudo isso que na minha opinião o senhor não erraria contraindo matrimônio.

D. NAZARÉ: Aprovado. O senhor, padre, é um colosso.

EUZÉBIO: O meu sonho é ser pastor de almas...

PADRE ELIAS: Conforme-se. Há muitos padres frustrados, que dariam excelentes pais de família. E existem pais de família que são verdadeiros padres sem se ausentarem do lar.

EUZÉBIO: O senhor não me convence. Afinal de contas, por que se empenha tanto em ficar nesta geringonça?

PADRE ELIAS: Tenho um motivo...

EUZÉBIO: Qual é?

D. NAZARÉ: Desgosto recolhido?

PADRE ELIAS: Desgosto não, gosto. Gosto dos ambientes como este, de gente simples e laboriosa. Além disso, me armaram uma cilada...

EUZÉBIO: Cilada?

D. NAZARÉ: Uma emboscada?

PADRE ELIAS: Mais ou menos. Um dos meus superiores chegou à conclusão sumária de que devia me "corrigir".

D. NAZARÉ: Por quê?

PADRE ELIAS: Porque eu tenho idéias

que ele não endossa. Sobretudo porque eu falo na gíria.

EUZÉBIO: E falar na gíria não é pecado?

PADRE ELIAS: Neste país pecado é não falar na gíria. O sacerdote, para ser amado, para esclarecer os humildes, tem que se expressar na linguagem do povo. Falar na gíria é falar o idioma dos pobres, dos analfabetos, e são estes os que mais necessitam da religião.

D. NAZARÉ: E que armadilha lhe prepararam?

PADRE ELIAS: Serei designado para Brasília.

D. NAZARÉ (com imensa comiseração): Brasília?! Oh! É demais...

EUZÉBIO (compadecido): Nessa alternativa eu sou forçado a crer que o senhor tem razão.

PADRE ELIAS: Em face desta sentida e comovente manifestação de apreço, eu me declaro, solenemente, vigário desta paróquia.

D. NAZARÉ (beijando-lhe a direita): Com a graça de Altíssimo.

EUZÉBIO: E da Virgem Mãe Santíssima. (Noutro tom.) Espere, e o decreto do Arcebispado?

PADRE ELIAS: É... depois eu quebro este galho. Festejemos o acontecimento com um brinde.

EUZÉBIO: Doravante o senhor é o chefe. (Tira da parte de baixo da estante, ou de uma das gavetas da carteira, três copos, e os entrega a D. Nazaré.)

D. NAZARÉ: Novamente água benta?

PADRE ELIAS (para ela): Traga o vinho da Missa.

EUZÉBIO: Que heresia! (Benze-se.)

D. NAZARÉ: Uma blasfêmia...

PADRE ELIAS: "O que mata não é o que entra pela boca. O que mata é o que sai pela boca, porque procede do coração".

EUZÉBIO: Marcos, capítulo dez, versículo dezenove.

PADRE ELIAS: Desta feita deu uma fora. Isto está em Mateus, capítulo quinze, mais ou menos.

EUZÉBIO: Não acredito. Por mais de trinta anos que leio a Bíblia e por mais de dez que gravei todo o Novo Testamento. Verifiquemos.

(Tira da estante um volume de capa negra e o manuseia; D. Nazaré sai, à esquerda; ouvem-se palmas; Euzébio dirige-se à porta da rua e o padre Elias senta-se.)

PADRE ELIAS: O que mata é o que sai pela boca... As palavras... Oh! Se todas as pessoas fossem mudas...

EUZÉBIO (para fora): Que atrevimento! Que desaforo!

PADRE ELIAS: Quem é?

EUZÉBIO: Tenho até acanhamento...

PADRE ELIAS (pilheriando): Não é o capeta, não?

EUZÉBIO: Não, não é o capeta, mas é um instrumento dele...

PADRE ELIAS: Um saxofone?

EUZÉBIO: Uma mulher... (Para fora.)
Suma-se! Isto é uma casa de respeito e orações...

PADRE ELIAS: Deixe entrar.

EUZÉBIO: É... é... a Ludovina.

PADRE ELIAS: Ludovina era o nome de minha mãe.

EUZÉBIO: Uma prostituta...

PADRE ELIAS (transtornado, batendo na mesa): O senhor conheceu minha mãe?

EUZÉBIO: Eu?...

PADRE ELIAS (saturado de indignação):

Se não provar que ela foi prostituta...

EUZÉBIO: Minha Nossa Senhora das Agonias, acuda-me. Prostituta é a Ludovina, que está aí.

PADRE ELIAS (retemperado): Faça-a entrar.

EUZÉBIO: Pois não. (Para fora.) Entre.

LUDOVINA (entrando: decote espalhafatoso, saia ultra-curta):
Buenas!

PADRE ELIAS: Bom dia, senhorita.

LUDOVINA: O senhor é o novo padre?

PADRE ELIAS: Parece...

LUDOVINA: O senhor é o tipo do artista de cinema.

PADRE ELIAS: E você é um pedaço de perdição. (Nesta altura D. Nazaré vem entrando, à esquerda, estanca e deixa cair os copos com o vinho, que se quebram.)
Algum fantasma?

D. NAZARÉ (esfregando as pálpebras):
Não é possível...

EUZÉBIO: Uma profanação do recinto..

PADRE ELIAS: Que pieguice é esta?

D. NAZARÉ: É ela uma... prostituta.

PADRE ELIAS: E Maria Madalena era virgem?... E para que existem as igrejas, não é para os pecadores? Ou vocês liquidam esse puritanismo meloso ou eu demito todos os dois. E vamos começar a pôr as coisas nos eixos. (Para Euzébio.) Abra as portas da igreja.

EUZÉBIO: É uma homenagem ao finado padre Tadeu...

PADRE ELIAS: Reverencie a memória dele seguindo os seus exemplos. Também se homenageia os mortos trabalhando pela fraternidade entre os vivos. Escancare todas as portas. (Euzébio sai, à esquerda)
D. Nazaré, providencie moradia

para mim.

(D. Nazaré sai à direita, resmungando.)

LUDOVINA: É um padre bacana...

PADRE ELIAS: Obrigado.

LUDOVINA: Eu sou a Ludovina.

PADRE ELIAS: Sei.

LUDOVINA: Tenho uma fama péssima...

PADRE ELIAS: Eu vi.

LUDOVINA: A culpa é minha; sou proprietária de um cabaré.

PADRE ELIAS: A proprietária e certamente a estrela mais disputada... Sim senhor, até neste vilarejo tem meretrício organizado.

LUDOVINA: É...

PADRE ELIAS: A polícia não proíbe?

LUDOVINA: Nós possuímos o alvará de autorização.

PADRE ELIAS: Autorização de quem?

LUDOVINA: Da polícia...

PADRE ELIAS: A polícia ao invés de proibir fornece autorização por escrito?

LUDOVINA: O delegado escalou uma patrulha de soldados para nos vigiar; à menor arruaça, prendem.

PADRE ELIAS: Resumindo: a polícia não proíbe, dá autorização por escrito e ainda colabora vigiando para que tudo corra às mil maravilhas...

LUDOVINA: É o destino...

PADRE ELIAS: Da polícia?...

LUDOVINA: Não, nosso.

PADRE ELIAS: O destino geralmente é fruto das sementes que plantamos.

LUDOVINA: Vim pedir a sua cooperação.

PADRE ELIAS: Em quê, para quê e por quê?

LUDOVINA: Eu...

PADRE ELIAS (indulgente): Dispense os rodeios e fale sem

constrangimento.

LUDOVINA: Estou grávida...

PADRE ELIAS: Isto é da profissão.

LUDOVINA: O jeito é abortar...

PADRE ELIAS: Não consinto!

LUDOVINA: O senhor fala como se fosse o pai!... E as despesas do parto? E a educação da criança? E a mãe aleijada que eu sustento?

PADRE ELIAS: Se você me suplica cooperação é porque me aceita como guia espiritual. Aceita ou não aceita?

LUDOVINA: Aceito.

PADRE ELIAS: Ouça: esta criança vai nascer de qualquer modo. Se ela desaparecer misteriosamente de seu ventre eu atijarei uma campanha para interditar o seu cabaré.

LUDOVINA: De acordo. O busílis é que este filho tem um pai...

PADRE ELIAS: Desde que não seja o meu sacristão...

LUDOVINA: É o coronel Menacê.

PADRE ELIAS: Quem é esse coronel Menacê?

LUDOVINA: É o prefeito, marido de D. Iraneide.

PADRE ELIAS: Hum... Hum... Você me entregou uma arma poderosa...

LUDOVINA: Quando espoucar... Ele não terá coragem de negar porque eu sou espoletada.

PADRE ELIAS: E o que resultará disso?

LUDOVINA: Resultará que D. Iraneide é uma mulher recatada, mas essas sonsinhas quando se espinafram são de morte... (Displícite.) Ela dará um tiro nele, ou ele dará um tiro em mim, ou eu darei um tiro nela...

PADRE ELIAS: Em qualquer hipótese

terei que benzer um caixão...
Muito lindo... (Ri.)

LUDOVINA: É esta a sua cooperação?

PADRE ELIAS: Confie em Deus e não se precipite. Advogarei a sua causa. (Ludovina despede-se e sai, à direita)

D. NAZARÉ (entrando pela mesma porta): É mister chamar um carregador para conduzir a sua maleta?

PADRE ELIAS: Não, eu a levo. Onde é o Correio?

D. NAZARÉ: Nesta travessa, na esquina da direita. (Gesticula mostrando.)

PADRE ELIAS: Vou telegrafar para o Arcebispado. Um instantezinho que iremos juntos. (Sai à direita.)

EUZÉBIO (entrando à esquerda): Cadê ele?

D. NAZARÉ: Foi ao Correio. Bons fados o levem.

EUZÉBIO: Não tem porte de um ministro de Deus.

D. NAZARÉ: É pintoso...

EUZÉBIO: Chi... A senhora já está falando na gíria??? Dê licença. (Sai à esquerda)

D. NAZARÉ: Bossa nova. Esse padre pode não ser bom e puro; mas vai acabar fazendo milagre...

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

(Cena vazia. Padre Elias entra da rua, à direita, senta-se à mesa e examina a papelada.)

EUZÉBIO (entrando, à esquerda.): Bom dia. Como suportou a noite? Os carapanãs não perturbaram seu sono?

PADRE ELIAS: Não. Esses carapanãs são

mais civilizados do que as pulgas do Rio de Janeiro.

EUZÉBIO (olhando os documentos remexidos): Que tal as dívidas?

PADRE ELIAS: Quilométricas. Bancarrota total. Assumir a gerência de uma paróquia nesta pindaíba é pior do que presidir um Instituto de Previdência.

EUZÉBIO: E qual a solução?

PADRE ELIAS: "Dolorosa interrogação..." (Levanta-se, passeia.) O senhor tem cigarros?

EUZÉBIO (aturdido): Cigarros para fumar???

PADRE ELIAS: E por que não?

EUZÉBIO: Padre fuma???

PADRE ELIAS: Se fuma? Nas grandes cidades padre fuma cigarros, cigarrilhas, charutos e cachimbos; padre monta em lambreta, salta de pára-quadras e joga futebol. É a evolução... O que me sugere equilibrar as nossas raquíticas finanças?

EUZÉBIO: Regresse para a sua cidade que eu descasco o abacaxi.

PADRE ELIAS: O que é descascar abacaxi? O senhor aderiu à gíria?

EUZÉBIO (desconcertado): É influência sua...

PADRE ELIAS (olha para cima distraidamente, absorto em reflexões, e estala os dedos): Encontrei! Tome nota com atenção. (Euzébio pega lápis e papel.) Estas são as medidas preliminares para a salvação de nosso barco. Artigo primeiro: todos os débitos da paróquia da Imaculada Conceição, feitos pelo falecido padre Tadeu, não serão saldados. O vigário atual da paróquia toma esta deliberação

a fim de cumprir um axioma, que diz que, duas vezes “que”... que quem...

EUZÉBIO: Assim são quatro quês fora o quem.

PADRE ELIAS (pausadamente): Um axioma que diz que quem compra fiado é que deve pagar.

EUZÉBIO: A palavra pagar é sobra. Chega o deve. Para que deve pagar? Aquele que deve é que deve pagar.

PADRE ELIAS: Leia o que rabiscou.

EUZÉBIO: O vigário da paróquia atual...

PADRE ELIAS: O vigário atual da paróquia.

(Euzébio emenda.)

EUZÉBIO (repetindo): O vigário atual da paróquia toma esta deliberação a fim de cumprir um axioma, que diz que quem compra fiado é que deve.

PADRE ELIAS: Ponto e vírgula. (Lento.) Conseqüentemente, os fiados do padre Tadeu nós não resgataremos. Parágrafo único: as reclamações dos que se presumirem lesados, em vez de serem formuladas às autoridades públicas, deverão ser endereçadas ao Criador, que recompensará a todos com sua inesgotável Misericórdia... Artigo segundo: o preço do batizado não será mais cinqüenta mil cruzeiros.

EUZÉBIO: Um batizado vale duzentos mil cruzeiros. Com elogio aos padrinhos, quinhentos mil.

PADRE ELIAS: Preço do batizado: trinta mil cruzeiros. Operário desempregado não paga.

EUZÉBIO (estupefato): É o fim... (Continua escrevendo.)

PADRE ELIAS: Artigo terceiro: casamento de moça de mais de vinte anos, grátis.

EUZÉBIO: Curtiremos fome...

PADRE ELIAS: Casamento de moça de menos de vinte anos, tabela especial: em lugar de duzentos mil cruzeiros, quinhentos mil.

EUZÉBIO (radiante): Agora sim. Nesta igreja nunca uma noiva teve mais que dezenove anos.

PADRE ELIAS: Observação: para o ato do matrimônio pede-se a certidão de idade SOMENTE do noivo.

EUZÉBIO: Positivo.

PADRE ELIAS: Artigo quarto: as famílias católicas que viverem em plena harmonia, sem rusgas e sem arengas, formarão na primeira, segunda e terceira filas da procissão; para compor estas filas contribuirão com cem mil cruzeiros. Nota: a procissão sairá quatro vezes ao ano, no mínimo.

EUZÉBIO: Nadaremos em dinheiro. Tenho notado que em todo o trajeto da procissão os casais se derretem de amores... As três filas não chegarão; os nossos fiéis são uns querubins: quando alguém aparece de queixo inchado é sempre “dor de dentes”...

PADRE ELIAS: Artigo quinto: quem obtiver uma graça difícil, em vez de fazer jejum, ou qualquer outra mortificação, agradecerá o santo protetor depositando cinqüenta mil cruzeiros sobre a toalha do altar-mor.

EUZÉBIO: Bravos. Bravíssimo...

PADRE ELIAS: Artigo sexto: a paróquia agradece, sensibilizada, os novecentos e noventa mil cruzeiros que a Prefeitura lhe

destinará, mensalmente, como subvenção.

EUZÉBIO: Aposto que isso o senhor não conseguirá. O coronel Menacê é um prefeito ranzinza.

PADRE ELIAS (à parte): Abençoada gravidez, a da Ludovina... (Para Euzébio.) Artigo sétimo: convidamos os protestantes e os espíritas a prestigiarem a fundação de um colégio para alfabetização de adultos; aceitamos qualquer donativo; os protestantes poderão nos enviar meia dúzia de dólares, com os quais nos será fácil adquirir vários milheiros de tábuas, pacotes de pregos, latas de tinta, carradas de areia, e mais alguma coisa os espíritas poderão nos mandar mensagens mediúnicas de incentivo; em retribuição não apontaremos os protestantes que possuem retratos de santo atrás da porta nem deixaremos de aconselhar os católicos perturbados e tomarem passes.

EUZÉBIO: Uff! Mais compassado.

PADRE ELIAS: Artigo oitavo: as madames chiques desfrutarão de livre entrada no templo, aos domingos, na Missa das dez, para o costumeiro e inevitável desfile de modas. É permitido vir com modelos aerodinâmicos, super-funcionais, desde que não ultrapassem os limites da decência e ponham cinqüenta mil cruzeiros na bandeja das esmolas. Para evitar esquecimentos, o vigário fará pessoalmente a coleta.

EUZÉBIO: Não mereço a sua confiança?

PADRE ELIAS: Comigo elas darão mais, por exibição. Artigo nono: a paróquia informar-se-á, no Cartório, quanto à data do nascimento de todos os meninos e meninas filhos de pais católicos. Quando um deles aniversariar, o vigário irá apresentar-lhe os seus parabéns, levando-lhe um catecismo com gravuras em tecnicolor. Essa visita de cortesia não custará nada; todavia, do sermão domingueiro, constará a quantia que os pais do natalicante oferecem ao padre, espontaneamente...

EUZÉBIO: Genial, genial. Neste município o casal que não tem filhos é o coronel Menacê com D. Iraneide. Os outros, se têm poucos, têm três ou quatro.

PADRE ELIAS: Artigo décimo: revogam-se as disposições em contrário. Copie à máquina e pregue nos portais da igreja. São os meus "dez mandamentos".

EUZÉBIO: Por estes dez mandamentos nota dez para o senhor.

PADRE ELIAS: Quantas velas grandes acendemos diariamente?

EUZÉBIO: Uma dúzia à tarde e duas à noite.

PADRE ELIAS: Trinta e seis. Quanto cobram por uma vela?

EUZÉBIO: A insignificância de cinco mil cruzeiros.

PADRE ELIAS: Cinco vezes seis, trinta, vão três, cinco vezes três, quinze, e três dezoito. Cento e oitenta mil cruzeiros. Multiplicados por trezentos e sessenta e cinco dias perfaz... (Efetua a operação a bico de lápis e exclama com ênfase.) Seiscentos e cinqüenta e

sete mil cruzeiros em um ano. Que esbanjamento faraônico!

EUZÉBIO: E a iluminação dos santos?

PADRE ELIAS: Para que dispomos de luz elétrica? Não se gasta mais nenhum centavo em cera; adaptaremos lâmpadas de cores em todos os nichos; para ornamentá-los usaremos flores artificiais, que não secam nem murcham.

EUZÉBIO (candidamente): D. Nazaré é perita em fazer flores.

(Palmas da rua.)

PADRE ELIAS: Atenda.

EUZÉBIO (na porta): Salve! Um momentinho. (Para dentro.) É a D. Iraneide, esposa do prefeito. Quando encontro com essa mulher de manhã cedo, o dia todo é azarado.

PADRE ELIAS: Isto é superstição. Não alimente credices. Mande-a entrar.

EUZÉBIO (introduzindo D. Iraneide na sala): Seja bem-vinda, minha senhora.

D. IRANEIDE: Bom dia, reverendo.

PADRE ELIAS: Bom dia.

EUZÉBIO (apresentando-a, solícito): Esta é a virtuosíssima esposa de nosso venerável prefeito.

PADRE ELIAS: Satisfação em conhecê-la. Padre Elias, disponha.

D. IRANEIDE (com visível nervosismo): Obrigada.

PADRE ELIAS: Sente-se, por gentileza.

D. IRANEIDE: O senhor.... Poderíamos palestrar reservadamente?...

PADRE ELIAS (para Euzébio): Abriu as portas da igreja?

EUZÉBIO: Abri.

PADRE ELIAS: Deu uma varridela no assoalho?

EUZÉBIO: Isso é com a D. Nazaré. Ela chegou e saiu; na certa foi atrás do leiteiro...

PADRE ELIAS: É preciso datilografar os meus "dez mandamentos".

EUZÉBIO: Máquina só na Prefeitura.

D. IRANEIDE: Vá à Prefeitura e diga ao Menacê que...

EUZÉBIO: Eu não sei bater.

D. IRANEIDE: Peça à secretária dele.

EUZÉBIO: Eu não sei quem é.

D. IRANEIDE: É a D. Miguelina, uma que tem as pernas tortas...

PADRE ELIAS: Não se detenha, seu Euzébio.

EUZÉBIO: Com licença. (Sai à direita)

PADRE ELIAS: Sou todo ouvidos, D. Iraneide.

D. IRANEIDE: É um problema melindroso... O senhor é tão jovem...

PADRE ELIAS: Idade não é garantia de retidão moral. Existem homens que quanto mais envelhecidos mais sem-vergonhas...

D. IRANEIDE: E mulheres também...

PADRE ELIAS: As mulheres no geral se regeneram com mais antecedência, por falta de preparo físico...

D. IRANEIDE (perscrutadora): Como o senhor define a sem-vergonhice?

PADRE ELIAS: Sem-vergonhice não se define: pratica-se. É uma quase fatalidade na vida das pessoas ditas normais; entretanto, subordina-se a circunstâncias atenuantes ou agravantes.

D. IRANEIDE: Como assim?

PADRE ELIAS: Sem-vergonhice tanto pode ser o rapazola gazetear uma aula como o velho professor cheirar o pescoço de uma aluna elegante. Depende tudo da

intenção.

D. IRANEIDE: Adultério é sem-vergonhice?

PADRE ELIAS (impassível): O adultério é uma das modalidades mais dolosas da sem-vergonhice.

D. IRANEIDE: Uma das modalidades mais gostosas?...

PADRE ELIAS: Dolosas... É uma sem-vergonhice, infelizmente, vulgarizada em todo o universo.

D. IRANEIDE: Quer dizer que é uma sem-vergonhice, mas não é uma SEM-VERGONHICE...

PADRE ELIAS: Se o Cristo recomendou que não julgássemos os semelhantes, foi porque sabia que somos incapazes de devassar o coração alheio. O adultério, em essência, é mais fraqueza do que maldade. O adultério da mulher, diga-se de passagem, porque o do homem não é fraqueza: é praxe. E o curioso é que sendo o homem um adúltero no mais alto grau, revolta-se leonicamente, sedento de vingança, quando é traído pela esposa, como se a mulher também não fosse sujeita aos desequilíbrios do sexo.

D. IRANEIDE: Por que a sociedade condena tão rudemente o adultério?

PADRE ELIAS: Os homens possuem acentuada inclinação para combater nos outros as suas próprias iniquidades. É uma forma suave de auto-condenação. No fundo cada um reconhece as suas deficiências, mas não tem coragem de admiti-las.

D. IRANEIDE: Se eu lhe revelasse que enganei o meu marido, o que o senhor diria?

PADRE ELIAS: Nada. Que tenho a ver com isso?

D. IRANEIDE: E o que pensaria?

PADRE ELIAS: Pensaria que a senhora é infeliz, e, sendo infeliz, é credora de minha solidariedade.

D. IRANEIDE: O senhor não me julgaria uma...

PADRE ELIAS: Uma mulher igual às outras.

D. IRANEIDE: Como interpretaria a minha doidice?

PADRE ELIAS: Não interpretaria... São muitas as categorias de adultério, e os especialistas na classificação desse gênero de pecado "falham mais do que isqueiro molhado".

D. IRANEIDE: Por quê?

PADRE ELIAS: Porque também são adúlteros em potencial.

D. IRANEIDE: O senhor é um homem inteligente.

PADRE ELIAS: Grato.

D. IRANEIDE: Cometi uma horrível imprudência...

PADRE ELIAS: Sim?

D. IRANEIDE: O senhor já "pescou", não é?

(Pausa.)

PADRE ELIAS: Quantos anos de casada?

D. IRANEIDE: Vinte e um.

(Pausa.)

PADRE ELIAS: "Incompatibilidade de gênios"?

D. IRANEIDE: Não. Embora o Menacê seja um boêmio, freqüentador assíduo da pensão da Ludovina. Sai toda noite depois do jantar e só retorna ao amanhecer.

PADRE ELIAS: A senhora mantém relações cordiais com a Ludovina?

D. IRANEIDE: Quem, eu??? Não... Não

poderia manter relações cordiais com uma prostituta... Sou a presidente do Clube Municipal...

PADRE ELIAS: As prostitutas profissionais, D. Iraneide, são as mais honestas; pelo menos não simulam não encobrem as suas ações com o véu do fingimento. Não menospreze a sua colega.

D. IRANEIDE: Colega???

PADRE ELIAS: Exatamente. Traindo o seu esposo a senhora se transformou numa prostituta. A diferença é que a Ludovina tem uma outra justificativa...

D. IRANEIDE: Qual?

PADRE ELIAS: Ela aluga o corpo porque não dispõe de meios para cuidar da mãe enferma.

D. IRANEIDE: O senhor insinua que comigo se deu o inverso?... Que eu tenho bastante recursos aluguei um corpo masculino para satisfazer um capricho cínico?...

PADRE ELIAS: Que raciocínio! Não se martirize à toa. O seu remorso é um atestado de que não perdeu a dignidade.

D. IRANEIDE: Se o Menacê souber é provável que me dê um tiro. Sua noção de honra é muito avançada.

PADRE ELIAS: Não creio... Como são imbecis os homens que assassinam friamente para "lavar a honra com sangue"! É o cúmulo da covardia! Eles ensaiam a palhaçada freqüentemente por cabotinismo, para verem a fotografia nos jornais, aureolada com a coroa dos heróis, e porque se escudam na certeza de serem absolvidos no Tribunal do Júri, onde rareiam

os votos das mulheres. Mas... Vamos à sua epopéia. Quem a seduziu?

D. IRANEIDE: Um moço inexperiente.

PADRE ELIAS: Algum legionário da Congregação Mariana?

D. IRANEIDE: O senhor chegou ontem, não?

PADRE ELIAS: Sim.

D. IRANEIDE: Ainda não foi apresentado a ele... O Zé Pedro detesta se aproximar de padre e de igreja...

PADRE ELIAS: Por quê?

D. IRANEIDE: É comunista.

PADRE ELIAS: Só por causa disso?

D. IRANEIDE: No dia dois de fevereiro o Zé Pedro, que é empregado na olaria do meu marido, veio à minha casa, às nove horas da noite, rogar um vale de quarenta mil cruzeiros para comprar umas injeções; sua mãe gemia com uma crise de asma. O Menacê tinha saído para o habitual serão na Prefeitura, que se encerra, invariavelmente, na pensão da Ludovina. Eu cedi ao Zé Pedro uma cédula de cem mil cruzeiros; não tinha miúdo. Mais tarde, umas onze horas, ele voltou para trazer o troco. Os vizinhos dormindo... Eu sozinha... Oh! Meu Deus.

(Chora copiosamente.)

PADRE ELIAS: Suspenda a narração... Qual o móvel da ação?

D. IRANEIDE: Que importância tem o móvel?...

PADRE ELIAS: Toda prevaricação origina-se de um motivo substancial. Em suma, por que fez concorrência com a Ludovina?

D. IRANEIDE: A tentação do momento...

O desejo de me vingar do Menacê... Um outro desejo... carnal... dominador... e depois... depois... o meu ideal é ter um filho!...

PADRE ELIAS: E o coronel Menacê?...

D. IRANEIDE: A princípio eram os nossos germes que não combinavam. Submetemo-nos a um tratamento longo e dispendioso...

PADRE ELIAS: Não deu resultado?

D. IRANEIDE: No ano passado o médico asseverou que eu estava pronta para conceber... Porém o Menacê...

PADRE ELIAS: Esse Zé Pedro, quantos anos tem?

D. IRANEIDE: Uns vinte e cinco.

PADRE ELIAS: Casado?

D. IRANEIDE: Solteiro.

PADRE ELIAS: Receitar-lhe-ei uma penitência. Advertindo, entretanto, o seguinte: as penitências que eu prescrevo só são eficazes estando a pessoa no propósito de não reincidir no mesmo pecado.

D. IRANEIDE: Isto eu afianço com absoluta convicção.

PADRE ELIAS: Está tão segura de si?

D. IRANEIDE: Sim... Já tenho o que queria...

PADRE ELIAS: A senhora?...

D. IRANEIDE: Estou grávida... Gravemente grávida... Grávida do Zé Pedro...

PADRE ELIAS: Vôte! E o seu marido?

D. IRANEIDE: Tenho impressão que o senhor brevemente rezará num velório... Se o Menacê souber fuzilará o Zé Pedro ou a mim.

PADRE ELIAS: Talvez apele para o suicídio como a solução mais viável... A senhora quer mesmo

este filho?

D. IRANEIDE: O senhor não me aconselha abortar, não?

PADRE ELIAS: Acha-me com cara de infanticida? Para que fez a sem-vergonhice com o "inexperiente" comunista Zé Pedro?

D. IRANEIDE: Como lhe disse... para... para ter um filho...

PADRE ELIAS: Quem sabe se perante Deus isso não é também uma prostituição perfeitamente perdoável?

D. IRANEIDE: Eu não sei. O senhor sabe?

PADRE ELIAS: Não. Não sei não. De qualquer maneira CRIAR uma vida é algo meritório. Vá para casa e comece a costurar as fraldas.

(Entram abruptamente, à direita, Euzébio e o prefeito.)

CORONEL MENACÊ (colérico): Isto é um ultraje à minha honorabilidade!

D. IRANEIDE (estática): Nossa Mãe!

EUZÉBIO (servil): Padre Elias, este é o coronel Menacê, prefeito de incomparável tirocínio administrativo...

CORONEL MENACÊ (gritando): Que farei diante desta ignomínia?!

PADRE ELIAS: Diminua a zoada que isto aqui não é auditório de rádio nem campo de futebol.

D. IRANEIDE: Padre... Eu vou orar umas ave-marias por conta da penitência.

(Trata de escapullir para o interior do templo.)

PADRE ELIAS: Espere. (D. Iraneide senta-se.) Inicialmente, Sr. prefeito, científico-o de que não possui um pingo de educação, e de que esta sala...

EUZÉBIO: De respeito e orações...

PADRE ELIAS: Esta sala não é a gafeira da Ludovina. O senhor com esse derrame de boçalidade não me intimida.

CORONEL MENACÊ (autoritário): Eu exijo...

PADRE ELIAS: Exige no forró de suas negas. Aqui o senhor pede. Neste terreiro o galo que canta sou eu.

EUZÉBIO (benzendo-se): Valha-me, minha Nossa Senhora! Padre Elias, o senhor é um pastor de almas...

PADRE ELIAS: Feche essa boca fofoqueiro! Porque eu sou sacerdote devo ser afeminado? A caso Jesus foi um tíbio, um molongó, um palerma? Não consta dos Evangelhos que Ele deu uma surra de chicote nos vendilhões do templo? (Para Menacê.) Ou se comporta ou eu lhe aplico o Evangelho do cacete!!!

CORONEL MENACÊ: Isso é uma cachorrada! É uma afronta às minhas imunidades.

PADRE ELIAS: Essas imunidades, em homens da sua laia, se prestam, unicamente, para estimular o roubo, a corrupção, as falcatruas de toda espécie, e para cavar o túmulo da democracia.

CORONEL MENACÊ (taxativo): Pois eu não libero a verba, seu padre desordeiro. E...

D. IRANEIDE (pasma): Que verba?

PADRE ELIAS (atrapalhado): Que verba?

CORONEL MENACÊ: A nojenta subvenção da paróquia. (Para D. Iraneide.) Você?...

D. IRANEIDE: Vim fazer penitência para alcançar uma graça...

CORONEL MENACÊ: Que graça?

D. IRANEIDE: É... depois... depois, te direi...

CORONEL MENACÊ (para o padre Elias, sobriamente): Eu...

PADRE ELIAS: Sente-se. As amizades mais duradouras começam com bofetadas.

CORONEL MENACÊ: Concordo. Não concordo é com a subvenção.

EUZÉBIO (para o padre Elias): Ele leu e não deixou a secretária datilografar.

D. IRANEIDE: Padre Elias, em que santuário devo rezar a penitência?

PADRE ELIAS: Penitência de mulher casada é na cozinha, enquanto a panela ferve... Reze oito salverainhas, até o feijão amolecer.

CORONEL MENACÊ: É, vá indo. (D. Iraneide despede-se e sai, à direita)

PADRE ELIAS: O senhor não solta a subvenção, hein?

CORONEL MENACÊ: Não. A Prefeitura atravessa um período deficitário. Regime de compressão de despesas.

PADRE ELIAS: Hum... a epidemia das "metas" atingiu estas paragens?

CORONEL MENACÊ: Ademais não tolero extorsões.

PADRE ELIAS: Tolerar, sim...

CORONEL MENACÊ: O senhor graceja? Se é para rir mande o sacristão fazer uma cosquinha no meu sovaco.

(Euzébio dá as costas.)

PADRE ELIAS: Não é para rir, é para chorar. O senhor dará, prazerosamente, a subvenção; ou as subvenções...

CORONEL MENACÊ: Como???

PADRE ELIAS: Uma para a igreja, outra para a Ludovina.

CORONEL MENACÊ (indeciso): O senhor?...

PADRE ELIAS: Seu Euzébio, volte à Prefeitura, dê os meus "dez mandamentos" à secretária do coronel para ela datilografar em quatro vias e diga-lhe que o prefeito determinou isso.

(Euzébio sai à direita)

CORONEL MENACÊ: Padre...

PADRE ELIAS: Elias da Silva. Estou a par da gravidez da Ludovina. O senhor oferecerá a ela uma mesada, além de arcar com as despesas da parteira e dos medicamentos.

CORONEL MENACÊ (totalmente transformado): Se souberem estarei arrasado.

PADRE ELIAS: Ninguém saberá. A menos que a verba da paróquia caia em exercício findo.

CORONEL MENACÊ: A minha maior preocupação é a Iraneide. Coitadinha, tão dedicada, tão leal.... (Lagrimoso.) Padre, eu tenho uma pena da minha mulher!...

PADRE ELIAS (entre os dentes): Ah! Zé Pedro pilantra...

CORONEL MENACÊ: Pilantra, não.

PADRE ELIAS (em apuros): O senhor ouviu o que eu disse?

CORONEL MENACÊ: Ouvi.

PADRE ELIAS: Mas eu não disse nada...

CORONEL MENACÊ: O Zé Pedro não é pilantra. Eu estimo apesar dele ser esquerdista. É um rapaz correto, instruído e estudioso. Tem metade do curso ginásial. Dizem que ele veio da capital há três anos porque feriu dois guardas-civis

num comício do Partido Comunista.

PADRE ELIAS: Cada vez me enrosco mais... O senhor não está propenso a trucidar o Zé Pedro?

CORONEL MENACÊ: Eu??? Ele é que quando descobrir me retalhará com sua peixeira.

PADRE ELIAS: Ele... D. Iraneide...

CORONEL MENACÊ: Tenho um palpite que um de nós esticará as canelas.

PADRE ELIAS: Que embrulhada!

CORONEL MENACÊ: Não entendeu?

PADRE ELIAS: "Estou mais por fora do que língua de enforcado".

CORONEL MENACÊ: O Zé Pedro é xodó da Ludovina; quando ele souber que ela engravidou de mim...

PADRE ELIAS: Agora clareou... Descanse que eu desmancharei este nó de quatro pernas.

CORONEL MENACÊ: Como agirá?

PADRE ELIAS: Não se incomode. Conte com a minha assistência incondicional e desinteressada. Tanto quanto eu conto com as subvenções...

CORONEL MENACÊ: Obrigado.

(Despede-se e sai à direita)

PADRE ELIAS (em frente do oratório):

Jesus, me arranca dessa. Que hei de fazer? A Ludovina é xodó do Zé Pedro e está grávida do coronel Menacê; a D. Iraneide é esposa do coronel Menacê e vai ter uma criança por obra e graça do Zé Pedro. É muita sem-vergonhice junta!... Mas que essas duas crianças vão nascer de qualquer maneira, vão, porque lendo os Evangelhos eu aprendi que uma única vida humana é mais importante do que um

milhão de catedrais!

D. NAZARÉ (entrando, à direita, com Zé Pedro e um buquê de flores): Bom dia, irmão Elias.

PADRE ELIAS: Bom dia.

D. NAZARÉ: Este é o Zé Pedro.

ZÉ PEDRO: Bom dia.

PADRE ELIAS: Seja bem-vindo.

D. NAZARÉ: Ele veio debater com o senhor...

PADRE ELIAS (bonachão): A eclosão de um motim?

ZÉ PEDRO: Um levante daqueles que vivem esmagados pelo Capitalismo daqueles que resistem à sanha dos trustes internacionais, daqueles...

PADRE ELIAS: Sente-se. (Para D. Nazaré.) Quem é o aniversariante?

D. NAZARÉ: Por quê?

PADRE ELIAS: As flores...

D. NAZARÉ: São para o mui querido Santo Antônio.

PADRE ELIAS: Santo Antônio aniversaria hoje?...

D. NAZARÉ: Não. Sou devota dele há treze anos.

PADRE ELIAS: E o seu Euzébio ainda não caiu na ratoeira?...

D. NAZARÉ: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura". (Sai à esquerda)

PADRE ELIAS: Algum qüiproquó na fábrica?

ZÉ PEDRO: Desfecharemos uma greve na olaria do coronel Menacê. Cento e oitenta operários.

PADRE ELIAS: E o que é que o pacato vigário da paróquia tem com a greve dos ilustres artistas em confecções de barro?

ZÉ PEDRO: Vim lhe dizer que não deve jogar o povo contra nós. O

Coronel Menacê, com as regalias de prefeito, tentará nos derrotar recorrendo a esse golpe baixo. O senhor não deve se imiscuir...

PADRE ELIAS: Eu não devo o quê?

Quem é você para ditar-me regras de conduta? Nesta igreja ninguém faz farol, ninguém alardeia valentia. Se deseja pedir um favor, peça; se não deseja, dirija-se à sua célula.

ZÉ PEDRO: Célula?

PADRE ELIAS: Sim. Não é comunista?

ZÉ PEDRO: Comunista e materialista dialético...

PADRE ELIAS: Título pomposo!... Que fatuidade! Já leu os livros de Marx e Engels? Já esmiuçou a filosofia que aborda os fundamentos do materialismo histórico? Já compreendeu o conteúdo intrínseco da teoria sócio-econômica de Lenin?

ZÉ PEDRO: Não compreendo mas acredito.

PADRE ELIAS: Hum... Você tem fé...

ZÉ PEDRO: Eu sou ateu.

PADRE ELIAS: É um religioso sem religião... Por que é ateu?

ZÉ PEDRO: Porque não creio em Deus. "A religião é o ópio do povo".

PADRE ELIAS: E o que é Deus?

ZÉ PEDRO: Não sei. Indague dos católicos praticantes, dos católicos simpatizantes e dos católicos farsantes. Pelas descrições que tenho ouvido é um rei gordo, vermelho, barrigudo, que repousa num trono reluzente, todo estufado com espuma de nailon americana...

PADRE ELIAS (quase sorrindo): Está bem.

ZÉ PEDRO: Está bem... Está bem... Para

os padres tudo está bem...
Enquanto nós trabalhamos como cavalos para ganhar míseros tostões, os senhores ganham milhões para não trabalhar...

PADRE ELIAS: Como, seu boboca???(Incisivo.) Explique-se senão lhe achato um olho!

ZÉ PEDRO: Eu arraso com a saúde, dando duro das sete da manhã às seis da tarde, e no fim da quinzena não recebo um níquel; só os vales. O senhor não tem patrão, não suja as unhas, não escuta repreensões, não traz os bolsos vazios...

PADRE ELIAS: Eu não lhe dou um tabefe porque você é o supra-sumo-condensado da ignorância! Quem lhe informou que padre não trabalha, não se esgota, não traz os bolsos vazios? Encontro-me numa abertura mil vezes pior do que a sua. Se no prazo de oito dias não arrecadar trinta mil cruzeiros para consertar uma parede rachada deste prédio, eu é que entrarei em greve. Cerro as portas da igreja e o pessoal que reze no meio da rua.

ZÉ PEDRO: Isso é demagogia...

PADRE ELIAS: É real. E nós selaremos um pacto. Como você não vai mesmo fazer a sua greve, apoiará a minha.

ZÉ PEDRO (reagindo à altura): Quem não vai fazer a greve???

PADRE ELIAS: Você.

ZÉ PEDRO: Uma joça! A greve arreventará semana vindoura.

PADRE ELIAS (enigmático): Não arreventará...

ZÉ PEDRO: O senhor me irrita! Já disse que a greve arreventará e

arreventará nem que eu tenha de derrubar esta igreja reacionária.

Em que o senhor se fia?

PADRE ELIAS: Na gravidez de D. Iraneide... Na espingarda do coronel Menacê... Na aflição da Ludovina vendo seu cadáver...

ZÉ PEDRO: O senhor?... Ela lhe confessou?... Ela...

PADRE ELIAS: Com todo esse nervosismo você é o líder de cento e oitenta homens?

ZÉ PEDRO (completamente mudado): Padre, evite essa tempestade... (Gargalha, inopinadamente.)

PADRE ELIAS: Enlouqueceu? Ou isso é um ataque de hidrofobia?...

ZÉ PEDRO: Não, não enlouqueci. (Gargalha mais uma vez.)

PADRE ELIAS: Incorporou algum espírito zombeteiro?...

ZÉ PEDRO: Não. Somente recordei que o senhor está impossibilitado de revelar a minha safadeza com D. Iraneide.

PADRE ELIAS (intrigado): Impossibilitado???

ZÉ PEDRO: Sim. O segredo da confissão não é inviolável?...

PADRE ELIAS (apreensivo): Por esta eu não esperava... Confissão... Eu disse confissão?

ZÉ PEDRO: Não disse?

PADRE ELIAS (gargalhada no mesmo diapasão): Ora, ora, ora...

ZÉ PEDRO: Incorporou o Espírito Santo?...

PADRE ELIAS (peremptório): Confissão autêntica é no Confessionário. Ela falou comigo nesta sala...

ZÉ PEDRO: Não deixa de ser confissão.

PADRE ELIAS (vencido): É... (Transição.) Que confissão? Não houve confissão. O que houve foi uma

confidência. (Gargalhada.)

ZÉ PEDRO (entregando os pontos):

Padre...

PADRE ELIAS: Elias da Silva.

ZÉ PEDRO (implorativo): O senhor não empastelará a nossa greve... Estamos com fome, endividados, ao passo que o coronel Menacê faz farras e mais farras na pensão da Ludovina; quase toda noite dorme com ela.

PADRE ELIAS: E por que você não interfere? Não é xodó da Ludovina?

ZÉ PEDRO: Se eu expulsar o prefeito do quarto dela quem aviará as receitas de sua mãe?

PADRE ELIAS: É triste... É re-vol-tan-te!...

ZÉ PEDRO: Prometa que estará conosco...

PADRE ELIAS: Prometer não prometo. Contudo, vá tranquilo.

ZÉ PEDRO: O senhor...

PADRE ELIAS: Não se preocupe. Tenha fé em Deus.

ZÉ PEDRO: Eu não gosto de Deus. Se ele de fato existe é o culpado de todas essas desgraças...

PADRE ELIAS: Tenha fé na justiça. A fé na justiça às vezes substitui a fé em Deus. Não desanime.

ZÉ PEDRO: Adeus, padre.

PADRE ELIAS (sorrindo): Adeus, "camarada"... (Zé Pedro sai à direita) Fé em Deus... Fé na justiça... Haverá diferença entre as duas?...

FIM DO SEGUNDO ATO

TERCEIRO ATO

(A sala apresenta aspecto de geral

modificação, como se o padre Elias tivesse modernizado tudo.)

PADRE ELIAS (lendo as Escrituras):

"Quanto a Jesus, foi para o monte de Oliveiras; mas, ao romper do dia, voltou ao templo e todo o povo veio ter com ele que, sentando-se, entrou a ensiná-lo. Então os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher, que fora apanhada em adultério, e a puseram no meio de toda a gente. E disseram: - Mestre, esta mulher acaba de ser apanhada em flagrante adultério... Na Lei ordenou-nos Moisés que apedrejassemos semelhantes mulheres; tu, pois, que dizes? Com esta pergunta queriam experimentá-lo para terem do que o acusarem. Jesus, porém, abaixando-se, pôs-se a escrever no chão. Como insistissem na pergunta, ele se levantou e lhes disse: - "Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra". E, tornando a abaixar-se, continuou a escrever no chão. Os que o interrogaram, ao lhe ouvirem a resposta, foram saindo um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus, e a mulher que estava no meio. Erguendo-se, Jesus lhe perguntou: - "Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou"? Respondeu ela: - Ninguém, Senhor. Disse Jesus: - "Nem eu tão-pouco te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais". Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que lhe atire a pedra... (Suspende a

batina, tira cigarros e fósforo da calça, fuma) Que sinuca! A Ludovina não pode mais camuflar a barriga. A D. Iraneide também não pode esconder a gravidez. O nó tem que ser desatado... E é hoje. Vou botar tudo em pratos limpos...

EUZÉBIO (entrando à direita): Dei o recado a todos.

PADRE ELIAS: Eles virão?

EUZÉBIO: Virão.

PADRE ELIAS: Todos?

EUZÉBIO: O coronel Menacê, o Zé Pedro, a Ludovina, D. Iraneide, todos. O que acontecerá?

PADRE ELIAS: É impossível prever.

EUZÉBIO: Eu queria lhe falar... mas a atmosfera anda tão carregada...

PADRE ELIAS: Prenúncio de furacão...

EUZÉBIO: O meu caso pode ser adiado.

PADRE ELIAS: Não, por quê? Vamos lá, ponha para fora.

EUZÉBIO: Eu me sinto até sem fôlego.

PADRE ELIAS: Não desperdice o ensejo; daqui a uns cinco minutos talvez seja tarde...

EUZÉBIO: Por quê?

PADRE ELIAS: Por causa de um defunto.

EUZÉBIO: Depois de sepultarem o defunto o senhor me atenderá.

PADRE ELIAS: E se o defunto for o padre Elias?

EUZÉBIO: O senhor???

PADRE ELIAS: Sim.

EUZÉBIO: Virgem, Mãe do Céu. (Benze-se.) Estou assombrado.

PADRE ELIAS: Com tão pouca coisa? Então prepare-se para receber uma enorme emoção. Uma emoção dulcíssima, que arrancará pérolas cintilantes de suas pupilas... Uma emoção...

EUZÉBIO: Já estou emocionado...

PADRE ELIAS: Pronto para acolher a bomba?

EUZÉBIO: Bombardeado, já...

PADRE ELIAS (rindo): O senhor ainda não sabe?

EUZÉBIO (desesperado): Saber como???

PADRE ELIAS: Necessariamente não ignora. É o autor...

EUZÉBIO: Autor???

PADRE ELIAS: Sim. Autor de D. Nazaré. Ou mais detalhadamente: autor da gravidez de D. Nazaré.

EUZÉBIO (caindo numa cadeira, comicamente): Uma vertigem...

PADRE ELIAS: Não alertarei que a emoção seria forte?! Todo homem fica atordoado quando sabe que será pai.

EUZÉBIO: Pai???

PADRE ELIAS: Não negue.

EUZÉBIO: Nego, nego, nego. Jamais tive tamanha intimidade com D. Nazaré! A prova disso é que ia lhe dizer, neste instante, que pretendia noivar com ela no ano que vem. Que decepção! (Contrafeito, choroso.) Tudo por águas abaixo. D. Nazaré foi ingrata para mim. Tanto tempo convivendo comigo e no fim me abandonar por outro...

PADRE ELIAS: Que outro?

EUZÉBIO: O responsável pelo filho.

PADRE ELIAS: E não é o senhor?

EUZÉBIO: Não. Eu permaneço ainda imaculado... Conservo a pureza do batismo... Se morresse hoje seria um anjo...

PADRE ELIAS: Se topava com D. Nazaré por que não se declarou?

EUZÉBIO: Isto aqui é uma casa de respeito e orações...

PADRE ELIAS (sorrindo): Vou dar uma

olhadela no cofre da padroeira.
(Sai à esquerda)

EUZÉBIO: Quem diria que a D. Nazaré me ludibriaria!... Quem diria!... (Solução compungidamente; D. Nazaré entra à direita ; ele, de costas, não a vê.) Oh! Jesus, como é amargo o meu sofrimento!... Como eu amo a D. Nazaré! Tão bonita!... (D. Nazaré deixa cair um ramalhete de rosas que traz e ele se espanta com o baque.) A senhora???

D. NAZARÉ: Sim, seu Euzebiozinho. O senhor é também tão bonito!... Tão cavalheiro!... Tão galante!... Tão irresistível!...

EUZÉBIO: Desapareça de minha vista!!!

D. NAZARÉ: Ué?!...

EUZÉBIO: A senhora é uma mulher sem pudor.

D. NAZARÉ (inocente): Eu??? Por quê???

EUZÉBIO: Nunca mais desejo vê-la. Não sabia que eu simpatizava consigo?

D. NAZARÉ: Ai! E o senhor me disse?

EUZÉBIO: E por que eu não disse tratou de arrumar um Adão?

D. NAZARÉ: Adão???

EUZÉBIO: E o danado desse padre, como se não fosse bastante a sua patifaria, ainda me taxa de autor do seu Caim.

D. NAZARÉ: Adão?... Caim?... O que quer dizer?

EUZÉBIO (impiedosamente satírico): Que a senhora comeu a fruta proibida.

D. NAZARÉ: Que fruta proibida?

EUZÉBIO: A maçã.

D. NAZARÉ: Que maçã?

EUZÉBIO: A maçã da sem-vergonhice...

D. NAZARÉ: Ai! Isto tanto tempo faz que

não mais sei o sabor... Há dezenove anos que meu maridinho morreu.

EUZÉBIO (mordaz): D. Nazaré Inocência dos Prazeres...

D. NAZARÉ (idem): Sr. Euzébio dos Prazeres Inocentes...

EUZÉBIO: Quem é o pai?

D. NAZARÉ: De quem?

EUZÉBIO: Do seu filho.

D. NAZARÉ: Sei não, homem.

EUZÉBIO: Como???

D. NAZARÉ: Suspeito que é o seu Neuzomar, porém não afirmo...

EUZÉBIO: E existe probabilidade de ser outro?

D. NAZARÉ: Ou o seu Genivaldo ou o seu Agostinho...

EUZÉBIO: Três???

D. NAZARÉ: Apenasmente.

EUZÉBIO: Tarada! A senhora é uma tarada.

D. NAZARÉ: Eu???

EUZÉBIO: Sim. T-A-R-A-D-A!!!

D. NAZARÉ: O senhor me respeite, seu MARICAS!

EUZÉBIO: Respeitar uma prostituta?

D. NAZARÉ: Prostituta???(Quase desmaia.) Prostituta é a... É a rapariga da sua irmã com toda a parentela.

EUZÉBIO: E os diversos pais de seu filho?

D. NAZARÉ: Crio o pirralho desde os três aninhos de idade. Pelo que vim a saber a mãe dele viveu amancebada com o seu Agostinho, com o seu Neuzomar, com o seu Genivaldo...

EUZÉBIO: E a sua gravidez?

D. NAZARÉ: Gravidez???

EUZÉBIO: Sim. Não se faça de cândida.

D. NAZARÉ: Quebro-lhe os dentes! Que gravidez é esta?

EUZÉBIO: O padre Elias me disse que a

senhora engravidou. A sua cintura está mesmo empinada, saliente.

D. NAZARÉ (mirando-se): Saliente é o senhor, seu atrevido dum a figa. Isso é artimanha sua. O padre Elias não me difamaria.

EUZÉBIO: Vou chama-lo para a confirmação. (Sai atarantado e se esbarra no padre Elias, que vem entrando à esquerda)

PADRE ELIAS: Que borrasca é essa? Arengando na véspera do casório? (Entram o coronel Menacê e D. Iraneide, desconfiadíssimos.)

CORONEL MENACÊ: Bom dia, padre Elias.

PADRE ELIAS: Bom dia. Como vai, D. Iraneide, alguma anormalidade?

D. IRANEIDE: Não, graças a Deus e ao senhor.

PADRE ELIAS: E o coronel?

CORONEL MENACÊ: Tudo em paz, graças a Deus e ao senhor; especialmente ao senhor...

PADRE ELIAS: D. Iraneide, tem tido tonteiras?

CORONEL MENACÊ: Tonteiras??? A Iraneide não sofre de tonteiras.

D. IRANEIDE: Não, padre.

PADRE ELIAS (para o Coronel Menacê): Tem se avistado com o Zé Pedro?

D. IRANEIDE: É claro; na olaria...

PADRE ELIAS: Não, eu pergunto em local ermo, à noite...

CORONEL MENACÊ: Não.

(Vez por outra Euzébio e D. Nazaré se olham com transparente furor.)

PADRE ELIAS (para a D. Iraneide): Tem tido enjôos?

D. IRANEIDE: Não.

CORONEL MENACÊ: Enjôos???

PADRE ELIAS: Sim, enjôos... Por falar em

enjôos, ontem o Zé Pedro esteve aqui, bêbado, para avisar que tinha "enjoado" os afazeres em sua olaria e achava-se disposto a se internar numa penitenciária...

CORONEL MENACÊ (abatido, cabisbaixo): Numa cadeia? E o que fará para ingressar numa cadeia?

PADRE ELIAS: Isto ele não avisou...

D. NAZARÉ: Dê licença, irmão Elias. (Faz menção de sair, mas se detém.) Eu cá estou a enjoar esta história de gravidez.

D. IRANEIDE: A senhora?...

CORONEL MENACÊ: Adeus, D. Nazaré, não se atrase.

EUZÉBIO: Eu também me retiro.

PADRE ELIAS: Alto lá! Ninguém foge. Elucidemos a gravidez...

CORONEL MENACÊ: Irmão Elias, tenha dó... A Prefeitura aumentará para dois milhões de cruzeiros a subvenção...

PADRE ELIAS: Qual das duas?

CORONEL MENACÊ: A da igreja... Não toque na questão...

D. IRANEIDE (para o padre Elias): Ia me esquecendo que tenho umas jóias para lhe presentear; é o meu óbolo para a paróquia... Não toque na questão...

EUZÉBIO: O assunto não é para ser ventilado dessa maneira...

CORONEL MENACÊ (para Euzébio): Como é que o senhor tem a audácia de meter o bedelho nisso?

EUZÉBIO (retrucando, altivo): Eu é que lhe pergunto. O senhor é que é o pai?

CORONEL MENACÊ: Eu sou coisa nenhuma!

D. IRANEIDE (aérea): Tem que ser você,

meu amor...

EUZÉBIO (para D. Nazaré): Ainda precisa confirmação?

PADRE ELIAS: Vocês estão... invertendo...

EUZÉBIO: Eu não sou o pai.

CORONEL MENACÊ: Nem eu.

PADRE ELIAS: Pelo que noto o pai serei eu...

LUDOVINA (entrando à D.): "Bonjour" para todos. Mandou-me chamar, padre Elias?

PADRE ELIAS: Tá na cara...

LUDOVINA (olhando de soslaio para o coronel Menacê): É sobre a mesada para o nenê? Naquela base?

PADRE ELIAS: É sobre gravidez.

D. IRANEIDE: Oh! Que escândalo!...

CORONEL MENACÊ: Tenho que assinar umas portarias na Prefeitura. (Encaminha-se para a porta da rua, à direita)

PADRE ELIAS (interceptando-o): Para que tanta afobação? Fique, coronel, mais um pouquinho que o bate-papo é convidativo... Depois o senhor assinará as portarias. (Para Ludovina.) O parto é para que mês?

D. IRANEIDE (absorta): Novembro...

LUDOVINA (para ela): A senhora já sabe?

D. IRANEIDE: Como não haveria de saber?

LUDOVINA (para o coronel Menacê): Sacripanta.

D. IRANEIDE (para Ludovina, drástica): Você qualifica o meu marido de sacripanta simplesmente porque ele fez um filho. Não é uma prerrogativa dele?

PADRE ELIAS: Não esqueçam. Não derivem para a agressão que isto aqui não é Câmara Legislativa.

LUDOVINA: Pois se é uma prerrogativa dele a senhora vai criar.

PADRE ELIAS: Eu peço a palavra e não concedo apartes. Ponhamos os pingos nos is...

CORONEL MENACÊ: Padre Elias... as portarias... são urgentíssimas...

EUZÉBIO (dramático): Ausento-me. Prefiro desconhecer uma verdade tão cruel.

D. IRANEIDE: Eu deixei o macarrão refogando...

PADRE ELIAS: Não se afastem sem que eu anuncie a celebração de um matrimônio.

LUDOVINA: Matrimônio? O coronel Menacê não é casado oficialmente com D. Iraneide?

PADRE ELIAS: O matrimônio tardio, porém venturoso, do seu Euzébio.

CORONEL MENACÊ (para Ludovina): Então foi ele, sua vigarista?!

EUZÉBIO: Eu o quê?

D. NAZARÉ (para Euzébio): O senhor, hein?! (Arremedando.) "O meu sonho é ser pastor de almas"... Velho assanhado!... E eu a fazer promessas para Santo Antonio de Lisboa...

(Joga um punhado de flores no rosto de Euzébio.)

PADRE ELIAS (para ambos): Não briguem que ainda não estão casados...

CORONEL MANACÊ: O casamento é deles? E a Ludovina?

LUDOVINA (debochando): A Ludovina não é reumatismo, e, portanto, não está interessada em casar com velho; se contenta com uma mesada polpuda...

EUZÉBIO (indicando D. Nazaré): Eu vou casar com essa mulher???

PADRE ELIAS: Não se apaixonou por

ela?

D. IRANEIDE: Feito, feito, não se discute mais.

LUDOVINA (para D. Iraneide): Ilusão sua. O caldeirão vai entornar.

CORONEL MENACÊ (para Ludovina): Não deposite mais lenha na fogueira.

PADRE ELIAS (para Euzébio): A sua futura esposa está intacta. Desde que o marido viajou para o outro mundo que ela se permanece como a Petrobrás: intocável...

EUZÉBIO: E o filho, de quem é?

PADRE ELIAS: Seu.

EUZÉBIO: Meu???

D. IRANEIDE (descuidada): É do Zé Pedro, isto é, do Menacê...

LUDOVINA: Justamente. É do coronel Menacê.

D. NAZARÉ: Irmão Elias, que balbúrdia! Que encrenca! Quem é que engravidou?

EUZÉBIO: Pela derradeira vez eu berro: o filho não é meu!

PADRE ELIAS (para Euzébio): O filho é seu; apenas ainda não foi concebido.

EUZÉBIO: Como é isso?

PADRE ELIAS (contornando, risonho): Seu Euzébio, eu planejei um ardil para provocar o seu enlace com D. Nazaré. Sabia que o senhor gostava dela e me confrangia a alma ver tantas súplicas a Santo Antonio. Se eu não dissesse que D. Nazaré se achava grávida o senhor não confessaria que a amava. A gravidez de D. Nazaré foi uma farsa que elaborei para força-lo a um pronunciamento. Creio que agora vocês se casarão. Posso marcar a data do auspicioso acontecimento?

EUZÉBIO: Me dê um tempinho para refletir...

PADRE ELIAS: Se não casar sem refletir, refletindo é que não se casará... Sábado que vem serve, D. Nazaré?

D. NAZARÉ: Ai! Que por mim serve até amanhã.

PADRE ELIAS: Tudo acertado; sem ser este sábado, no outro.

EUZÉBIO: E a minha liberdade?

D. NAZARÉ: Não hei de prendê-lo, não. Poderá sair todas as noites de novena.

D. IRANEIDE (para D. Nazaré): As minhas felicitações.

CORONEL MENACÊ (para Euzébio): As minhas condolências.

PADRE ELIAS: Viva Deus!...

TODOS: Viva!

ZÉ PEDRO (entrando bruscamente, à direita): Bom dia. (Vira-se, acena com mão da porta da rua para fora.)

PADRE ELIAS (para ele): Bom dia. Você era indispensável nesta reunião cujo tema é uma gravidez....

ZÉ PEDRO (acanhado): Gravidez?... Que sei eu de gravidez, se sou solteiro?...

PADRE ELIAS: Não se lembra de nada?... Um ataque de asma em sua mãe... Os vizinhos dormindo... Uma cédula de cem mil cruzeiros... Onze horas da noite...

ZÉ PEDRO: Padre Elias, pelo amor de Deus!...

PADRE ELIAS: Não é mais ateu?...

ZÉ PEDRO (para coronel Menacê): Temos contas a ajustar.

CORONEL MENACÊ (tímido): Aqui, nesta casa de respeito e orações?...

EUZÉBIO: D. Nazaré, vamos antes que uma bala se atravessasse entre nós

dois. Namorar treze anos e morrer nove dias apenas para o casamento é brabo...

D. NAZARÉ: Não fique a tratar-me por dona. Isso não vem muito a calhar. Não sabe pois o meu apelido de família?

EUZÉBIO: Não.

D. NAZARÉ: Lindinha.

(Despedem-se e saem, à direita.)

PADRE ELIAS: Seu Menacê... D. Iraneide... Seu Zé Pedro... D. Ludovina...

(Á medida que os nomes são enumerados os circunstantes se fitam.)

CORONEL MENACÊ: Pois é.

D. IRANEIDE: Pois é...

ZÉ PEDRO: Pois é...

LUDOVINA: Eu danço conforme a música...

ZÉ PEDRO (vai à porta da rua, faz um gesto para fora e volta-se): Os meus companheiros estão aí.

CORONEL MENACÊ: Os operários?

ZÉ PEDRO: Sim, os seus cativos; os homens que financiam com o próprio suor as suas bacanais.

D. IRANEIDE: Bacanais???

PADRE ELIAS: Acalme-se, D. Iraneide. Se ele se inflamar em demasia eu requisitarei a sua atenção para o problemzinho da gravidez...

CORONEL MENACÊ (para Zé Pedro): Não tolerarei suas indelicadezas.

ZÉ PEDRO: Nem eu serei mais seu lambaio. Conseguí um emprego na usina e vim lhe dizer que se não dobrar o ordenado do pessoal...

(Ouve-se barulho de tumulto fora.)

D. IRANEIDE (monologando): Dobrar o ordenado agora que temos um filho para criar?...

(O Coronel Menacê não ouve.)

LUDOVINA (para o padre Elias): Ela pensa que ficará mesmo com a criança.

CORONEL MENACÊ: Aumento eu não darei.

ZÉ PEDRO (para o coronel Menacê): É assim, não é? (Põe-se na porta, com ares de tribuno.)
Companheiros! Trabalhadores sacrificados! O coronel Menacê não cede às nossas reivindicações. (Gritos, fogos etc.) Só nos resta a greve. (Aplausos estrondosos.) Farei mais uma tentativa para convencer o espeznhador dos nossos direitos; se o prefeito não se curvar proferirei um discurso, e no final proclamarei o que temos a fazer.

(Palmas.)

CORONEL MENACÊ: Mistificador...

ZÉ PEDRO (para o coronel Menacê): O que o senhor decide?

CORONEL MENACÊ: Grevem. Quando cansarem, como das vezes anteriores, me procurem para uma solução conciliatória.

ZÉ PEDRO (para a rua): O prefeito persiste em sua avareza. Ouçam que eu vou fazer uma oratória.

VOZES: Muito bem! muito bem! Faça uma daquelas.

(Algazarra.)

ZÉ PEDRO: Empunhemos, unidos, a bandeira vermelha do marxismo-leninismo.

"Qual a posição dos comunistas diante dos proletários em geral?" Os comunistas não formam um partido à parte, oposto aos outros partidos operários. "Não têm interesse que os separem do proletariado em geral." Não proclamam princípios particulares,

segundo os quais pretenderiam modelar o movimento operário. Os comunistas só se distinguem dos outros partidos operários em dois pontos: 1) Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade. 2) Nas diferentes fases por que passa a luta entre operários e burgueses, representam, sempre e em toda a parte, os interesses do movimento em seu conjunto.

“Presentemente, os comunistas constituem, pois, a fração mais resoluta dos partidos operários em cada país, a fração que impulsiona as demais; teoricamente têm sobre o resto do proletariado a vantagem de uma compreensão nítida das condições da marcha e dos fins gerais do movimento proletário.”
“O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o dos demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado. Os proletários só têm as suas cadeias a perder e têm um mundo inteiro a ganhar. - Proletários de todo o mundo, uni-vos.

(Zé Pedro sai para a rua. Parte deste discurso pode ser suprimida ou intercalada com outras frases, à guisa de comentário.)

CORONEL MENACÊ: Onde ele aprendeu isso?

PADRE ELIAS: Decorou o Manifesto do Partido Comunista.

CORONEL MENACÊ: Eu já me acostumei com esses movimentos. É o estômago apertar e eles afrouxarem.

ZÉ PEDRO (retornando, da porta para fora): O rumo que temos a seguir...

VOZES: É quebrar! Quebrar todos os tijolos! Quebrar todas as telhas! Quebrar! Quebrar!

CORONEL MENACÊ (acovardado): Padre Elias, o senhor intervirá, não é?

PADRE ELIAS: Não tenho atribuições para invadir a seara da polícia.

ZÉ PEDRO (empolgado, na mesma posição): Não, não quebraremos cacos de telha...

CORONEL MENACÊ: Que alívio...

ZÉ PEDRO: Quebraremos o focinho do prefeito...

D. IRANEIDE (para o coronel Menacê): O prejuízo será menor...

ZÉ PEDRO (no auge): Não quebraremos, não quebraremos... Incendiaremos tudo!

PADRE ELIAS (com energia): Pare!!!

ZÉ PEDRO (para ele): Não se meta...

PADRE ELIAS: Como não me meto! Você pretende estabelecer o caos, e eu não devo me meter no troço?

ZÉ PEDRO: Troço?

PADRE ELIAS: Sim, troço. Esta greve é um troço. Um troço que eu destroçarei.

CORONEL MENACÊ: O senhor é fenomenal, padre Inocência.

PADRE ELIAS (para ele): Cale-se, seu burguês preguiçoso e indolente! Seu gozador repugnante! Seu explorador do esforço alheio! (Coloca-se na porta e brada para a rua.) Irmãos em Cristo! Eu

vos conclamo como irmãos,
porque somos filhos do mesmo
Deus, porque brotamos do
mesmo pó e para o mesmo pó
voltaremos. Conclamo-vos como
irmãos porque vos consagro
afeto, porque participo de vossas
vicissitudes. (Vaias, urras, assobios.)

D. IRANEIDE (interrompendo): Não
estrague a sua cultura. Eles são
analfabetos.

PADRE ELIAS (para dentro): Tem razão.
D. Iraneide, Modificarei o estilo da
pregação. (Para fora.) Cegos!
Bobalhões! Vocês são umas
bestas! Umas bestas quadradas!
Aonde se viu atear fogo numa
fábrica! Por que não ensopam o
prefeito de gasolina e não
"jogam ele" no forno do lixo?!
Existe, no entanto, umas
labaredas que queimam mais
intensamente, que ardem com
mais vigor - são as chamas do
inferno. E para alguém ser torrado
nas brasas infernais não é
imprescindível que morra. O
inferno se acende, um dia, é na
consciência de todo homem
egoísta, de todo ladrão da
pobreza...

VOZES: Muito bem! Muito bem!

PADRE ELIAS: Eu me admiro da vossa
fibra e me torturo com as vossas
privações. É uma desumanidade
o que alguns ricos fazem com
vocês. Por que acumulam tanta
fortuna enquanto milhões de
criaturas vivem na miséria? Feras
insaciáveis e insensíveis! Almas de
gelo! Corações de mármore!!!
(Gritos, vivas.) Irmãos! Os
proletários alimentam,
presentemente, uma indisfarçável

aversão aos sacerdotes católicos.
Por quê? Porque muitos padres,
como retribuição ao dinheiro e
aos benefícios que recebem dos
capitalistas, auxiliam a política
conservadora. Esta política é
conter o desespero dos
trabalhadores escravizados, para
que eles não tomem, pela
violência, o que lhes pertence.
Esta política é justificar a injustiça,
a pretexto de que tudo acontece
pela vontade de Deus. Esta
política é ensinar a resignação
para que não haja a revolução. É
incutir nas mentes que, no céu,
existem deslumbrantes
recompensas para os sofredores
da Terra, a fim de que as massas
não se rebelem. Entretanto, Jesus
não aconselhou aos fracos que se
conformassem com a espoliação
dos fortes. Jesus foi um
revolucionário pacífico em sua
época, e morreu crucificado
porque afrontou os potentados e
os perversos. (Frenéticas
aclamações.) Jesus foi o precursor
do socialismo.

VOZES: Viva o socialismo! Viva o
socialismo de Jesus!

PADRE ELIAS: O Cristo elegeu os seus
apóstolos no seio dos pescadores;
exerceu, em sua adolescência, a
profissão de carpinteiro; percorria
os campos empoeirados e os
casebres longínquos à cata dos
esquecidos para confortá-los;
curava os aleijados; abraçava e
fazia sarar os leprosos; era um
infatigável defensor dos oprimidos;
e se batia pela igualdade de
todos os homens.

VOZES: Viva o novo padre! Viva Jesus!

CORONEL MENACÊ (para D. Iraneide):

Este padre é um agente de Moscou.

ZÉ PEDRO (para Ludovina): Se ele não se desdizer eu assistirei a uma dúzia de Missas.

PADRE ELIAS (arrematando): Meus irmãos, a greve de vocês triunfou. Vão para os seus lares; eu obrigarei o coronel Menacê a elevar os ordenados.

(As vozes diminuem gradativamente e se extinguem.)

CORONEL MENACÊ: Que anarquia!

PADRE ELIAS (para ele): O senhor tem que abortar esta majoração de salário.

D. IRANEIDE (distráida): Abortar?... É para abortar?...

CORONEL MENACÊ (para o padre Elias): Não, não e não.

PADRE ELIAS: Pois eu vou dizer...

CORONEL MENACÊ: É uma falsidade!

D. IRANEIDE: O quê?

CORONEL MENACÊ: O que ele vai dizer.

PADRE ELIAS: E o que é que eu vou dizer?

ZÉ PEDRO (para o coronel Menacê): Nós incendiaremos a olaria numa hora em que o senhor esteja lá dentro.

PADRE ELIAS (para Zé Pedro): Não cacareja!

LUDOVINA: Quando teremos o derradeiro ato desta comédia?

D. IRANEIDE: Que sufocação!...

PADRE ELIAS (para o coronel Menacê): Como é, dá ou não dá? (Mutismo e prolongada expectativa.) A Ludovina está gra...

CORONEL MENACÊ: Eu dou, padre, eu dou.

PADRE ELIAS: Já?...

CORONEL MENACÊ: Se eu der mais de

oitenta por cento faliremos.

ZÉ PEDRO: Se não for cem por cento não aceitaremos.

CORONEL MENACÊ: Não ponderei que faliremos? A minha falência será ruínosa para todos vocês. Que diferença faz vinte por cento?

ZÉ PEDRO: Ou cem por cento ou a olaria se transformará num fogareiro...

PADRE ELIAS (para Zé Pedro): Aceite os oitenta por cento.

ZÉ PEDRO: Não, não aceito.

PADRE ELIAS: Aceita ou não aceita?

ZÉ PEDRO: Não.

PADRE ELIAS: A D. Iraneide está grávida...

ZÉ PEDRO (rápido): Combinado, coronel Menacê. Oitenta por cento. Aliás, como o senhor anda aperreado, chega setenta por cento...

CORONEL MENACÊ: Agora sim, Zé Pedro, você provou que é um líder. Um líder setenta por cento, digo, cem por cento. (Caindo em si.) A Iraneide grávida???

(Zé Pedro recua assustado.)

D. IRANEIDE (tremendo): É...

PADRE ELIAS: É...

CORONEL MENACÊ: Fabuloso!!! Monumental!!! Minha velha, dá cá uma beijoca! (Beija-a.) Depois de tantos anos o tratamento deu resultado?! Padre Elias, que coisa espetacular! (Abraça-o.) Ludovina, não me parabeniza? (Aperta a mão dela.) Zé Pedro, um abraço para o amigo do peito.

(Abraça-o.)

PADRE ELIAS (num desafogo): Deus seja louvado!

ZÉ PEDRO: Amém.

CORONEL MENACÊ (para D. Iraneide):
Organizaremos uma festança do
arromba para comemorar o
evento.

D. IRANEIDE (melíflua): É, meu bem...

LUDOVINA: Quando será o forrobodó?

CORONEL MENACÊ: Semana que vem.

PADRE ELIAS: E se coincidissem com o
casamento de D. Nazaré e seu
Euzébio?

D. IRANEIDE: Magnífico.

LUDOVINA: Não haverá esta festa!

D. IRANEIDE: Por quê?

PADRE ELIAS (para Ludovina): Não
estrague...

CORONEL MENACÊ (idem): Duplicarei a
sua mesada; amanhã receberá
seis meses adiantados.

LUDOVINA: Estou grávida!

CORONEL MENACÊ: Até logo para
todos. Vou assinar as portarias...
(Caminha para a porta, à direita.)

ZÉ PEDRO: Grávida???

(O coronel Menacê estanca.)

LUDOVINA: Sim...

PADRE ELIAS: Sim...

ZÉ PEDRO (tenso, num misto de alegria,
ceticismo e angústia): Por que me
escondeu, Ludovina? (Corre para
o coronel Menacê que retrocede,
temeroso.) Me dê um abraço que
também vou ser pai. (Para
Ludovina.) Meu amor, você, sim, é
uma santa milagrosa. (Beija-a.)
Ontem me apareceu uma
colocação de capataz, na usina,
casaremos.

LUDOVINA (hesitante): Que bom!...
Fecharei a pensão...

CORONEL MENACÊ (imitando o padre
Elias): Deus seja louvado!

PADRE ELIAS: Por que não casam logo?

PADRE ELIAS (para Ludovina): Se lhe
agradar...

LUDOVINA (para ele): Se lhe convier...

PADRE ELIAS: Realizaremos os dois
casamentos e a comemoração
do coronel Menacê em um só
dia.

TODOS: É.

PADRE ELIAS: O coronel Menacê
batizará o menino.

ZÉ PEDRO: O nome dele será Stalin.

CORONEL MENACÊ (para o padre
Elias): Por que não batizará o
senhor?

PADRE ELIAS: Não, o padrinho é como
um segundo pai. Se a criança
fica órfã, o padrinho tem
obrigação de guiar seus passos.
Eu não poderia...

ZÉ PEDRO: Por quê?

PADRE ELIAS: Calculo que o Arcebispo
escolherá outro padre para dirigir
esta paróquia. Sou muito...

LUDOVINA: O senhor não irá!!!

D. IRANEIDE: Rogaremos ao Arcebispo.

ZÉ PEDRO: Provocarei uma greve
monstruosa, de toda a cidade,
para reivindicar a sua
permanência.

CORONEL MENACÊ: Decretarei luto
oficial por três dias e enviarei uma
comissão de vereadores para
protestar.

PADRE ELIAS: Vocês me comovem com
este carinho.

ZÉ PEDRO: O senhor devia ser
sacerdote na Rússia...

CORONEL MENACÊ: Eu o nomearei
Conselheiro Vitalício da Prefeitura.

LUDOVINA: Ajudarei o senhor no
Apostolado da Oração.

D. IRANEIDE: Iguamente eu.

PADRE ELIAS: Obrigado, obrigado...

Coronel, pode ir assinar as suas
portarias. (Todos se despedem e
saem à direita, confraternizando-

se.) Meu Deus, que fiz?... Como viverão eles com os filhos trocados? Eu deveria ter dito a verdade? Devemos sempre dizer a verdade?... (Para a imagem do oratório.) Um dia te perguntaram, Jesus, o que era a verdade, e tu

respondeste com silêncio... Será pecado ocultarmos um pecado para evitarmos mais pecados?... Oh!, Mestre, o maior de todos os pecados é não contribuirmos para que todas as criaturas sejam felizes!...

FIM

ESTA PEÇA SÓ PODERÁ SER APRESENTADA, NO TODO OU EM PARTE, SEJA POR QUE PROCESSO FOR, MEDIANTE AUTORIZAÇÃO EXPRESSA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais, **livres de pagamento de direitos autorais.**

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1123, 8º andar – Tel.: (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los – sem compromisso – à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

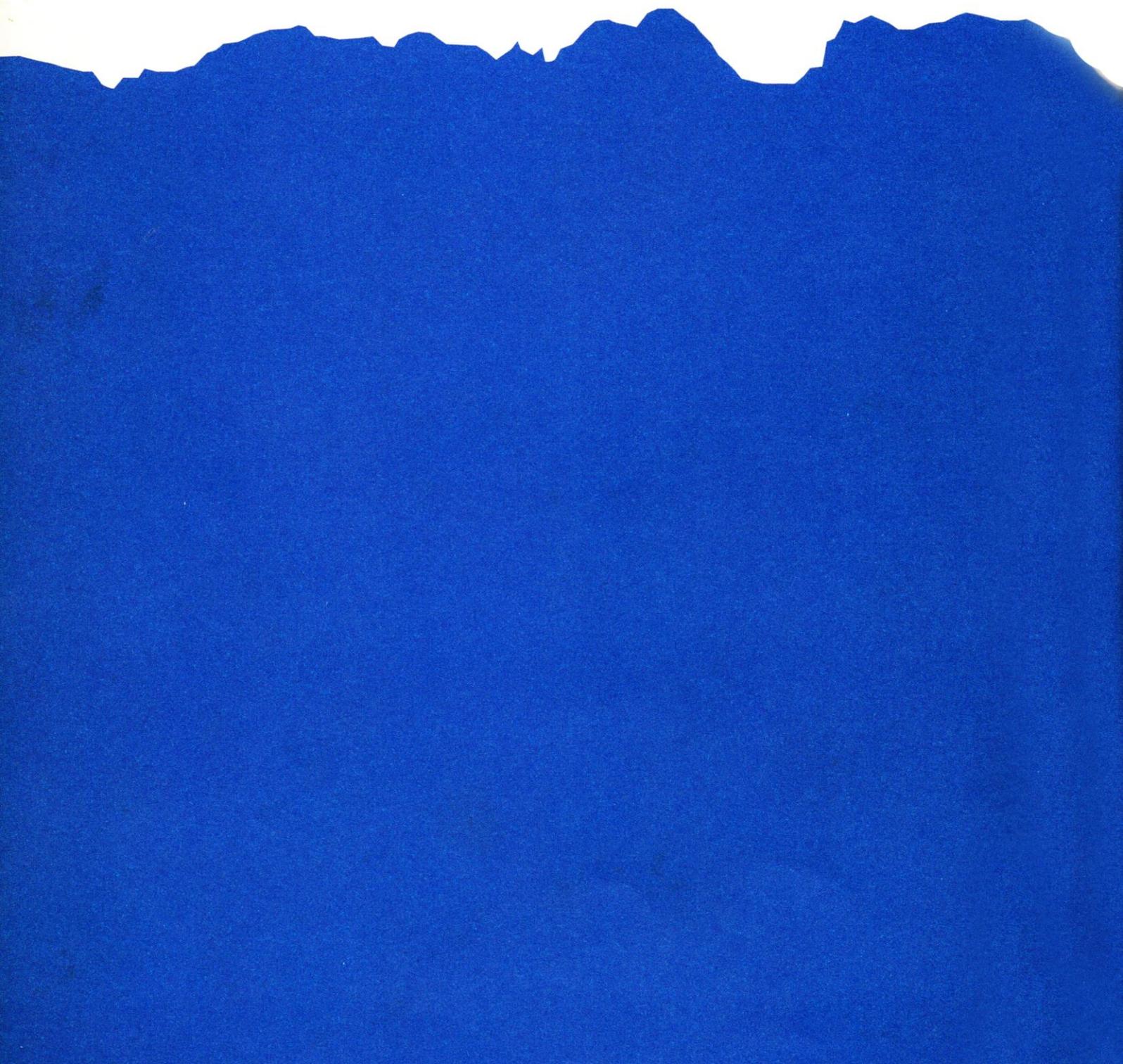
Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua da Consolação, 2333, 9º andar
Cep.: 01301-980 – São Paulo – SP**



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE